

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**A FORMAÇÃO DO LEITOR E AS OBRAS INDICADAS  
PARA OS VESTIBULARES**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Tiane Reusch de Quadros**

Santa Maria, RS, Brasil  
2007

# **A FORMAÇÃO DO LEITOR E AS OBRAS INDICADAS PARA OS VESTIBULARES**

**por**

**Tiane Reusch de Quadros**

Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Literários, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Letras**

**Orientadora: Profa. Dra. Rosani Úrsula Ketzner Umbach**

Santa Maria, RS, Brasil  
2007

*Em essência, a leitura caracteriza-se como um dos processos que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidades de transformação sócio-cultural futura. E, por ser um instrumento de aquisição, transformação e produção do conhecimento, a leitura, se acionada de forma crítica e reflexiva dentro ou fora da escola, levanta-se como um trabalho de combate à alienação, capaz de facilitar às pessoas e aos grupos sociais a realização da liberdade nas diferentes dimensões da vida.*

*Ezequiel Teodoro da Silva.*

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Artes e Letras  
Programa de Pós-Graduação em Letras**

A comissão organizadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado

**A FORMAÇÃO DO LEITOR E AS OBRAS INDICADAS PARA OS  
VESTIBULARES**

elaborada por

**Tiane Reusch de Quadros**

como requisito parcial para a obtenção do grau de

**Mestre em Letras**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Rosani Umbach  
(Presidente/Orientadora)

---

Prof. Dr. Amarildo Luiz Trevisan (UFSM)

---

Profa. Dra. Maria da Glória Bordini (UFRGS)

Santa Maria, 15 de junho de 2007.

Para a minha família, por todo amor, paciência nos momentos difíceis e pelo incentivo constante aos meus estudos;

Para o meu namorado Robert, pela compreensão e auxílio que foram indispensáveis durante o curso de Mestrado.

O apoio de vocês foi fundamental para que a conclusão desse trabalho fosse possível.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho:

À direção das escolas pesquisadas, por possibilitar a realização das entrevistas;

Às professoras e aos alunos de Ensino Médio participantes desta pesquisa;

Aos colegas do grupo de pesquisa Literatura e Autoritarismo, especialmente ao João Luis e ao Lizandro, pelas contribuições;

Aos professores do Curso de Mestrado em Letras;

Aos funcionários do Curso de Mestrado em Letras, Jandir e Irene;

À professora Rosani, minha orientadora, pelo apoio e confiança;

Aos amigos, pelas opiniões e incentivo;

Aos meus tios Ailton e Adriana;

À Michele e ao Carlos, por terem acompanhado esta trajetória.

## RESUMO

Dissertação de Mestrado

Programa de Pós-Graduação em Letras

Universidade Federal de Santa Maria

# **A FORMAÇÃO DO LEITOR E AS OBRAS INDICADAS PARA OS VESTIBULARES**

AUTORA: TIANE REUSCH DE QUADROS

ORIENTADORA: ROSANI ÚRSULA KETZER UMBACH

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 15 de junho de 2007

Levando em conta as propostas da LDB para o Ensino Médio, este estudo propõe uma reflexão acerca do trabalho com a disciplina de Literatura Brasileira, especialmente no que se refere às obras indicadas para os processos seletivos da Universidade Federal de Santa Maria (PEIES e Vestibular). A existência dos exames vestibulares para ingresso ao Ensino Superior é um fator decisivo na elaboração dos conteúdos programáticos das escolas, visto que muitos estudantes pretendem realizar as provas. Buscou-se nessa pesquisa verificar se os vestibulares e demais processos seletivos como o PEIES constituem-se como barreiras no ensino de Literatura Brasileira, ou se existem formas de trabalhar com textos indicados pela universidade sem que outros conteúdos e objetivos da disciplina sejam prejudicados. Procurou-se também observar a existência da preocupação em relacionar as obras estudadas com o contexto atual da sociedade por parte dos professores, por acreditar-se que esta pode ser uma maneira de instigar os estudantes a pensarem criticamente sobre o mundo que os cerca. A primeira parte do capítulo inicial consiste na análise de fragmentos de entrevistas realizadas com professoras de Literatura Brasileira que trabalham com o terceiro ano do Ensino Médio na cidade de Santa Maria. O objetivo é constatar a percepção das mesmas em relação ao trabalho com a disciplina e com as obras literárias. Foram escolhidas para a realização da pesquisa duas escolas da rede pública de Ensino, uma da rede particular e uma escola técnica vinculada à UFSM. Buscou-se também verificar a maneira pela qual os alunos se relacionam com a disciplina de Literatura Brasileira e com as obras indicadas para o PEIES e o vestibular através de um questionário. A segunda etapa desse trabalho constitui-se de uma análise das obras *Terras do sem-fim* e *Contos gauchescos*, destacando-se questões significativas dentro dos livros em questão que poderiam ser tomadas como pontos de partida para uma aproximação entre o texto literário e a realidade do aluno. O trabalho de interpretação proposto é apresentado em contraste com o relato de professores acerca de seu trabalho com as referidas obras. No terceiro capítulo, são retomadas algumas questões abordadas ao longo da pesquisa com o intuito de buscar uma qualificação do ensino de Literatura Brasileira no Ensino Médio. Somente com uma constante reavaliação das práticas educativas será possível obter melhorias na formação de leitores críticos e apreciadores da obra literária.

Palavras - chave: literatura brasileira; ensino médio; vestibular.

## **ABSTRACT**

Dissertation of Master's degree  
Program of Master's degree in Letters  
Federal University of Santa Maria

### **THE FORMATION OF READER AND THE INDICATED BOOKS FOR ENTRANCE EXAMS**

Author: Tiane Reusch de Quadros  
Teacher Advisor: Rosani Úrsula Ketzner Umbach  
Presentation date and place: Santa Maria, June 15, 2007.

Considering the proposals of LDB for the High School, this study proposes a reflection about the work with the subject matter of Brazilian Literature, specifically referring to the books indicated to the entrance selective processes of the Federal University of Santa Maria (PEIES and vestibular). The existence of entrance exams to access the College is a decisive factor in the definition of the contents that have been taught in High Schools because lots of students intend to take such exams. This research checks whether the entrance exams and other entrance selective processes like PEIES are barriers in the teaching of Brazilian Literature. It also searches for ways of working with the books indicated to the entrance exams without compromising other contents and goals of the subject matter. It was also observed whether teachers were willing to correlate the books used in Brazilian Literature with the current society's context, because we believe this can be a way to motivate students to think critically about the world around them. The beginning of chapter one consists of an analysis of fragments of an interview made with Brazilian Literature teachers who work with third grade of High School in Santa Maria city. The goal is to identify how they deal with the work with the subject and with literary books. Two public schools, one private and one technical school associated to UFSM were chosen to be part of this research. A questionnaire was also used to check the way students relate themselves with studies of Brazilian Literature and with the books indicated to PEIES and UFSM college entrance exam. The second part of this research is made up by the analysis of two literary books called Terras do sem-fim and Contos gauchescos. The focus is on significant points of those books, which could be taken as starting points for an approach between the literary book and the student's reality. The interpretation study proposed in the paper is presented in contrast to the interview made with teachers about their work with those literary books. In the third chapter some points covered through out the research are revisited in order to get a qualification of the Brazilian Literature teaching in High School. Only with a constant reevaluation of the teaching practices it will be possible to achieve improvements in the formation of readers and of people who like literary works.

Key - words: brazilian literature; high school; entrance exams.



## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

- Figura 1 - Comparação entre as escolas referente à importância da disciplina de Literatura Brasileira..... 32
- Figura 2 - Comparação entre as escolas referente às obras estudadas no Ensino Médio..... 34

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>1. O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO LEITOR .....</b>	<b>10</b>
<b>1.1. Os professores e o trabalho com a disciplina de Literatura Brasileira .....</b>	<b>13</b>
1.1.1- A opinião das professoras sobre as obras indicadas para o PEIES e o Vestibular .....	25
<b>1.2. Os adolescentes e sua relação com as obras literárias .....</b>	<b>30</b>
1.2.1- A importância da disciplina de Literatura Brasileira.....	31
1.2.2- A recepção das leituras indicadas no Ensino Médio .....	33
1.2.3- O que os alunos lêem.....	35
<b>2. TERRAS DO SEM-FIM E CONTOS GAUCHESCOS: POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÃO EM SALA DE AULA .....</b>	<b>42</b>
<b>2.1. Terras do sem-fim.....</b>	<b>44</b>
2.1.1- Poder, dinheiro e ambição: Terras do sem-fim e suas relações com o contexto atual .....	48
<b>2.2. Contos gauchescos .....</b>	<b>62</b>
2.2.1- Os valores do gaúcho no conto <i>Trezentas Onças</i> .....	66
2.2.2- Experiência e memória no conto <i>O boi velho</i> .....	73
<b>3. A LITERATURA BRASILEIRA NO ENSINO MÉDIO: UMA REFLEXÃO ACERCA DOS PROPÓSITOS DA DISCIPLINA.....</b>	<b>79</b>

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....88**

**ANEXOS .....92**

## INTRODUÇÃO

Entre as finalidades do Ensino Médio encontra-se, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”<sup>1</sup>. No que se refere especificamente ao ensino de Literatura Brasileira, a LDB<sup>2</sup> (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) traz, entre seus objetivos,

Analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura, de acordo com as condições de produção/recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação de idéias e escolhas).<sup>3</sup>

Levando em conta as propostas da LDB para o Ensino Médio, este estudo tem como objetivo propor uma reflexão acerca do trabalho com a disciplina de Literatura Brasileira, especialmente no que diz respeito às obras indicadas para os processos seletivos da Universidade Federal de Santa Maria (PEIES<sup>4</sup> e vestibular).

A existência dos exames vestibulares para ingresso ao Ensino Superior é um fator decisivo na elaboração dos conteúdos programáticos das escolas, visto que muitos estudantes pretendem realizar as provas. Conseqüentemente, as exigências das escolas refletem-se no trabalho do professor, que se sente pressionado a preparar seu aluno para entrar na universidade. Ocorre então que, além de estar apto a atender às expectativas relacionadas ao vestibular, o professor precisa cumprir os objetivos primordiais da disciplina ligados às propostas da LDB, entre esses, o desenvolvimento do pensamento crítico.

---

<sup>1</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais I: bases Legais**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 1999. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996, art. 35, parágrafo III.

<sup>2</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nesse trabalho, será citada a sigla LDB.

<sup>3</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais II: Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 1999, p. 42

<sup>4</sup> Programa Experimental de Ingresso ao Ensino Superior. Trata-se de uma avaliação semelhante ao vestibular, porém, realizada ao final de cada um dos três anos do Ensino Médio. Nesse trabalho, será utilizada a sigla PEIES para sua referência.

Portanto, procura-se verificar no presente trabalho em que medida isso é possível nas escolas pesquisadas. Busca-se saber se, para as professoras, os vestibulares e demais processos seletivos como o PEIES constituem-se como barreiras no ensino de Literatura Brasileira, ou se existem formas de trabalhar com as obras indicadas pela universidade sem que outros conteúdos e objetivos da disciplina sejam prejudicados. Procura-se também observar a existência da preocupação em relacionar as obras estudadas com o contexto atual da sociedade por parte das professoras, por acreditar-se que esta pode ser uma maneira de instigar os estudantes a pensarem criticamente sobre o mundo que os cerca.

Candido afirma que, na medida em que a literatura nos interessa também como experiência humana, e não apenas como produção de obras consideradas projeções, desperta inevitavelmente o interesse pelos elementos contextuais. De acordo com o autor, esses elementos, tanto quanto a estrutura, nos dizem respeito de perto, porque somos levados a eles pela preocupação com a nossa identidade e o nosso destino, sem contar que a inteligência da estrutura depende em grande parte de saber como o texto se forma a partir do contexto. O crítico reconhece que isso nos afasta de uma visão científica, mas salienta que é difícil deixar de lado os problemas individuais e sociais que dão lastro às obras e as amarram ao mundo onde vivemos<sup>5</sup>.

No primeiro capítulo deste trabalho, que está subdividido em duas partes, são feitas algumas considerações acerca da formação do leitor e do papel da escola no processo de aprendizagem, tendo como referência autores da área de Educação e Literatura. Esse estudo tem como base as idéias de Hans Robert Jauss, que destaca o papel do leitor na constituição da obra literária, bem como a importância da “fruição estética”. De acordo com Jauss, o prazer estético vivenciado pelo leitor é o primeiro passo da experiência estética, do contato com uma obra literária, pois ocorre antes de qualquer tentativa de interpretação e significado e da reconstrução da intenção de seu autor.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação cultural do homem. In: \_\_\_\_\_. **Textos de intervenção**. Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades, 2002.p.79

<sup>6</sup> JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (Org). **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 46

Henry Giroux, autor também citado no presente estudo, enfatiza “a importância do pensamento crítico, argumentando ser esta uma característica construtiva da luta pela auto-emancipação e pela mudança social”.<sup>7</sup> Giroux argumenta que os estudantes devem aprender a compreender as possibilidades transformadoras da experiência. Segundo o autor, os professores devem tornar o conhecimento escolar relevante para as vidas de seus alunos e, além disso, tornar a experiência também problemática e crítica, através do questionamento da mesma. O direcionamento crítico é necessário para ajudar os educandos a reconhecerem as implicações políticas e morais de suas próprias experiências<sup>8</sup>.

O conceito de teoria crítica enfatizado por Giroux refere-se à natureza de crítica autoconsciente e à necessidade de se desenvolver um discurso de transformação social e de emancipação que não se afigure dogmaticamente a seus próprios princípios doutrinários. Em outras palavras, a teoria crítica refere-se tanto a uma “escola de pensamento” quanto a um processo de crítica. Ela aponta para um corpo de pensamento que seria, na opinião do autor, valioso para os teóricos educacionais; ela também exemplifica um corpo de trabalho que tanto demonstra como simultaneamente exige uma crítica contínua, uma crítica na qual as reivindicações de qualquer teoria devem ser confrontadas com a distinção entre o mundo que ela examina e descreve e o mundo como realmente se apresenta.<sup>9</sup>

Os autores Hans Robert Jauss e Henry Giroux apresentam divergências em alguns de seus pontos de vista, porém, no presente trabalho ambos são citados levando em conta o papel do leitor na constituição da obra literária. Destaca-se a importância da fruição estética defendida pela estética da recepção e, no que se refere a Giroux, enfatiza-se a importância do pensamento crítico no processo de aprendizagem.

Da perspectiva educacional, pode ser considerado importante partir da questão do prazer de ler para instigar a reflexão crítica, pois, quanto mais o leitor apreciar a obra lida,

---

<sup>7</sup> GIROUX, Henry. **Teoria crítica e resistência em educação**. Trad. Ângela Maria M. Baggio. Petrópolis: Vozes, 1983.p.23

<sup>8</sup> GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 16 e 17

<sup>9</sup> GIROUX, Henry. **Teoria crítica e resistência em educação**. Trad. Ângela Maria M. Baggio. Petrópolis:Vozes, 1983. p.22

mais fácil será para o professor realizar o trabalho de interpretação em sala de aula. O aluno que lê somente pela necessidade de ser aprovado pode adquirir o hábito de ler apenas quando preciso, mas o prazer de ler pode levar o estudante a tornar-se um leitor para a vida toda. O leitor que aprecia a leitura terá mais possibilidades de desenvolver uma leitura crítica das obras literárias, em função de sua identificação com os temas abordados.

A primeira parte do capítulo inicial consiste na análise de fragmentos de entrevistas realizadas com quatro professoras de Literatura Brasileira que trabalham com o terceiro ano do Ensino Médio na cidade de Santa Maria, a fim de constatar a percepção delas em relação ao trabalho com a disciplina e com as obras literárias. O questionário (anexo 1) utilizado como base para as entrevistas constitui-se de oito questões subjetivas abrangendo o contexto geral da disciplina, e duas questões específicas, referentes às obras **Terras do sem-fim** (1943) de Jorge Amado (indicada para o vestibular 2005 e 2006) e **Contos gauchescos** (1912), de Simões Lopes Neto (indicada para o PEIES 2005 e 2006). Os depoimentos das professoras relacionados às duas obras em questão são comentados no segundo capítulo desse trabalho. As transcrições das entrevistas realizadas com as professoras encontram-se no final (anexo 4) deste trabalho, porém, no decorrer da pesquisa apenas alguns fragmentos das falas foram comentados de acordo com os objetivos deste estudo.

Foram escolhidas para a realização da pesquisa duas escolas da rede pública de Ensino, uma da rede particular e uma escola técnica vinculada à UFSM. Privilegiou-se a escolha de redes de ensino diferentes para constatar possíveis semelhanças e diferenças no trabalho com a disciplina de Literatura. A divergência entre realidades pode interferir no processo de recepção, pois existe a idéia de que escolas públicas possuem poucos recursos materiais em comparação às escolas privadas, enquanto se supõe que estas possuem mais restrições quanto à autonomia no trabalho do professor, apesar de serem mais bem providas de recursos.

Quanto à escola técnica, optou-se por incluí-la na pesquisa em função de que, por pertencer a uma universidade federal, talvez possa estar mais comprometida com os programas do PEIES e vestibular da instituição. Considerando as realidades mencionadas,

verifica-se ao longo do trabalho se estas hipóteses preestabelecidas em relação às instituições predominam no contexto pesquisado.

Na segunda parte do primeiro capítulo, são apresentados e analisados os dados de uma pesquisa realizada com alunos de terceiro ano do Ensino Médio da cidade de Santa Maria, pertencentes às turmas das professoras entrevistadas. Buscou-se, com esse estudo, verificar a maneira pela qual os alunos se relacionam com a disciplina de Literatura Brasileira e com as obras indicadas para o PEIES e o vestibular. O referido questionário constitui-se de cinco questões de múltipla escolha (anexo 2). A escolha do terceiro ano se deve ao fato de que, nessa etapa do Ensino Médio, os alunos já terão tido contato com uma série de obras e autores literários e, portanto, é possível que tenham uma visão mais ampla sobre os conteúdos da disciplina de Literatura Brasileira. Além disso, por ser o período final dos estudantes na escola e por anteceder aos exames vestibulares para muitos, a preocupação com o ingresso ao Ensino Superior pode ser muito acentuada em relação às outras séries em que o aluno ainda está se adaptando a uma nova disciplina que não fazia parte do Ensino Fundamental. Os questionários foram respondidos por 30 alunos de cada escola, totalizando 120 estudantes. Uma amostra de 10 questionários por escola consta em anexo (anexo 5). Para as finalidades desta pesquisa não foram levados em conta fatores como sexo e idade, apenas buscou-se comparar as respostas entre as redes de ensino.

Verifica-se também se as obras indicadas pela UFSM atendem às expectativas do leitor de Ensino Médio, tomando por base os princípios da estética da recepção, que prega a importância da “compreensão fruidora e da função compreensiva na experiência primária de uma obra de arte”<sup>10</sup>. Não foram feitas questões referentes às duas obras específicas aos estudantes. Preferiu-se apenas deixar a opção de citar uma obra que estes apreciaram estudar na disciplina e outra obra que foi lida por eles, objetivando assim obter respostas livres quanto à preferência desse público leitor. A listagem das obras indicadas pela UFSM nos anos de 2005 e 2006 constam no final do trabalho (anexo 3).

---

<sup>10</sup> JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luis Costa (Org). **A literatura e o leitor**: Textos de Estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.p.46



Devido à proximidade do vestibular no terceiro ano, os professores podem ser mais enfáticos na preparação dos alunos para a prova, deixando em segundo plano o desenvolvimento do potencial crítico. Por essa razão, procurou-se analisar essa etapa do Ensino Médio, enfatizando o aspecto de que, mesmo às vésperas do ingresso à universidade, a escola não deve deixar de comprometer-se com o desenvolvimento humano dos estudantes, permitindo que uma percepção crítica da realidade social possa ser desenvolvida.

As abordagens metodológicas quantitativa e qualitativa são empregadas nesta pesquisa uma vez que, inicialmente, os dados referentes aos alunos são apresentados em forma de gráficos para que se visualize os número de respostas alcançadas nas questões. Posteriormente, contudo, realiza-se uma análise qualitativa dos dados para que se possa compreender aspectos psicológicos cujos dados não poderiam ser coletados por outros métodos devido à complexidade que envolve a pesquisa<sup>11</sup>. Sendo esta uma pesquisa de campo que envolve a opinião de estudantes e professores, é preciso ir além dos números para chegar a uma análise mais aprofundada dos resultados.

O segundo capítulo consiste no estudo das obras **Terras do sem-fim**, de Jorge Amado, e **Contos gauchescos**, de Simões Lopes Neto, destacando-se questões significativas dentro dos livros em questão que poderiam ser tomadas como pontos de partida para uma aproximação entre o texto literário e a realidade do aluno. Em **Contos gauchescos** são analisados os contos *Trezentas onças* e *O boi velho*.

A escolha das referidas obras na composição do *corpus* desta pesquisa se deve ao fato de que cada uma integra um dos processos seletivos da UFSM e ambas são estudadas no terceiro ano do Ensino Médio. Além disso, **Contos gauchescos** faz parte da literatura do Rio Grande do Sul, enquanto **Terras do sem-fim** enfoca aspectos culturais de outra região do país. O romance **Terras do sem-fim**, de Jorge Amado, retrata a trajetória de pessoas que saem de seu local de origem em busca de prosperidade e riqueza em Ilhéus, na Bahia, a terra

---

<sup>11</sup> OLIVEIRA, Sílvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica**. São Paulo: Pioneira, 1999. p. 115 e 116.

do cacau, ao passo que **Contos gauchescos** é uma reunião de vários contos que retratam aspectos da vida no Rio Grande do Sul, entre esses a linguagem típica e o folclore do estado.

O conto *Trezentas onças*, assim como a obra **Terras do sem-fim**, tematiza as relações de poder e a questão do dinheiro, porém, ao contrário do romance, no qual as personagens são inescrupulosas, no conto existe uma relação de fidelidade entre patrão e empregado. Já no conto *O boi velho* destaca-se a valorização da experiência e da memória do passado. Com as exigências da vida prática, muitas vezes valoriza-se o que é considerado novo e tudo o que é visto como velho possui a tendência de ser descartado. Tanto os contos como o romance servem como ponto de partida para uma análise das relações dos seres humanos com o mundo que o cerca.

De acordo com Bordini e Aguiar, a formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra. Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito. Mesmo diante de qualquer texto que a escola lhe proponha como meio de acesso a conhecimentos que ele não possui em seu ambiente cultural, há a necessidade de que as informações textuais possam ser referidas a um *background* cujas raízes estejam nesse ambiente. Portanto, a preparação para o ato de ler não é apenas visual-motora, mas requer uma contínua expansão das demarcações culturais da criança e do jovem.<sup>12</sup>

Constatar em que medida o aluno de Ensino Médio apresenta necessidades de identificação cultural com as obras estudadas está entre os objetivos desse estudo, sem deixar de levar em conta que o diálogo entre culturas é fundamental em sala de aula, por ser um espaço de discussão de valores universais do ser humano e não somente de aspectos específicos de uma região. Nesse sentido, Trevisan afirma:

A cultura demonstra possuir uma fonte inesgotável de entendimento comum das diversas formas de vida, enquanto identidade que aproxima da idéia de pertença a uma mesma humanidade. Ao mesmo tempo, essa situação não pode servir de ameaça à existência de múltiplas culturas, mas é a sua condição, pois elas podem se reconhecer enquanto tal na abertura do diálogo com o outro. O conhecimento de

---

<sup>12</sup> BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p.16

outras culturas torna-nos, pois, conscientes da singularidade da nossa própria cultura, mas também da existência de um patrimônio comum ao conjunto da humanidade.<sup>13</sup>

A produção literária gaúcha, visto que estamos no Rio Grande do Sul, jamais deve ser esquecida no âmbito escolar, pois isso geraria certa frustração dos estudantes, bem como dos professores, por não obterem uma identificação imediata com aspectos culturais da obra literária, tal como apontam as autoras Bordini e Aguiar. A identificação com o texto literário é necessária. No entanto, a escola deve ser um espaço de diálogo. É possível dar ênfase à literatura local desde que possa existir o contraste com a produção de outras regiões, afinal, somente através do conhecimento de semelhanças e diferenças entre realidades que o aluno poderá construir uma identificação maior com o seu próprio meio social.

O trabalho de interpretação proposto no segundo capítulo é apresentado paralelamente com o relato das professoras acerca de seu trabalho com as obras **Terras do sem-fim** e **Contos gauchescos**. É importante salientar que este estudo não tem por objetivo desvalorizar o trabalho das professoras entrevistadas, nem tampouco afirmar que as sugestões apresentadas no presente trabalho são superiores às práticas desenvolvidas no contexto escolar. O que se pretende é destacar as formas de trabalho que possam desenvolver o pensamento crítico dos alunos. O trabalho desenvolvido em sala de aula é analisado com vistas a perceber se o enfoque utilizado pelas professoras prioriza a relação entre texto literário e contexto social, bem como a criticidade na interpretação das obras.

As sugestões apresentadas neste estudo são feitas para mostrar que a pesquisa acadêmica também deve desenvolver propostas, além de destacar o que é válido ou não no trabalho das escolas. Esse trabalho visa a contribuir não com soluções prontas, mas com uma reflexão sobre as práticas educativas na disciplina. É importante apontar idéias novas, mas também é preciso voltar o olhar para o que está sendo realmente feito nas instituições de ensino.

---

<sup>13</sup> TREVISAN, Amarildo Luiz. Hermenêutica da alteridade educativa. In: TREVISAN, Amarildo Luiz. TOMAZETTI; Maria Elisete. (Orgs). **Cultura e Alteridade**: confluências. Ijuí: UNIJUI, 2006.p. 140-141.

No terceiro capítulo deste trabalho, procura-se repensar as questões abordadas ao longo da pesquisa com o intuito de buscar uma qualificação do ensino da disciplina de Literatura Brasileira no Ensino Médio. Somente com uma constante reavaliação das práticas educativas será possível obter melhorias na formação de leitores críticos e apreciadores da obra literária.

## 1. O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Aprender a ler significa muito mais do que juntar letras formando palavras, decodificando o texto escrito. Esse é apenas o primeiro passo de um processo que continua ao longo de toda a vida. Aliás, desde os primeiros anos de existência, o ser humano começa a “ler” o mundo a sua volta. A “leitura do mundo”, tão mencionada pelo educador Paulo Freire, inicia na infância, mas se segue no decorrer dos anos, nas experiências da vida adulta.

Quando já se possui uma percepção aguçada sobre o universo circundante, passa-se a aprender um novo gênero de leitura: a leitura da palavra escrita. Mas quando se aprende a ler palavras, o processo de leitura dos fatos, da vida, do cotidiano não se encerra. Pelo contrário, a aprendizagem de uma leitura deve complementar a outra. Freire afirma:

A compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto.<sup>14</sup>

Parece que, à medida que o tempo passa, ocorre um processo de “descriticização” na vida das pessoas. Assimilam-se informações, que imediatamente já são esquecidas e substituídas por outras, e não há tempo de refletir sobre os acontecimentos. Lêem-se jornais, assiste-se a noticiários na televisão, mas ler livros não é uma prática assídua de muitas pessoas. A quantidade de informações que chega aos lares todos os dias faz com que a “leitura do mundo” seja uma leitura rápida, de pura decodificação ou simples reconhecimento dos fatos. Realiza-se apenas uma leitura acrítica, sem comprometimento com a reflexão.

---

<sup>14</sup> FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 39. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p.11

A verdadeira leitura é aquela que, segundo Paulo Freire “implica sempre percepção crítica”<sup>15</sup>. Porém, as duas leituras que, segundo o autor, deveriam complementar-se, a leitura da palavra e a leitura do mundo, estão ficando, de certa forma, ausentes da vida do ser humano. Buscam-se primordialmente informações, e o conhecimento fica em segundo plano. O ritmo de vida no espaço urbano faz com que a subjetividade fique suprimida pelos compromissos e pela avalanche de acontecimentos cotidianos.

Jameson argumenta que, numa cultura tão completamente dominada pelo visual e pela imagem como a nossa, a própria noção de experiência estética é muito reduzida ou muito ampla, pois a experiência estética está em todos os lugares, saturando a vida social e cotidiana<sup>16</sup>. Essa afirmação vai ao encontro das idéias de Benjamin, quando este afirma que todas as peças do patrimônio humano, uma após a outra, foram por nós empenhadas muitas vezes a um centésimo de seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do “atual”.<sup>17</sup>

Qual seria o papel da escola diante desse cenário, em que as pessoas não conseguem refletir sobre tantas informações que lhes são transmitidas diariamente? O que pode fazer a educação por uma sociedade que se distancia cada vez mais da leitura? Se a cultura visual no contexto da sociedade de hoje ameaça a auto-reflexão e o pensamento crítico, teremos que redefinir, de acordo com Giroux, nossas noções de alfabetismo e confiar muito na cultura impressa para ensinar às pessoas os rudimentos do pensamento crítico e da ação social. Em vez de formular o alfabetismo em termos de domínio de técnicas, o autor defende que devemos ampliar seu significado para incluir a capacidade de ler criticamente, tanto dentro como fora de nossas experiências, e com força conceitual.

Isto significa que a alfabetização permitiria que as pessoas decodificassem seus mundos pessoais e sociais e, assim, estimularia sua capacidade de questionar mitos e crenças

---

<sup>15</sup> FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 39. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p.16

<sup>16</sup> JAMESON, Frederic. Transformações da imagem na pós-modernidade. In: \_\_\_\_\_. **A cultura do dinheiro** Ensaio sobre a globalização. Trad. Marcos César Soares e Maria Elisa Cevalco. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. p.102.

<sup>17</sup> BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política.** Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 119.

que estruturam suas percepções e experiências. A análise crítica só acontece quando o conhecimento serve como objeto de investigação, como força mediadora entre as pessoas.<sup>18</sup>

Há diferença entre saber ler e escrever, que significa ser *alfabetizado*, e ser *letrado*. De acordo com Magda Soares, letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais.<sup>19</sup> Segundo a autora, a pessoa que se torna *alfabetizada*, e que passa a fazer uso da leitura e da escrita é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever (*analfabeta*) ou que, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita - é *alfabetizada*, mas não é *letrada*.

A definição de letramento corresponde ao que Paulo Freire afirma acerca da “leitura do mundo”. Segundo o autor, a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou “reescrevê-lo”, ou seja, de transformá-lo em prática consciente<sup>20</sup>. E o papel da escola reside nessa transformação das experiências vividas em conhecimento, pois apesar de o aluno vivenciar as mais diversas situações em sua vida cotidiana, na escola existirá a oportunidade de expressar suas experiências, de contrastar diferentes visões sobre os mesmos fatos. O texto literário na escola de certa forma funciona como uma ponte que liga o indivíduo às suas próprias experiências enquanto ser humano. Através da literatura, podemos vivenciar experiências sem ter passado por elas, podemos nos emocionar, rir, chorar, compreender sentimentos e refletir sobre situações que podem nunca ter sido impostas pela realidade, mas que através dos livros podemos conhecer, e é isso que faz com que a literatura tenha uma função muito significativa na vida das pessoas.

De acordo com Jauss, “o prazer estético que se realiza na oscilação entre a contemplação desinteressada e a participação experimentadora, é um modo da experiência de si mesmo na

---

<sup>18</sup> GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997. p. 120.

<sup>19</sup> SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo horizonte: Autêntica, 2000. p.72

<sup>20</sup> FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 39. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 20

capacidade de ser outro, capacidade a nós aberta pelo pensamento estético”<sup>21</sup>. A Literatura pode proporcionar a capacidade de compreender outros seres humanos através das narrativas, compreender situações e vivenciar sentimentos diversos. Evidentemente que a leitura não substitui experiências reais, mas a pessoa que lê desenvolve melhor suas habilidades de compreensão e interpretação, não só de textos, mas da sociedade da qual faz parte.

Segundo Freire, a memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso é que se a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto, é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela, portanto, resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala.<sup>22</sup>

Quando a interpretação dos textos em aula se dá de forma fechada, somente centrada em aspectos estruturais, a obra literária não se destaca em relação a outras leituras, que podem ser apenas informativas, desprovidas de reflexão. Para realizar uma leitura informal, basta ser alfabetizado. Mas, para que ocorra a leitura crítica, é preciso ir mais além, procurar relações entre as obras lidas e o contexto dos alunos, pois é função da escola instigar a busca de sentidos para o conhecimento.

## **1.1 Os professores e o trabalho com a disciplina de Literatura Brasileira**

Professores de Literatura Brasileira deveriam primar não só pela preparação para o PEIES e vestibular, mas também por proporcionar ao aluno a oportunidade de se tornar verdadeiramente um leitor crítico, como já mencionado. De acordo com a classificação dos níveis de leitura proposta por Zilberman, a leitura crítica na escola é o período que abrange especialmente a 8ª série e o 2º grau, quando o aluno elabora seus juízos de valor e desenvolve a percepção dos conteúdos estéticos. Sensível aos problemas sociais, o jovem interroga-se sobre suas possibilidades de atuação na comunidade adulta. A busca da identidade individual

---

<sup>21</sup> JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (Org). **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 p. 77

<sup>22</sup> FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. p.17



e social e o maior exercício da leitura têm como dividendo uma postura crítica diante dos textos, através da comparação de idéias, da conclusão, da tomada de posições. Livros que abordam problemas sociais e psicológicos interessam ao aluno deste nível, possibilitando-lhe a reflexão e a opção por comportamentos que descobre como mais justos e mais autênticos<sup>23</sup>.

Pode-se perceber, portanto que, apesar de a formação intelectual do indivíduo ter início na infância, nunca é tarde para ir a busca do conhecimento. O adolescente pode tornar-se um leitor em potencial à medida que, fazendo ligações entre a obra literária e o mundo que o cerca, possa atuar criticamente em seu contexto social. A sensibilidade do jovem em relação aos problemas sociais pode e deve ser explorada nas aulas de Literatura Brasileira, justamente por ser uma disciplina que aborda as mais diversas questões dentro das obras estudadas. Outras disciplinas também podem explorar a capacidade de reflexão crítica dos alunos, mas como esse estudo volta-se para os estudos literários, o foco centra-se na disciplina de Literatura Brasileira.

Mesmo que o aluno não tenha vivenciado muitas experiências de leitura literária antes do Ensino Médio, é tarefa do professor despertar a vontade de aprender. O professor deve ser um mediador do aprendizado do aluno em todos os níveis de aprendizagem, desde a infância até a idade adulta. Afirmar que o aluno no Ensino Médio não está apto para desenvolver habilidades de compreensão e interpretação literária significa “lavar as mãos” diante do compromisso de ensinar. Paulo Freire afirma:

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético de ensiná-los. É a decência com o que faço. É a preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, a seu saber de “experiência feita” que busco superar com ele.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> ZILBERMAN, Regina. **A leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 5.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p. 21

<sup>24</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. p. 116

O adolescente possui o seu próprio saber, como define o autor, “de experiência feito”. É interessante conhecer o que lê o aluno de Ensino Médio e, se não lê, o que ele vive em seu cotidiano, para poder aproximá-lo da obra literária. A curiosidade que o aluno possui inicialmente não é caracterizada pelo rigor científico, como afirma Paulo Freire, mas pode levá-lo a um saber mais aprofundado, desde que o professor não deixe de levar em conta que a aprendizagem é um processo, que parte do senso comum para depois se transformar em verdadeiro conhecimento.

Freire salienta que a curiosidade ingênua, de que resulta um certo saber é o que caracteriza o senso comum. Pensar certo, de acordo com o autor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica, ainda, o comprometimento do professor com a consciência crítica do educando cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente.<sup>25</sup>

Muitas vezes, espera-se que o aluno tenha uma habilidade de leitura crítica já desenvolvida no Ensino Médio. Quando isso não ocorre, parece não haver solução. Silva afirma que o caráter propedêutico do ensino brasileiro conjugado ao fenômeno da transferência de responsabilidade (repassa da aprendizagem real dos estudantes para a série ou grau seguinte) faz com que o professor de uma determinada série pressuponha um conjunto de habilidades pré-adquiridas pela classe em séries anteriores. Imagina-se que há uma aquisição prévia de habilidades e o desenvolvimento de uma história de leitura que permitiriam ao aluno o estudo e a fruição de qualquer tipo de texto.<sup>26</sup>

Infelizmente, muitos alunos carregam problemas de aprendizagem que não foram resolvidos de uma série para outra, problemas esses que algumas vezes caracterizam-se apenas pela falta de estímulo. Se existem dificuldades na aprendizagem, é preciso compreender o que impede o aluno de seguir adiante. A descrença do professor diante dos obstáculos pode fazer com que o aluno se sinta incapaz.

---

<sup>25</sup>.FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13.ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. p.32-33

<sup>26</sup> SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 8

O fragmento abaixo faz parte do depoimento de uma professora de Literatura Brasileira da rede pública, que expõe suas dificuldades no trabalho com as obras estudadas no Ensino Médio:

A dificuldade que eu observo, a maior dificuldade, é que a *gurizada* não tem o hábito de leitura e o vocabulário é cada vez mais pobre. Eles encontram uma dificuldade muito grande de interpretar, justamente pela falta de leitura e pelo vocabulário limitado. Então quando eles pegam, por exemplo, **Macunaíma** pra ler, eles têm uma dificuldade enorme, porque falta o conhecimento teórico. Eles se perdem na leitura, e não gostam.

(Entrevista professora B<sup>27</sup> – Escola pública)

A linguagem complexa das obras é percebida como um obstáculo para essa professora, e esse depoimento não constitui nenhuma novidade no contexto escolar, pois muitas vezes parece existir uma grande distância entre a realidade do aluno de Ensino Médio e as obras trabalhadas. A idéia de que existe esse distanciamento entre obra literária e contexto atual surge quando não existe uma tentativa de aproximação entre ambos no trabalho em sala de aula.

Se os alunos possuem um vocabulário limitado, não basta pedir para que leiam uma obra como **Macunaíma** em sua totalidade. O professor precisa interpretar conjuntamente com a turma, fazer um estudo de vocabulário, bem como instigar a interpretação crítica fazendo pontes entre os fatos do mundo atual e as questões refletidas na obra. De preferência, se houver uma obra contemporânea que possa ilustrar o mesmo ponto de reflexão proposto em aula, que seja feito esse contraste. É de suma importância o estabelecimento de relações entre os textos trabalhados em aula e o contexto social dos alunos para que se perceba que, mesmo quando não se tratam de obras contemporâneas, os temas abordados podem permanecer atuais.

---

<sup>27</sup> Nesse trabalho, não serão mencionados os nomes das professoras entrevistadas a fim de preservar a identidade delas. Leia-se, portanto: professora A - Escola pública, professora B - Escola pública, professora C - Escola técnica e professora D - Escola particular.

Segundo Jauss, para a análise da experiência do leitor ou da “sociedade de leitores” de um tempo determinado, é necessário estabelecer a comunicação entre o efeito, como o momento condicionado pelo texto, e a recepção, como o momento condicionado pelo destinatário para a concretização do sentido como duplo horizonte: o interno ao literário, implicado pela obra, e o mundivivencial, trazido pelo leitor de uma determinada sociedade.<sup>28</sup> Para o autor, a obra literária não perde seu valor com o passar do tempo; apenas começa a ser passível de novas interpretações advindas da época, da história de vida e da sociedade na qual o leitor se insere.

Antonio Candido considera essencial a relação dinâmica entre autor, obra e público:

Na medida em que a arte é (...) um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relação entre os três, que formam uma tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador.<sup>29</sup>

No trabalho com a disciplina de Literatura Brasileira, é importante considerar esses três elementos na atribuição de sentido ao estudo da obra literária, pois assim se torna perceptível a finalidade dessa abordagem no âmbito escolar. Jauss entende que a hermenêutica literária tem por tarefa interpretar a relação entre texto e atualidade como um processo, no qual o diálogo entre autor, leitor e novo autor refaz a distância temporal no vai-e-vem de pergunta e resposta, entre resposta original, pergunta atual e nova solução, concretizando-se o sentido sempre doutro modo e, por isso, sempre mais rico.<sup>30</sup>

Somente quando existe o diálogo citado por Jauss é que se concretiza o processo de compreensão da obra literária, pois esta é sempre capaz de produzir novos sentidos, de acordo com a época na qual se insere. Paulo Freire reforça a idéia de que o leitor possui um papel significativo na compreensão de um texto:

---

<sup>28</sup> JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (Org) **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.50

<sup>29</sup> CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1980.p.79

<sup>30</sup> JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (Org). **A Literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.p.50

Não se lê criticamente como se fazê-lo fosse a mesma coisa que comprar mercadoria por atacado. Ler vinte livros, trinta livros. A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. Ao ler não me acho no puro encaixe da inteligência do texto como se fosse ela produção apenas de seu autor ou de sua autora. Esta forma viciada de ler não tem nada que ver, por isso mesmo, com o pensar certo e com o ensinar certo.<sup>31</sup>

Ao afirmar que o texto literário não é apenas produção de seu autor, Paulo Freire destaca a importância do questionamento, da construção de significados que também se dá a partir do leitor, que se torna sujeito nesse processo. De acordo com Freire, portanto, interpretações centradas somente na produção do autor de uma obra não contemplam a compreensão do leitor enquanto sujeito. O ensino de Literatura precisa voltar-se para os diferentes aspectos que constituem a compreensão de um texto, pois não há criticidade quando existe um único foco de atenção.

De acordo com Zilberman, a obra ficcional é uma imagem simbólica do mundo que se deseja conhecer, ela nunca se dá de maneira completa e fechada. Pelo contrário, sua estrutura, marcada pelos vazios e pelo inacabamento das situações e figuras propostas, reclama a intervenção de um leitor, o qual preenche estas lacunas, dando vida ao mundo formulado pelo escritor<sup>32</sup>. Mas na escola, muitas vezes os alunos vêem o texto literário como algo sem ligação com a realidade. Isso traz mais desafios ao trabalho do professor. A professora da rede privada de ensino também expõe suas dificuldades. Ao falar sobre os obstáculos que enfrenta em sua profissão, o desinteresse dos estudantes é citado, como no caso anterior:

Obstáculos? É ver a Literatura Brasileira como um texto fechado, obrigatório, que eles não querem, que eles não gostam.

(Entrevista professora D – Escola particular)

A obrigatoriedade da leitura é um fator que, por si mesmo, gera conflitos em sala de aula e, quanto mais o texto é distanciado do público leitor, mais se criam barreiras no estudo de Literatura. É difícil para o professor aceitar o fato de que o conteúdo que ele precisa

---

<sup>31</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. p.30

<sup>32</sup> ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989. p.19

desenvolver não é agradável, que não é bem recebido pelos alunos. No caso da professora B, a obrigatoriedade é um recurso avaliativo:

A leitura, o prazer de ler, a necessidade do silêncio e do isolamento é incompreensível para eles, totalmente incompreensível que para ler tu tens que estar num momento centrado. Porque é um momento individual, e é um momento também de reflexão. Porque não é só discutir as letras, tu tens que entender o que está além do que está escrito. E realmente, a obrigatoriedade da leitura, eu utilizo como um recurso, avaliando, porque eu não consigo, trinta e poucos alunos, trinta e seis alunos, fazer com que eles gostem...

(Entrevista professora B - Escola pública)

A avaliação parece ser muitas vezes o único fator de motivação para que os adolescentes cumpram com as tarefas escolares. Quando o professor não consegue mais encontrar formas de atrair a atenção e o interesse de seus alunos, avaliá-los consiste numa boa saída. Entretanto, a solução é apenas ilusória, pois os estudantes não terão desenvolvido habilidades de leitura e passarão para a série seguinte com o mesmo desinteresse em relação às obras literárias. Os alunos se sentem desmotivados por não encontrar sentido em realizar atividades às quais são obrigados e, ao mesmo tempo, os professores não conseguem transmitir a real importância do trabalho que realizam.

Bordini e Aguiar sugerem que o trabalho em sala de aula parta das preferências do leitor e que ocorra de maneira dinâmica, do próximo para o distante no tempo e no espaço. Primeiramente, devem ser apresentados textos conhecidos de autores atuais, familiares pela temática apresentada, pelos personagens delineados, pelos problemas levantados, pelas soluções propostas, pela forma como se estruturam, pela linguagem de que se valem. A seguir, gradativamente, deve-se propor novas obras, menos conhecidas, de autores contemporâneos e/ou do passado, que introduzam inovações em alguns dos aspectos citados. Esses procedimentos, inusitados para o leitor, segundo as autoras, rompem sua acomodação e exigem uma postura de aceitação ou descrédito, fundada na reflexão crítica, o que promove a expansão de suas vivências culturais e existenciais.<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p. 25

Dificuldades de concentração, de silêncio em sala de aula podem ser decorrentes dos inúmeros atrativos que os adolescentes possuem a sua disposição. Existem filmes no cinema e na TV, acesso à internet e, portanto, a menos que uma obra literária chame a atenção dos alunos em função de sua identificação com a história narrada, será muito difícil convencer alguns estudantes da importância da leitura. Por isso, as sugestões das autoras Bordini e Aguiar são bastante significativas, uma vez que oportunizam o diálogo e a aproximação das obras com as experiências vivenciadas pelos alunos, e suas preferências são levadas em conta.

Existe também a questão de que, na escola, a dimensão intimista do ato de leitura esbarra com a necessidade de comunicação interpessoal. O livro passa a não ser posse de cada aluno, pois a reunião de muitos sujeitos transforma a leitura numa atividade coletiva, o que ela não é em essência.<sup>34</sup> Isso pode explicar a constatação abaixo:

E o estranho é que, se eu conto a história oralmente, eles gostam. Eu li para eles, para todas as turmas, alguns capítulos eu iniciava, capítulo 1, capítulo 2, e eles acompanhavam. Parece que a leitura em voz alta prende mais a atenção deles.

(Entrevista professora B - Escola pública)

A leitura compartilhada em grupo pode ser um meio mais eficaz de prender a atenção dos estudantes porque todos estarão, ao mesmo tempo, ouvindo a história. O debate sobre os detalhes presentes na obra pode ser mais rico devido a isso. O isolamento para realizar uma leitura silenciosa torna-se mais difícil numa coletividade, portanto oportunizar a leitura em grupo pode ser uma boa opção. Oralmente, é possível adaptar a linguagem do texto para que essa possa ser mais acessível. Mas o professor pode salientar que, embora seja válido ler em conjunto, nada substitui a leitura individual e que, se o estudante conseguir realizá-la, pode ter acesso integral a todos os detalhes da obra, pois alguns podem ser omitidos na leitura oral, além de poder realizar a sua interpretação própria. Cada leitor pode ter percepções diferentes sobre a mesma leitura.

A professora A revela um certo descontentamento em sua fala, ao comparar a sua época de estudantes com os dias atuais:

---

<sup>34</sup> BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p. 37

Se você vai ver hoje a competência lingüística dos alunos para produzir textos, nem se compara com a da minha época. Pelo amor de Deus, na minha época (eu estou com 44 anos) era muito diferente. A gente estudava, não tinha essa história de tornar mais bonito, ou mais lúdico. O que se enfatizava era que o conhecimento implica dedicação, implica disciplina, baixar a cabeça, perder horas ali estudando e entendendo. Hoje não, hoje parece que a culpa, a culpa toda, toda tá no professor e não é assim. A gente vê que a gurizada hoje tem tantos outros atrativos.

(Entrevista professora A - Escola pública)

Luzuriaga considera a educação como um elemento essencial e permanente da vida individual e social, porém salienta que esta não se realizou sempre do mesmo modo e tem variado conforme as necessidades e aspirações de cada época.<sup>35</sup> No mundo atual, os alunos apresentam novas necessidades, e uma delas pode ser a percepção de que a mídia faz parte da vida dos adolescentes de forma cada vez mais acentuada. Por isso, talvez seja tão difícil desenvolver nos jovens a consciência de que a leitura de livros, sobretudo de obras literárias, é importante para seu desenvolvimento intelectual.

As maneiras de ensinar e aprender foram sofrendo transformações ao longo dos anos, não só devido aos estudos pedagógicos que atualmente privilegiam uma interação maior entre educadores e alunos, mas, sobretudo, porque a evolução tecnológica cresce cada vez mais atrelada ao desenvolvimento de novas pedagogias. Habermas denomina *iconic turn* (virada icônica) a transformação cultural pela qual passamos atualmente, ou seja, a virada da palavra para a imagem<sup>36</sup>. A televisão e o cinema, bem como a internet, possuem muito mais atrativos para os adolescentes do que os livros, visto que esses não possuem movimento, imagens, sons, tudo o que está cada vez mais presente na vida das pessoas.

Giroux afirma que a cultura visual é atualmente acessível como modo de comunicação de mão única. Além disso, enquanto força motriz no amoldamento da experiência, ela tem algumas vantagens poderosas quando comparada com a cultura impressa. A cultura visual, especialmente a televisão, situa-se em estímulos táteis, os quais, em combinações e formas diferentes, simulam a realidade de maneira muito próxima. O poder da cultura visual de

---

<sup>35</sup> LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. Tradução e notas de Luis Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. São Paulo: Nacional, 1990. p.2

<sup>36</sup> HABERMAS, Jurgen. **O caos da esfera pública**. Folha de São Paulo, São Paulo, 18 ago, 2006. p. 5 Caderno Mais!



restringir os padrões de pensamento provém, segundo o autor, não apenas das mensagens e mitos que divulga, mas também das técnicas que utiliza.<sup>37</sup>

De acordo com Jameson, a esfera da cultura se expandiu, coincidindo com a sociedade de consumo de tal modo que o cultural já não se limita mais às suas formas anteriores, mas é consumido a cada momento da vida cotidiana, seja nas compras, nas atividades profissionais, nas várias formas de lazer televisuais, na produção para o mercado e no consumo desses produtos. A cultura da imagem está saturando o espaço social.<sup>38</sup>

Diante dessa avalanche de imagens que domina a sociedade atual, a escola deve instigar a reflexão sobre o que tem acontecido com as pessoas no mundo capitalista que prioriza as relações de comércio e acaba por enfraquecer as relações humanas de diálogo e reflexão sobre os fatos. Uma vez que não há como ignorar a existência da supremacia das mídias em nosso cotidiano escolar, assim como em vários setores da sociedade, é preciso promover o diálogo sobre o que transmitem os meios de comunicação. Mesmo que não seja possível a utilização de recursos audiovisuais nas escolas, é possível promover a discussão sobre os fatos, pois é raro que as pessoas não tenham ao menos contato com uma TV ou rádio em sua casa. Isso sem contar a publicidade que nos cerca de todas as formas nas ruas por onde passamos.

Hermenegildo afirma que, no processo da sociedade de massa, o entretenimento é sempre privilegiado e supre as exigências espirituais do indivíduo, que passa a ver-sentir-interpretar o mundo no seu verniz, distante de qualquer possibilidade de intervenção para transformá-lo. Se a superficialidade com que o mundo é percebido ausenta o olhar dialético, não há mesmo por que o indivíduo mover-se na direção de intervir, pois que não discrimina no que agir. Por isso mesmo age em função de uma ordem determinada. O contraditório está sempre ausente no olhar, na percepção e na expressão desse indivíduo que é educado a olhar, perceber e expressar-se sem transcender a trivialidade daquilo que vivencia. O mesmo autor considera que:

---

<sup>37</sup> GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997. p. 118

<sup>38</sup> JAMESON, Frederic. Transformações da imagem na pós-modernidade. In: **A cultura do dinheiro**: Ensaios sobre a globalização. Trad. Marcos César Soares e Maria Elisa Cevasco. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. p. 115.

a fruição estética não se dá numa relação consumista, de apreensão imediata, mas numa experiência que libera os sentidos para aguçar a percepção da realidade. No contexto da indústria cultural esse processo é corrompido e, contrariamente à liberação dos sentidos, uma espécie de estética caduca é imposta à sensibilidade do indivíduo numa perspectiva identificatória e catártica. O próprio sentido já embotado procura ou se satisfaz com sentimentalismos melodramáticos presentes tanto na literatura mais trivial como nas tramas novelescas televisivas ou nas chamadas músicas populares de apelos afetivos medíocres. O que é sempre incitado é a apreensão mais imediata, confundida com simplicidade de entendimento. A sensibilidade, já tão massificada, nem sequer se dá conta das apropriações ideológicas dos sentimentos humanos para adaptar os indivíduos a cumprir seu papel de sujeição e reprodução da ordem vigente.<sup>39</sup>

Muitos dos temas das telenovelas também fazem parte das obras literárias, mas pelo fato de as tramas poderem ser acompanhadas através de imagem e som, o alcance de público é muito maior, assim como nos filmes. De acordo com Giroux, embora seja verdade que, historicamente, a leitura tenha criado um público de classe específica por causa das habilidades técnicas e críticas necessárias para dela fazer uso, o mesmo não pode ser dito da cultura visual, que praticamente eliminou qualquer dependência de um público de classe específica para usar sua tecnologia ou entender suas mensagens. A cultura visual eliminou a necessidade de que qualquer público específico use o tipo de habilidades críticas e discriminatórias que são necessárias para acercar-se de um modo de comunicação.<sup>40</sup>

Por ser a cultura visual acessível a todos, as habilidades de leitura são deixadas de lado por muitas pessoas. Porém, mais do que a falta de leitura, o problema maior encontra-se na simples recepção das imagens sem julgamento crítico, o que nos leva de volta à questão da “leitura do mundo” que não deve ser esquecida em sala de aula. De acordo com Costa, as imagens substituem cada vez mais as palavras. A representação da realidade, concepção de sociedade e de homem cada vez mais é perpassada por uma totalidade articulada pelos *mass media* que agem na formulação de pré-sensibilizações.<sup>41</sup>

---

<sup>39</sup> HERMENEGILDO, Luiz Fabiano. Indústria cultural e educação estética: reeducar os sentidos e o gesto histórico. In: ZUIN, Antonio Álvaro; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. **A Educação danificada: contribuições à Teoria crítica da educação**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 168

<sup>40</sup> GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997. p. 116

<sup>41</sup> COSTA, Belarmino César Guimarães da. Comunicação mediática no processo de mundialização da cultura. In: ZUIN, Antonio Álvaro; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. **A Educação danificada - contribuições à Teoria crítica da educação**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 189

Os meios de comunicação fazem parte do dia-a-dia dos alunos, que “lêem” à sua maneira a mídia a sua volta. Por que não questionar essas leituras visuais na escola com vistas a recuperar também a leitura da palavra escrita? Certamente, não é o professor o único responsável pelo desenvolvimento das aulas, uma vez que grande parte do êxito nos estudos está na dedicação dos alunos. Porém, é importante considerar que muitas vezes os professores conquistam o interesse dos alunos pela sua maneira de dar aula.

Fazer relações entre obras literárias e filmes não é algo novo no campo educacional e é uma prática que produz bons resultados. Além disso, se a escola possuir recursos como laboratório de informática, os alunos podem visitar sites na internet que tratam de obras literárias e inúmeros assuntos relacionados à leitura e ao contexto social em que vivemos.

O domínio da cultura visual em nossa sociedade pode se refletir no desinteresse dos adolescentes pela leitura. Muitos professores, a exemplo da professora B, não conseguem incentivar seus alunos à leitura integral das obras estudadas em aula:

Eu lembro que quando eu conversava com um dos meus professores ele dizia “se tu tens trinta e seis, trinta e oito e tu tens dois que gostam te dá por satisfeita, já tá bom”. Porque senão é difícil, nem todos gostam. Eu sempre digo: “vão até a página cinquenta. Se na cinquenta vocês não conseguiram entrar na história, então larguem”.

(Entrevista professora B - Escola pública)

O desânimo dos professores frente à realidade da não-leitura dos adolescentes gera o conformismo ilustrado no depoimento acima. Como parece impossível fazer com que todos leiam, o foco se direciona para uma minoria que já desenvolveu o gosto pela leitura. Muito provavelmente, os alunos que apreciam a leitura foram incentivados desde a infância pela família. Contudo, os demais estudantes que não tiveram uma educação voltada para a leitura em casa, não podem ser deixados de lado na escola. Uma atitude de exclusão como essa em sala de aula vem a reforçar o descaso diante de uma realidade que precisa ser modificada. Paulo Freire afirma que a educação é uma forma de intervenção no mundo, e essa intervenção implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante como seu desmascaramento.<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. p. 110.

A realidade brasileira da falta de leitura não será modificada com atitudes de exclusão nas quais apenas poucos estudantes são atendidos em suas necessidades, pois isso apenas contribuirá para o reforço da idéia de que grande parte da população não é culta, e, portanto, não é capaz de desenvolver uma consciência crítica em torno dos fatos da vida em sociedade.

Não se constitui em mérito algum manter o foco apenas na minoria e deixar de lado um grande número de alunos que, justamente por não terem desenvolvido o hábito da leitura, precisam de uma atenção redobrada em sala de aula. Aconselhar os estudantes a lerem apenas até determinada página que “suportarem” demonstra que até mesmo a professora não acredita na possibilidade de que as leituras por ela sugeridas sejam atrativas para os adolescentes. A atitude entusiasmada do professor frente ao seu trabalho pode ser de grande valia para que os objetivos da disciplina sejam alcançados.

Afinal, se os alunos já não possuem interesse pela leitura, de nada adiantará freqüentar aulas de uma disciplina na qual o professor se dá por vencido diante das dificuldades. Certamente não é fácil incentivar a todos, mas é nos obstáculos que residem os desafios.

#### 1.1.1- A opinião das professoras sobre as obras indicadas para o PEIES e o vestibular

Ao serem questionadas a respeito das obras indicadas para os processos seletivos da UFSM, as professoras revelam uma certa insatisfação quanto aos conteúdos propostos. No depoimento abaixo, a professora B afirma:

Me sinto extremamente amarrada na questão dos conteúdos, tanto ao PEIES quanto ao vestibular. Com relação aos obstáculos que eu enfrento, há uma cobrança do aluno. Acho muito difícil essa abordagem do PEIES, acho que deveria ser o inverso. Acho que nós deveríamos começar no primeiro ano com uma literatura contemporânea, para quando eles tiverem mais maturidade, maior conhecimento do que é literatura, falar então de Literatura informativa, de Literatura Portuguesa, no terceiro ano. Acredito que, se não fizer o inverso, cada vez a gente está distanciando mais eles. No primeiro ano, na minha sala, os alunos têm entre 14 e 16 anos. Eles nunca tiveram Literatura, então, para eles, Literatura significa ler livros. E ler o que eles querem apenas, dentro do gosto deles. Eu acho completamente natural a rejeição que eles têm dessa Literatura.

(Entrevista professora B – Escola pública)

A professora D, da escola privada, também sugere uma inversão dos conteúdos:

Acho que as cartas do Pero Vaz de Caminha, aquela Literatura do Anchieta, mesmo a do Vieira, são bastante cansativas e afastavam os alunos, com certeza, da Literatura. Quando a Literatura começa a ficar interessante, que é no terceiro ano, eles estão indo embora. Então eu acho que uma inversão, já no primeiro ano seria fundamental. Eu até diria assim, uma inversão quase total dos autores, porque os modernistas, principalmente os autores de crônicas são mais próximos dos alunos.

(Entrevista professora D – Escola particular)

A percepção de que o interesse dos alunos está mais voltado para as obras contemporâneas leva as professoras a criticarem as proposições do PEIES e do vestibular de uma abordagem cronológica dos conteúdos. No entanto, a inserção de outros textos em aula, que não somente os sugeridos pela universidade pode e deve ser feita, justamente porque os alunos precisam reconhecer na Literatura uma proximidade com suas experiências de vida, como já exposto.

A universidade propõe para a disciplina de Literatura Brasileira conteúdos determinados para cada série, o que não impede que o professor julgue necessário trabalhar com outras obras literárias juntamente com as leituras sugeridas. A metodologia de trabalho parte das escolas, e é compreensível que exista uma grande preocupação em atender às propostas dos vestibulares, visto que muitos alunos desejam preparar-se para entrar em uma universidade. Porém, existem outros objetivos propostos pela LDB que não podem ser esquecidos, e um deles é desenvolver a criticidade e a autonomia do pensamento, que está sendo enfatizado constantemente nesse trabalho.

Quanto à cobrança do aluno, torna-se difícil para o professor saber como proceder, pois esse mesmo aluno que deseja passar no vestibular e exige o cumprimento dos conteúdos também acaba muitas vezes demonstrando certa insatisfação na leitura das obras. Conforme depoimento da professora A, literatura para alguns alunos significa ler somente livros que eles apreciam, e quando percebem que a disciplina não traz o que eles esperam, vem a decepção. Contudo, se houver uma abordagem instigante dos conteúdos em sala de aula,

talvez seja possível trabalhar as obras sugeridas pela universidade sem deixar de desenvolver o potencial crítico dos alunos.

É possível fazer comparações entre leituras que são apreciadas pelos adolescentes com os textos obrigatórios. É comum surgir entre os alunos a idéia de que somente as produções contemporâneas trazem assuntos atuais e que obras literárias mais antigas não podem tratar de temas relevantes por não terem sido escritas recentemente. Por isso, cabe ao professor chamar a atenção para o valor atemporal das questões tematizadas pela Literatura. Uma obra atual pode tratar do mesmo tema de outra mais antiga, porém de forma diferente. O diálogo sobre semelhanças e diferenças na abordagem de um assunto pode despertar a consciência do leitor, fazendo com que este passe a valorizar as obras literárias por perceber que elas abordam muito mais questões relacionadas à vida do ser humano do que ele poderia supor.

Ao se sentirem pressionadas pelas sugestões de vestibulares e até mesmo por cobranças dos pais, dos alunos e da escola, as professoras perdem sua autonomia na abordagem dos conteúdos. A sociedade como um todo precisa valorizar mais o professor, assim como o profissional também precisa conquistar o seu espaço, mostrando que é possível realizar um bom trabalho apesar das dificuldades e das tarefas impostas. Giroux afirma que ao encarar os professores como intelectuais dignificamos a capacidade humana de integrar o pensamento e a prática, destacando a essência do que significa perceber os professores como profissionais reflexivos. Dentro desse discurso, os professores podem ser vistos não simplesmente como operadores profissionalmente preparados para atingirem metas a serem apresentadas. Em vez disso, eles deveriam ser vistos como homens e mulheres livres, com uma dedicação especial aos valores do intelecto e ao fomento da capacidade crítica dos jovens.<sup>43</sup>

Nos depoimentos relacionados ao PEIES e ao vestibular, as professoras foram enfáticas também no aspecto de que é pouco privilegiado o estudo das obras literárias gaúchas. O fragmento abaixo revela o descontentamento de uma das professoras da rede pública:

---

<sup>43</sup> GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997. p. 160.

Eu acho um absurdo a universidade não privilegiar a nossa literatura daqui do Rio Grande. Esse eu acho o ponto mais triste. As obras que são pedidas eu acho que falta muito, e os alunos sentem isso. Porque quando eles perguntam onde nasceu, quando a gente está trabalhando Erico Verissimo, onde nasceu Erico Verissimo, eu digo “no Rio Grande, é coisa nossa, gente!”, pronto, eles se interessam. A obra mais bem trabalhada que eu tive com eles foi a obra do Erico Verissimo. Então eu acho que, nesse sentido, falta.

(Entrevista professora A – Escola pública)

O descontentamento da professora é justificado, não só pela sua opinião, segundo ela, mas também pela opinião dos alunos, que *sentem* o quanto não é valorizada a literatura do Rio Grande do Sul em sala de aula. Parece que o fato de saber que um autor é gaúcho desencadeia um interesse maior por parte dos leitores quando a professora conta que, depois que os alunos souberam que Erico Verissimo nasceu no Rio Grande do Sul, eles passaram a gostar da aula. Estudar a literatura da região seria, portanto, um fator motivador para a turma.

Segundo Freire, o respeito à questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos, é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, e é problema que não pode ser desprezado.<sup>44</sup>

A professora C também concorda com o fato de que é importante o estudo de obras gaúchas:

Eu gosto muito de trabalhar com os autores gaúchos, como Luís Antônio de Assis Brasil, Luís Fernando Veríssimo. Eu acho que primeiro a gente precisa conhecer o que nós fizemos, para depois conhecer que os outros fizeram. Não acho que isso é ser bairrista. Eu acho que tem que começar por aí, eles tem que ler autores que têm algo de mais parecido com eles, e por isso mesmo que eu gosto de trabalhar com autores gaúchos, tem um autor muito bom que surgiu agora recentemente, o Alcir Cheuiche, muito bom escritor, mora aqui perto, em Caçapava do Sul. Então a gente tem que valorizar o que é nosso, e tem os escritores aqui de Santa Maria também.

(Entrevista professora C – Escola técnica)

---

<sup>44</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. p. 47.

A LDB propõe, entre seus objetivos, recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial.<sup>45</sup> É preciso que o aluno se reconheça de alguma maneira no texto lido para que se justifique, para ele, o ato de ler. O adolescente precisa encontrar um propósito para as ações que realiza, sobretudo na escola, onde existe a permanente necessidade de cumprir deveres, nem sempre vistos como algo que levará a alguma finalidade. O fato de uma obra literária possuir aspectos com os quais o leitor se identifique pode contribuir para que este passe a despertar um interesse maior no que se refere ao hábito da leitura.

Na definição de Warnier, “a identidade é o conjunto dos repertórios de ação, de língua e de cultura que permitem a uma pessoa reconhecer sua vinculação a certo grupo social e identificar-se com ele”<sup>46</sup>. No entanto, a escola não pode centrar-se apenas na literatura gaúcha. Assim como o aluno precisa da identidade cultural proporcionada pelo estudo de autores regionais, a diversidade existe dentro da Literatura Brasileira. A questão do “bairrismo” mencionada pelas professoras existe no contexto pesquisado uma vez que o depoimento das entrevistadas revela uma escolha pessoal na abordagem dos conteúdos da disciplina. São professoras gaúchas que apreciam mais o trabalho com obras locais e por isso, talvez, tendem a influenciar os estudantes em sua identificação com as leituras em sala de aula.

Mais do que o reconhecimento de valores próprios da cultura sul-rio-grandense na Literatura, existem questões universais que abrangem diversas obras literárias. O Brasil é um país que possui muitas diferenças entre uma região e outra e é por isso que, na tentativa de englobar obras da Literatura Brasileira como um todo, a disciplina não pode enfatizar somente uma literatura regional. Sidekun afirma que dialogar com as culturas é, antes de tudo, aceitar o Outro em seu contexto cultural e superar os complexos das divergências cultivados pelos preconceitos<sup>47</sup>.

---

<sup>45</sup> BRASIL. Ministério da educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais II: Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 1999. p. 42

<sup>46</sup> WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. Trad. Viviane Ribeiro. São Paulo, EDUSC, 2000. p. 16.

<sup>47</sup> SIDEKUN, Antonio. Cultura e Alteridade. In: TREVISAN, Amarildo Luiz; TOMAZETTI, Maria Elisete. (Orgs). **Cultura e alteridade: confluências**. Ijuí: UNIJUI, 2006. p.116.



Existe a necessidade de uma aproximação, no trabalho em sala de aula, com uma realidade que é vivenciada pelo aluno em sua região, mas, ao mesmo tempo é necessário perceber que certos aspectos fundamentais da vida do ser humano são abordados em diferentes obras literárias. A identificação do leitor com os textos pode ser possível, não só a partir do reconhecimento de valores que fazem parte de seu contexto regional, mas também a partir de uma visão mais ampla do ser humano como um todo. Independente da localidade na qual se insere, o indivíduo compartilha experiências e valores culturais com toda a humanidade.

Nos parâmetros curriculares nacionais, encontra-se a afirmação de que “compreender as diferenças não pelo ‘caráter folclórico’, mas como algo com o qual nos identificamos e que faz parte de nós como seres humanos, é o principal para aceitar aquilo que não sabemos”.<sup>48</sup> Se não houvesse diferenças culturais entre os povos, não seria possível reconhecer afinidades com uma cultura determinada, pois não existiria a possibilidade de comparação. O ser humano se torna mais consciente de suas próprias convicções através do conhecimento de outras formas de pensar. Sidekun destaca que “o outro está dentro, e não fora do nosso contexto cultural. Isso é o princípio fundamental do reconhecimento da diversidade cultural em face da educação”.<sup>49</sup> Assim sendo, iniciar o trabalho em sala de aula com obras literárias gaúchas pode ser bastante positivo, pois parte do mais próximo, do que é familiar, para que depois se possa partir para o mais distante em aspectos culturais. Privilegia-se o que é próprio da região, sem desmerecer a literatura de outras localidades do país.

## 1.2 Os adolescentes e sua relação com as obras literárias

A história de leitura de cada pessoa é constituída de formas diversas. Família, amigos, meio social, condições financeiras, tudo contribui para que o indivíduo se torne um leitor em potencial. O processo de aquisição do hábito de leitura é contínuo, segue-se ao longo de toda

---

<sup>48</sup> Brasil. Ministério da educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais II: Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 1999. p. 41

<sup>49</sup> SIDEKUN, Antonio. Cultura e Alteridade. In: TREVISAN, Amarildo Luiz. TOMAZETTI, Maria Elisete. (Org). **Cultura e Alteridade: confluências**. Ijuí, UNIJUI, 2006. p. 121

a vida. E a escola passa a fazer parte desses fatores que colaboram para a formação do leitor no momento em que a criança passa a frequentá-la.

Durante todo o Ensino Fundamental, textos literários são inseridos nas aulas de Língua Portuguesa, mas é somente no Ensino Médio que a literatura passa a ter um lugar de destaque na escola, dentro da disciplina de Literatura Brasileira. Levando isso em conta, optou-se nesse estudo por verificar a opinião dos estudantes quanto ao lugar que a literatura ocupa em suas vidas, sua relação com as leituras indicadas para o PEIES e vestibular, bem como com demais obras literárias com as quais possuem a oportunidade de entrar em contato. Uma vez que algumas professoras foram ouvidas durante a realização dessa pesquisa, julgou-se necessário conhecer um pouco da visão dos alunos sobre o estudo das obras literárias. Sem que o ponto de vista dos estudantes fosse também considerado, restaria uma lacuna entre os objetivos dessa pesquisa, pois a discussão referente ao trabalho com a disciplina ficaria vazia de sentido.

Os gráficos que se seguem nesse capítulo revelam os resultados obtidos em pesquisa realizada no ano de 2005 com alunos de quatro escolas de Santa Maria, sendo duas delas da rede pública, uma da rede particular e uma escola técnica. O questionário proposto (anexo 2) foi respondido por um total de 163 alunos, que pertenciam às turmas das professoras entrevistadas para esse trabalho.

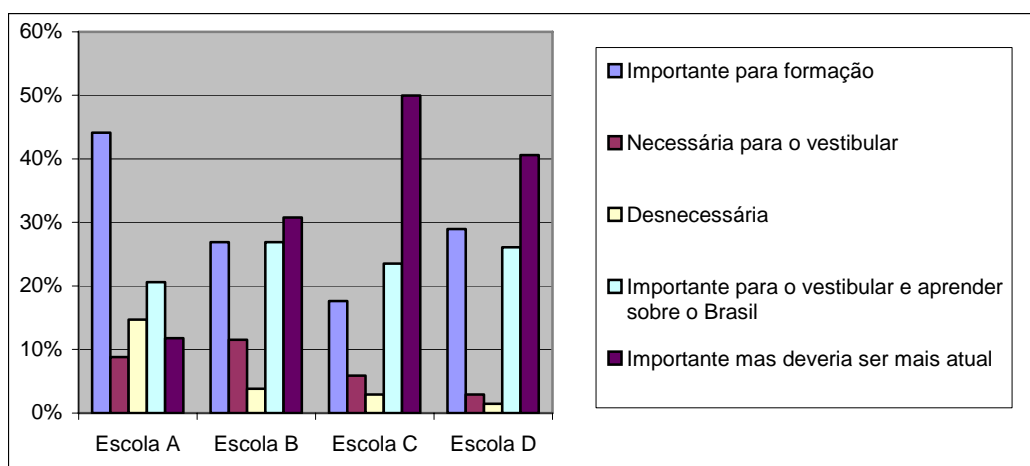
### 1.2.1 A importância da disciplina de Literatura Brasileira

A primeira questão proposta aos alunos se refere à importância que os mesmos atribuem ao estudo de Literatura. As escolas A e B pertencem à rede pública de ensino e, ao contrário das hipóteses levantadas inicialmente nesse trabalho, o fato de estas serem menos providas de recursos não impede que os alunos desenvolvam uma consciência positiva em relação ao estudo das obras literárias. Muitas vezes, o trabalho dos professores e o desempenho dos alunos nas escolas públicas são julgados negativamente.

De acordo com Popper, “a ciência nunca persegue o fim ilusório de que suas respostas sejam definitivas ou mesmo prováveis. Seu avanço dirige-se, ao contrário, para o fim infinito

e ainda assim atingível de sempre descobrir problemas novos”.<sup>50</sup> Portanto, a descoberta de que existem aspectos positivos a serem destacados no contexto pesquisado mostra que apesar dos problemas, podem existir bons exemplos a serem seguidos. Assim sendo, todas as respostas obtidas nesse trabalho que contrariam as hipóteses iniciais são bem-vindas.

Observando-se a figura 1 que constitui uma comparação entre as escolas participantes da pesquisa, percebe-se que um total de 89% dos estudantes valoriza o estudo da Literatura Brasileira: 44% dos alunos da escola A, 27% da escola B, 18% da escola C e 29% da escola D. As escolas A e B pertencem à rede pública, a escola técnica é representada pela letra C e a escola D pertence à rede privada de ensino. Esse resultado mostra que os alunos das escolas pesquisadas são bastante conscientes quanto ao que é necessário para a sua formação intelectual. A hipótese de que a escola privada, por possuir mais recursos, tem condições de realizar um bom trabalho com os alunos se confirma.



**Figura 1- Comparação entre as escolas referente à importância da disciplina de Literatura Brasileira.**

O fato de os alunos se mostrarem conscientes quanto ao valor da disciplina é animador, pois contraria a idéia de que os jovens não apreciam o estudo da Literatura. Porém, não podemos ignorar que os alunos sentem necessidade de uma contextualização maior, uma maior aproximação das obras com a realidade por eles vivenciada. Apesar de

<sup>50</sup> POPPER, Karl R. A lógica da investigação científica. In: SCHILICK, Moritz; CARNAP, Rudolf; POPPER, Karl. **Coletânea de textos**. São Paulo: Abril Cultural, 1975. p. 384 Coleção *Os pensadores*.

valorizarem o estudo da disciplina, os alunos sentem falta de uma motivação maior para dedicar-se a ela.

Talvez o problema da falta de identificação com as obras estudadas em aula se deva mais às metodologias utilizadas, que certas vezes limitam-se a uma contextualização histórica entre obras e períodos, do que propriamente às leituras indicadas. Tanto que os alunos reconhecem a importância da disciplina, mas sentem dificuldades em relacionar os textos literários com o contexto atual. Isso significa que a abordagem das obras pode não estar levando a um aprofundamento maior na interpretação a ponto de o aluno conseguir estabelecer relações entre o que é importante como conteúdo escolar e o que é necessário para a sua vida, para uma maior compreensão do mundo que o cerca.

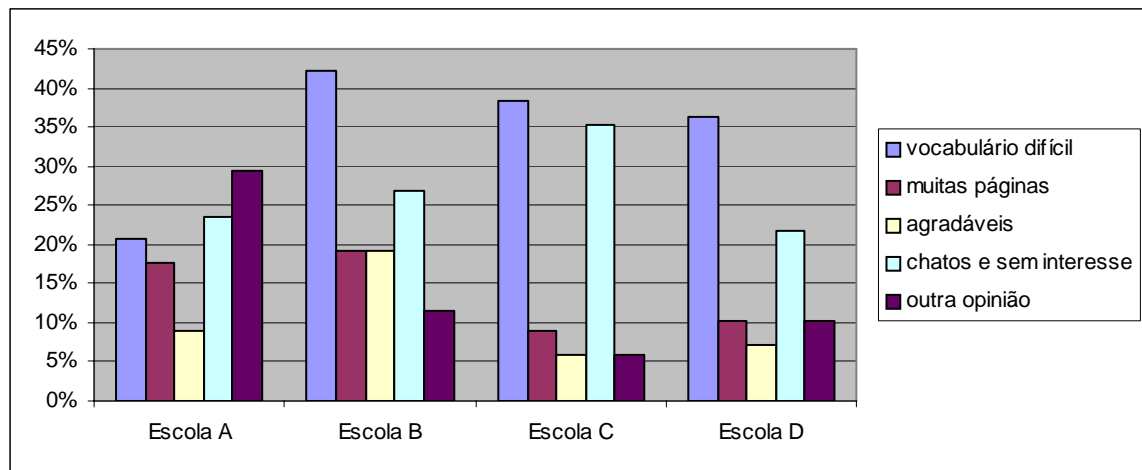
Bordini e Aguiar propõem uma metodologia que considere as necessidades do aluno enquanto leitor numa sociedade em transformação<sup>51</sup>. Dessa forma, a interpretação crítica das obras literárias pode ser uma contribuição muito significativa para a construção de valores sociais e humanos dos estudantes, pois se a importância da disciplina já é reconhecida pelos alunos, não são necessárias grandes revoluções no ensino. Uma atenção maior dispensada às necessidades da turma pode ser um pequeno passo que permitirá melhorias quanto à recepção das leituras por parte dos estudantes.

### 1.2.2 A recepção das leituras indicadas no Ensino Médio

A figura 2 reflete a opinião dos estudantes sobre as obras literárias estudadas dentro da disciplina de Literatura Brasileira:

---

<sup>51</sup> BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p. 40



**Figura 2 - Comparação entre as escolas referente às leituras indicadas no Ensino Médio**

Ao realizar-se uma comparação entre os resultados, é possível notar que a questão do vocabulário complexo é uma constante entre os estabelecimentos de ensino. É possível crer, portanto, que houve falhas nas séries anteriores quanto à exigência de estudo lexical, ou, então, pode-se atribuir essa resistência dos estudantes ao pouco contato com a leitura de obras literárias.

Muitos alunos também optaram pela alternativa de que as leituras indicadas são chatas e sem interesse, o que pode estar relacionado à falta de identificação com os temas tratados pelas obras, pela aparente falta de ligação das narrativas com a atualidade. A influência da mídia na vida dos adolescentes também é um fator que contribui para o desinteresse dos estudantes em relação à leitura.

A dificuldade em desenvolver os conteúdos propostos é um problema que ocorre tanto na rede particular quanto na rede pública. De acordo com Bordini e Aguiar, o primeiro passo para a formação do hábito da leitura seria a oferta de livros próximos à realidade do leitor, que levantem questões significativas para ele. A literatura brasileira e a literatura infanto-juvenil nacionais vêm preencher esses quesitos ao fornecerem textos diante dos quais o aluno facilmente se situa, pela linguagem, pelo ambiente, pelos caracteres das personagens, pelos

problemas colocados. A familiaridade do leitor com a obra geraria, assim, predisposição para a leitura e o conseqüente desencadeamento do ato de ler.<sup>52</sup>

Por mais difícil que seja trabalhar sem que os alunos tenham vencido as etapas necessárias em séries anteriores, é preciso continuar, mesmo que isso exija mais do professor, pois após o terceiro ano, a universidade é o próximo passo. E o ensino superior exige de qualquer aluno, de qualquer área, habilidades de leitura crítica, ainda que mínimas.

### 1.2.3 O que os alunos lêem

Respeitar a leitura do mundo, segundo Paulo Freire, é a maneira correta que tem o educador de, *com* o educando e não *sobre* ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de inteligir o mundo<sup>53</sup>. Saber o que lêem os estudantes é uma forma de aproximação, de diálogo entre professor e aluno para que se possa compreender a relação que os adolescentes constroem com a leitura, numa sociedade repleta das mais diversas formas de comunicação muitas vezes mais atrativas que os livros.

A última questão proposta aos alunos foi: “Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?”. A maioria dos alunos respondeu que não lê com muita frequência, mas às vezes realiza alguma leitura. Entre as obras mais lidas pelos estudantes estão: **O analista de Bagé** (1981), de Luís Fernando Veríssimo, **O alquimista** (1988), de Paulo Coelho, **Fortaleza Digital** (1998), de Dan Brown, **Harry Potter** (2000), de J. K. Rowling e **O código Da Vinci** (2003), de Dan Brown. Os alunos citaram também autores e obras indicados para o PEIES e vestibular, tais como **Contos gauchescos** (1912), de Simões Lopes Neto, **Vidas Secas** (1938), de Graciliano Ramos, **A rosa do povo** (1945), de Carlos

---

<sup>52</sup> BORDINI, Maria da Glória. AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p.18

<sup>53</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. p. 138.

Drummond de Andrade, **Laços de Família** (1960), de Clarice Lispector e **Feliz Ano Novo** (1975), de Rubem Fonseca.

Na rede pública, acentua-se a preferência por autores gaúchos. Já na rede privada, o gênero crônica foi bastante citado. As obras indicadas para o vestibular foram as mais citadas na escola técnica e na rede privada. Os *best-sellers* foram mencionados em todas as redes de ensino. Entre *best-sellers*, autores contemporâneos e, principalmente gaúchos, portanto, alguns livros que fazem parte do programa do Ensino Médio integram as leituras dos adolescentes.

A presença de algumas leituras indicadas para o PEIES e vestibular entre as obras citadas remete a uma possível influência da escola e das professoras, pois devido à necessidade de realizar os vestibulares, alguns alunos lêem os textos integralmente. Outra hipótese a ser considerada é a de que, por não terem o hábito de ler, alguns alunos tenham citado nomes de livros comentados em aula, para demonstrar na pesquisa que se dedicam aos estudos. Quanto aos autores gaúchos, além da própria identificação cultural do leitor, existe o incentivo das professoras à valorização dos aspectos locais enfatizados pelas produções literárias.

Autores de crônicas, como Martha Medeiros e Luís Fernando Veríssimo, citados pelos alunos, além de serem autores regionais, tematizam questões da atualidade em seus textos e partem muitas vezes de fatos simples da vida cotidiana, o que leva a uma identificação com os temas. As crônicas são textos mais curtos e, portanto, podem permitir uma receptividade maior numa sociedade que se caracteriza pelo imediatismo.

Quanto aos *best-sellers*, que foram muito lembrados pelos adolescentes de todas as redes de ensino, destacam-se entre as obras mais lidas da atualidade justamente pela grande divulgação da mídia e pelas temáticas apresentadas, que certas vezes geram polêmica ultrapassando as fronteiras da ficção e envolvendo fatos do mundo real. Um exemplo disso é a obra **O Código Da Vinci** (2003), de Dan Brown, cuja narrativa envolve mistérios em relação à igreja católica. Devido às polêmicas levantadas no texto, muitos leitores passaram a

questionar a real existência de contradições entre o que traz a Bíblia Sagrada e o que de fato deveria ter sido transmitido pela religião cristã. As informações contidas no livro em questão confundem-se com dados reais, e é isso, na opinião dos adolescentes, que torna a leitura fascinante. A maioria dos *best-sellers* citados pelos alunos não fazem parte da Literatura Brasileira. Somente o autor Paulo Coelho, que é líder de vendas no Brasil, foi lembrado.

O conjunto de atrativos presente em *best-sellers* faz com que, independente do número de páginas, os adolescentes consigam lê-los do início ao fim, ao contrário das obras clássicas da Literatura Brasileira, que abordam de forma brilhante temas de grande importância e são rejeitadas por muitos leitores. Segundo Zilberman, a criação de obras do gênero *best-seller* é motivada pela vendagem do produto, se revelando mais como mercadoria do que como objeto estético. Como é imperativa a necessidade de agradar ao leitor aficionado, e esse prefere a repetição da fórmula à inovação constante, a literatura de massa não assume a liberdade de criação conferida à arte. Preferindo ser regularmente adquirida pelo público, em vez de chocá-lo com experiências mais avançadas, ela acaba por se revelar na condição de mercadoria<sup>54</sup>.

Devido ao seu grande poder de divulgação, a mídia se torna também responsável pelo sucesso de público de algumas obras literárias, e quanto mais as obras são vinculadas a temas polêmicos da atualidade, mais consumidas se tornam pela sociedade. Mesmo que grande parte das preferências dos alunos de Ensino Médio faça parte do gênero mais condenado pela teoria literária, que é o *best-seller*, não se pode ignorar que existe esse domínio da cultura de massa sobre os estudantes.

Pode parecer banal discutir a respeito da leitura dessas obras para muitos professores por não se tratar de literatura de qualidade. Mas diante do problema atual nas escolas, que é a falta de leitura por grande parte dos estudantes, mesmo que as obras por eles aceitas não sejam conceituadas como verdadeira literatura, é preciso considerar a possibilidade de discutir a questão do cânone literário entre os alunos. Carlos Reis traz a definição de cânone como “o elenco de autores e obras incluídos em cursos básicos de literatura por se acreditar que

---

<sup>54</sup> ZILBERMAN, Regina. Quem se importa com os gêneros de massa? In: ZILBERMAN, Regina (Org). **Os preferidos do público**. Petrópolis: Vozes, 1987.



representam certo legado cultural”.<sup>55</sup> O motivo pelo qual somente algumas obras são estudadas na escola não é compreendido por muitos jovens, pois muitos livros que eles gostam de ler são desconsiderados, enquanto outros que apresentam vocabulário complexo e que são mais antigos são valorizados pelos professores.

Muitas vezes o aluno tenta discutir com o professor sobre aquilo que ele considera atrativo em termos de Literatura, e o professor acaba por encerrar o assunto dizendo que o que deve ser lido é o que é proposto pela escola, mas sem dar maiores explicações referentes ao motivo pelo qual certas obras não são bem aceitas. De acordo com Zilberman, condenar o *best-seller* ao “permanente dever não ser significa manter uma postura de indiferença às preferências do público.”<sup>56</sup> A autora defende que é válido o estudo desse gênero por configurar-se como “o outro” da literatura, revelando que é impossível manter uma concepção unitária e global que não leva em conta a multiplicidade de expressões.<sup>57</sup>

A presença de múltiplas expressões dentro da literatura torna problemático o conceito de “cânone”, pois os autores e obras que fazem parte do legado de determinada cultura são determinados por uma elite que detém o poder. A grande população que não tem acesso à obras clássicas muitas vezes aprecia outras leituras, que não podem ser desmerecidas sem que ao menos possa existir um diálogo sobre elas.

Alfredo Bosi traz em artigo publicado<sup>58</sup> a definição de “cultura de massa”, expressão criada por sociólogos americanos. Na década de 50, falava-se em *mass communication* e *mass culture* no Estados Unidos, mas na Europa e especificamente na Alemanha, essa expressão foi considerada inadequada, principalmente por Theodor Adorno, pois o termo “cultura de massa” transmitia a idéia de que as massas produzissem algum tipo de cultura, o que não era correto. Para dar o nome exato, designando a cultura feita para as massas, empregou-se a expressão indústria cultural. Seriam provenientes da indústria, não só objetos, como também

---

<sup>55</sup> REIS, Carlos. **O conhecimento da Literatura: introdução aos estudos literários**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 38

<sup>56</sup> ZILBERMAN, Regina. Quem se importa com os gêneros de massa? In: ZILBERMAN, Regina (Org). **Os preferidos do público**. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 104.

<sup>57</sup> Idem. *Ibidem*. p. 104.

<sup>58</sup> BOSI, Alfredo. A definição de cultura hoje. **Revista de Cultura e Expressão**. São Paulo: USP. Disponível em <http://www.usp.br/prc/revista/html>. Acesso em 28 de março de 2007.

bens culturais: novelas, músicas, todo tipo de informação e de artefato que imitasse a arte e de algum modo utilizasse certos princípios de formalização artística, mas que tivesse por objetivo cativar o gosto do público.

Na concepção de Adorno e Horkheimer, a indústria cultural é uma forma de alienação:

Aquilo que se poderia chamar o valor de uso na recepção dos bens culturais é substituído pelo valor de troca, em lugar do prazer estético penetra a idéia de tomar parte e estar em dia, em lugar da compreensão, ganha-se prestígio. O consumidor torna-se o álibi da indústria de divertimento a cujas instituições ele não se pode subtrair.<sup>59</sup>

A literatura de massa caracteriza-se sobretudo pelo prazer de leitura, tanto que as “fórmulas de sucesso” empregadas pelos autores visam em primeiro lugar à aceitação do público. A questão que se impõe refere-se ao fato de essas leituras acrescentarem algo positivo para os leitores em suas vivências, ou constituírem-se apenas em uma forma de lazer.

Essa discussão envolve também a escola, pois vivemos numa sociedade de consumo na qual a mídia costuma ditar as regras de comportamento, de moda e até mesmo de relações sociais dos alunos. Autores como Adorno e os demais membros da Escola de Frankfurt consideravam o entretenimento proposto pela televisão e pelo cinema uma forma de suprimir a capacidade de reflexão crítica das pessoas em relação a fatos da sociedade.

Giroux afirma que, por um lado, o desenvolvimento crescente da ciência e tecnologia oferece a possibilidade de libertar os seres humanos do trabalho desumanizador e exaustivo. Esta liberdade, por sua vez, oferece à humanidade novas possibilidades de desenvolvimento e acesso a uma cultura que promove uma sensibilidade mais crítica e qualitativamente discriminatória em todos os modos de comunicação e experiência. Por outro lado, o desenvolvimento da tecnologia e da ciência, construído conforme as leis da racionalidade

---

<sup>59</sup> ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural – o iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa (Org.) **Teoria da cultura de massa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 195.

capitalista, introduziu formas de domínio e controle que parecem mais se opor do que ampliar as possibilidades de emancipação humana<sup>60</sup>.

Atualmente, os meios de comunicação fazem parte da vida das pessoas de forma ainda mais intensa com o surgimento da internet. Porém, existem muitas opções de escolha em relação a eles. Existem programas de televisão voltados para educação e cultura, e a internet pode ser uma fonte inesgotável de conhecimento, desde que bem utilizada. Mas as alternativas de escolha se oferecem às pessoas que desenvolvem seu potencial crítico, que não aceitam como verdades absolutas tudo o que lhes é apresentado e que “lêem o mundo” com um olhar questionador.

De acordo com Hermenegildo, a dimensão cultural resultante desse clima social industrializado não se traduz numa perspectiva de autonomia e liberdade do sujeito num plano social mais amplo. O próprio desenvolvimento técnico e científico, por interesses outros, acaba por oprimir e embrutecer as relações humanas com finalidades servis, ao contrário de libertá-las.<sup>61</sup>

Por ser a escola em grande parte responsável pelo desenvolvimento das habilidades de interpretação crítica dos alunos, não pode deixar a influência da mídia fora das discussões em aula. Inclusive, pode utilizar-se dos mais variados meios de comunicação em favor do conhecimento. Se os conteúdos transmitidos pela mídia não forem questionados pelos educadores, os alunos podem se tornar, de certa maneira, alienados por não terem desenvolvido o hábito de fazer distinções.

O mesmo ocorre com os *best-sellers*. A escola ignora os mais vendidos, não há discussão sobre eles. Alguns não fazem parte da Literatura Brasileira, mas se os alunos lêem, é motivo de reflexão. Ao trazer discussões referentes ao cânone literário e à indústria cultural, certamente a escola estará ampliando a visão dos jovens em relação às suas próprias experiências na sociedade capitalista. Freire defende que o respeito à autonomia, à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos

---

<sup>60</sup> GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.p. 111

<sup>61</sup> HERMENEGILDO FABIANO, Luiz. Indústria cultural e educação estética: reeducar os sentidos e o gesto histórico. In: ZUIN, Antonio Álvaro; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. **A Educação danificada**: contribuições à Teoria crítica da educação. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 162

outros. O professor que não respeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa experiência<sup>62</sup>.

Nas aulas de Literatura Brasileira, é possível encontrar em qualquer obra literária aspectos que levem à reflexão, até mesmo aquelas que são destinadas somente ao entretenimento. Afinal, o primeiro passo para que o aluno inicie uma leitura é o prazer de ler. É possível aliar fruição estética e percepção crítica, e o melhor local para que isso aconteça é a sala de aula. Não é preciso dissociar a preparação para o vestibular da formação do leitor, pois as mesmas leituras indicadas podem servir de base para o desenvolvimento do gosto pela leitura, aliada a comparações com outras obras e demais formas de manifestação cultural e artística.

---

<sup>62</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. p. 66

## 2. TERRAS DO SEM-FIM E CONTOS GAUCHESCOS: POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÃO EM SALA DE AULA

Antonio Candido<sup>63</sup> divide o estudo da obra literária em dois momentos: o momento analítico, ou de cunho científico, que “não leva em conta questões relacionadas ao autor, ao valor e à atuação psíquica e social, com o objetivo de concentrar a atenção na obra como objeto de conhecimento”; e o momento crítico, que tem por finalidade “questionar a validade da obra e sua função como síntese e projeção da experiência humana”.

Nesse estudo, é privilegiado o segundo momento na análise dos livros, uma vez que a interpretação de uma obra em sala de aula necessita de uma aproximação com a realidade do leitor na sociedade atual. E o professor, sendo um orientador de leitura, é alguém que, mais do que identificar estruturas formais de um texto, é capaz de perceber, dentro do texto literário, questões universais de grande importância nas diferentes épocas.

Reconhecer que as escolhas que fazemos em relação ao currículo e à pedagogia são carregadas de valor significa, de acordo com Giroux, que podemos partir da noção de que a realidade nunca deveria ser tomada como dada, mas que, ao invés disso, deve ser questionada e analisada. O conhecimento deve ser problematizado e situado em relacionamentos sociais escolares que permitam o debate e a comunicação.<sup>64</sup>

No presente capítulo, são analisadas duas leituras indicadas para os processos seletivos da UFSM: **Terras do sem-fim**, de Jorge Amado, e **Contos gauchescos**, de Simões Lopes Neto. São apresentadas as percepções e experiências de educadores nas escolas de Ensino Médio de Santa Maria, em contraste com algumas sugestões de interpretação crítica dos textos. O objetivo consiste em verificar se a metodologia empregada pelas entrevistadas na interpretação dos livros privilegia o desenvolvimento do potencial crítico dos alunos, bem

---

<sup>63</sup> CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: **Textos de intervenção**. Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002. p.80.

<sup>64</sup> GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.p.51

como constatar se existem dificuldades no trabalho com as obras indicadas. Ao mesmo tempo, pretende-se contribuir com possibilidades diversas de interpretação, sempre voltada para a busca de reflexões a partir dos temas abordados pelas leituras.

É importante conhecer o trabalho nas escolas e, mais do que criticar a forma de trabalho das professoras, faz-se necessário perceber a existência de aspectos positivos. Afinal, a escola também pode produzir bons resultados quanto ao que os estudos acadêmicos consideram satisfatório. É desejável que isso ocorra, pois remete à idéia de que não existe só comodismo e desânimo por parte das professoras. A análise do contexto pesquisado visa a uma percepção atenta das abordagens pedagógicas, portanto, as boas idéias apresentadas pelas educadoras são consideradas possibilidades a serem também seguidas, como as sugestões desse estudo. Assim como a crítica aos aspectos negativos é feita com o objetivo de destacar que existem lacunas que devem ser preenchidas. Paviani chama a atenção para a função política da literatura:

A literatura pode engajar-se na luta pela transformação da sociedade, desde que não deixe de ser literatura, que não perca sua função estética. E, num segundo momento, ela sempre é política, pois, de qualquer modo, a literatura é uma força específica capaz de mostrar a inteligibilidade de tecido social, do mundo e das coisas, do existir com os outros, isto é, a relação viva, conflitante e complexa das estruturas essenciais da vida em comum.<sup>65</sup>

Os processos seletivos das universidades geralmente exigem do professor de Ensino Médio uma abordagem centrada no enredo das obras indicadas e, devido a essa exigência, professores e alunos podem realizar uma interpretação limitada dos textos, para que se consiga estudar todos os livros previstos para o ano letivo. No entanto, enredos e personagens são aspectos que podem, rapidamente, ser obtidos na leitura de resumos e de uma breve explanação em sala de aula, porém, estudar Literatura Brasileira é muito mais do que isso. Um professor pode perfeitamente ler fragmentos das obras em aula com os alunos, contatar os aspectos principais do texto e, a partir disso, iniciar uma interpretação com vistas a desenvolver o pensamento crítico dos alunos, pois questões de grande relevância no contexto atual podem ser discutidas a partir do que é estudado. O autor Ezequiel Theodoro da Silva afirma que:

---

<sup>65</sup> PAVIANI, Jaime. **Estética mínima**: Notas sobre arte e literatura. Porto Alegre: Edipucrs, 1996. p.124-125

Se um texto, quando trabalhado, não proporcionar o salto do leitor para o seu contexto (isto é, para a intencionalidade social que determinou o objetivo, o conteúdo e o modo de construção do texto), e mais, se o contexto do texto lido não proporcionar uma compreensão mais profunda do contexto em que o sujeito-leitor se situa ou busca se situar, então a leitura perde a sua validade. Perde a sua validade porque as palavras do escritor ficam como que magicamente fechadas em si mesmas, sem que os elementos do real, indicados ou evocados pelas palavras, sejam efetivamente colocados em sua relação direta com a história e experiências do leitor. Dessa forma, não existe a posse, apreensão ou compreensão de idéias, mas a mera reprodução alienada de palavras ou de trechos veiculados pelo autor do texto.<sup>66</sup>

É visando destacar a função política e social, além da função estética da Literatura, que esse trabalho mostra não só a visão de professores e alunos, mas também se volta para as obras literárias. Assim, pretende-se identificar os processos que podem levar o leitor, mesmo que não demonstre um interesse inicial pela leitura, a dar-se conta da atualidade das questões apresentadas pelas obras.

De acordo com Zilberman, a leitura caracteriza-se como experiência fundamental da realidade, e pode ser qualificada como a mediadora entre cada ser humano e seu presente. De um lado, encontra-se o leitor, que decifra um objeto, mas não pode impedir que parte de si mesmo comece a se integrar no texto, o que relativiza para sempre os resultados de sua interpretação, abrindo, por conseguinte, espaço para novas e infundáveis perspectivas. De outro, a criação literária, que, imobilizada pela escrita, não consegue escapar à violação procedida pelo olhar de cada indivíduo. Com isto, relativiza-se igualmente sua significação, tornando-a moeda comum e, portanto, democratizando-a.<sup>67</sup>

## 2.1- Terras do sem-fim

A obra **Terras do sem-fim**, de Jorge Amado, foi publicada em 1943. O romance retrata a trajetória de pessoas que saem de seu local de origem em busca de prosperidade e

---

<sup>66</sup> SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 4

<sup>67</sup> ZILBERMAN, Regina (Org). **A leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 5.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p. 19-20

riqueza em Ilhéus, a terra do cacau. O enredo é apresentado nesse capítulo para que o leitor possa tomar conhecimento da narrativa, pois algumas passagens do romance serão citadas dentre as possibilidades de interpretação em sala de aula mais adiante.

A história se inicia no momento em que um navio parte da Bahia em direção a Ilhéus, levando pessoas de todas as origens e classes sociais: coronéis, aventureiros, prostitutas, trabalhadores e até indivíduos sem destino definido. Entre esses viajantes, encontra-se o “capitão” João Magalhães, jogador e trapaceiro, que foge da cidade por ter sido denunciado à polícia por um engenheiro de quem roubara o anel de formatura num jogo de pôquer. O coronel Juca Badaró, morador da fazenda de Tabocas, viaja com o intuito de contratar trabalhadores. Encontra Antônio Vítor, jovem sonhador que abandonara sua namorada Ivone em Salvador com o objetivo de enriquecer nas terras do cacau. Juca Badaró tenta aproximar-se de Margot, que viaja com seu amante, o Dr. Virgílio Cabral. Margot ajudara Virgílio a formar-se advogado.

Entre Tabocas e Ferradas, encontra-se a mata do Sequeiro Grande, que é disputada pelos fazendeiros da região para transformá-la em uma grande plantação de cacau. Entre os fazendeiros, se destacam a família Badaró, dona da Fazenda Sant’Ana e composta dos coronéis Sinhô e Juca e de Don’Ana, filha do primeiro; o coronel Horácio da Silveira, da Fazenda Bom Nome; o coronel Maneca Dantas, da Fazenda dos Macacos; e o coronel Teodoro Martins, chamado também de *coronel das Baraúnas*, por ser este o nome de sua fazenda. De um lado da mata, que é dividida por um rio, estão os Badarós; e do outro, está Horácio da Silveira, ficando entre eles, na parte da frente, a fazenda de Maneca Dantas. Tanto os Badarós quanto Horácio da Silveira mostram-se dispostos a ocupar a mata do Sequeiro Grande. Quem conseguisse tê-la sob seu controle se tornaria praticamente dono da região de Tabocas e imediações.

No período que antecede a disputa pelas terras, a família Badaró, apesar de ter o governo estadual ao seu lado, parece estar em desvantagem porque entre ela e a mata mora Firmo, que apóia Horácio da Silveira. Os Badarós então mandam matar o adversário. Sinhô Badaró fica em dúvida ao ordenar a morte de Firmo, mas seu irmão, Juca Badaró, não hesita em cumprir o plano. O negro Damião, encarregado da “tocaia”, tem uma crise de consciência



e acaba errando o tiro. Com isso, os fazendeiros decidem então se enfrentar, mas não sem se preocupar também com as medidas legais de ocupação das terras.

Enquanto em Ilhéus os Badarós procuram um engenheiro para fazer a medição das matas do Sequeiro Grande, o Dr. Virgílio Cabral, contratado por Horácio da Silveira, faz um “caxixe” utilizando-se de uma medição antiga e subornando o escrivão de Tabocas. As matas do Sequeiro Grande são registradas no nome de Horácio. Os Badarós ficam sabendo e mandam incendiar o cartório. É também em Ilhéus que Juca Badaró encontra o “engenheiro” João Magalhães, que reluta um pouco, mas acaba por aceitar a tarefa de fazer a medição das matas do Sequeiro Grande.

Antônio Vítor acaba se apaixonando por Raimunda, João Magalhães por Don´Ana Badaró e, principalmente, o Dr. Virgílio Cabral por Ester, esposa de Horácio. Virgílio termina seu relacionamento com Margot, que fica com Juca Badaró. Os boatos referentes ao romance entre o advogado Virgílio e Ester espalham-se pela cidade. Horácio, no entanto, está mais preocupado com a luta pelas terras. Sinhô Badaró ordena a “tocaia” contra Horácio, mas este escapa. Horácio, algum tempo depois, adoece, mas consegue se recuperar. Ester, que cuidara do marido durante a doença, acaba adquirindo a febre dele.

Ester morre, o que deixa Horácio e Virgílio desesperados. A luta pelas terras é interrompida por um ano, enquanto na fazenda Sant´Ana realizam-se os casamentos de Don´Ana e João Magalhães, Raimunda e Antônio Vítor. Passado algum tempo, Horácio volta a se dedicar à luta pela mata do Sequeiro Grande. O processo iniciado contra os Badarós pelo incêndio do cartório de Tabocas é levado adiante e, para o reconhecimento de seus direitos sobre a mata, Horácio avança cada vez mais na ocupação das terras, além de mandar assassinar Juca Badaró em Ilhéus. Com a morte de Juca Badaró, ocorrem tentativas de “tocaias” contra Horácio, sem sucesso. O resultado das lutas parece incerto, mas o governo federal decreta, certo dia, a intervenção no estado da Bahia. O governador, do partido dos Badarós, é obrigado a renunciar e um interventor assume o poder. Em situação difícil, Sinhô Badaró tenta vender antecipadamente sua próxima safra de cacau, mas consegue preços muito

baixos. Resolve então permitir que Teodoro das Baraúnas passe a devastar as propriedades de Horácio, inclusive as roças de cacau, até então preservadas em acordo dos dois lados.

Horácio da Silveira, estando do lado do poder, ataca a “casa grande” dos Badarós, na Fazenda Sant’Ana, com o argumento de prender o incendiário Teodoro das Baraúnas, que estaria ali refugiado. E de fato está. Teodoro tem a intenção de entregar-se, mas Sinhô Badaró não permite e o faz sair secretamente. Sinhô ainda resiste por quatro dias, mas depois é ferido e levado para Ilhéus, por ordem de Don’Ana. João Magalhães continua resistindo, depois de fazer com que as mulheres partissem. No entanto, acaba perdendo quase todos os seus homens e parte também, acompanhado de Antônio Vítor. Don’Ana, depois de partir, retornara em segredo. Horácio a encontra no sótão da casa grande, mas a deixa partir, dizendo que não atira em mulher. Don’Ana parte, enquanto a casa grande é incendiada.

A guerra termina. Em Ilhéus, o processo movido por Horácio contra os Badarós e Teodoro das Baraúnas pelo incêndio do cartório chega ao fim. Os resultados são favoráveis a Horácio, que tem direitos reconhecidos sobre a mata do Sequeiro Grande. Os Badarós jamais se recuperariam da derrota.

Passados alguns meses, Horácio visita seu amigo Maneca Dantas para contar que descobrira algumas cartas de Virgílio entre os pertences de Ester. Horácio passa a compreender então que o comportamento dócil e apaixonado de Ester não era dedicado a ele, e sim a Virgílio. Decide então mandar matar o advogado por questões de honra. Maneca Dantas, que também é amigo de Virgílio, o avisa da “tocaia” planejada para ele. O advogado resolve não fugir, pois já perdera sua amada e já tinha sido fixado naquela terra pelo “visgo do cacau”, como todos os que escolhiam ir a busca de riqueza em Ilhéus.

Mais tarde, Ilhéus é elevada à sede de bispado, e Sinhô Badaró também participa das comemorações acompanhado da filha, que agora está grávida, e do genro. Em Tabocas, renomeada de Itabuna, Horácio, ironicamente, faz um brinde à sua “esposa dedicada” e ao seu “tão fiel amigo Virgílio”, que muito fez pelo progresso da região e que morrera vítima de seus inimigos políticos.

Os cacauzeiros plantados naquela terra, que um dia fora a mata do Sequeiro Grande, deram frutos antes do tempo previsto: quatro anos e não cinco, como seria o esperado. E o fato se deve àquela terra ter sido “banhada com sangue”.

### 2.1.1 Poder, dinheiro e ambição: **Terras do sem-fim** e suas relações com o contexto atual

De acordo com Antonio Candido, a fantasia quase nunca é *pura*. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. Por isso, surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura.<sup>68</sup>

Partindo da idéia de que a Literatura sempre possui algo em comum com o real, buscase, partindo dos fragmentos da obra *Terras do sem-fim*, verificar alguns elementos relacionais entre a obra e a sociedade atual.

Em **Terras do sem - fim**, Antônio Vítor relembra com saudades de sua terra e de sua amada. Está partindo em busca de um sonho, da promessa de riqueza e melhores dias, como se pode constatar no fragmento abaixo:

Antônio Vítor ouve as conversas, mas a música que vem de outro grupo, harmônica e violão, o arrasta novamente para a ponte de Estância onde é belo o luar e a vida é tranqüila. Ivone sempre lhe pedia que não viesse. A roça de milho bastaria para eles dois, para que essa ânsia de vir buscar dinheiro num lugar do qual contavam tanta coisa ruim? Nas noites de lua, quando as estrelas enchem o céu, tantas e tão belas que ofuscavam a vista, os pés dentro da água do rio, ele planejava a vinda para estas terras de Ilhéus. Homens escreviam, homens que haviam ido antes, e contavam que o dinheiro era fácil, que era fácil também conseguir um pedaço grande de terra e plantá-la com uma árvore que se chamava cacauzeiro e que dava frutos cor de ouro que valiam mais que o próprio ouro. A terra estava na frente dos que chegavam e não era ainda de ninguém. Seria de todo aquele que tivesse coragem de entrar mata adentro, fazer queimadas, plantar cacau, milho e mandioca, comer alguns anos farinha e caça, até que o cacau começasse a frutificar. Então era a riqueza, dinheiro que um homem não podia gastar, casa na cidade, charutos, botinas rangedeiras. De quando em vez também chegava a notícia de que um morrera de um tiro ou da mordida de uma cobra, apunhalado no povoado ou

---

<sup>68</sup> CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. 34.ed. São Paulo: Duas Cidades; 2002, p. 81.

baleado na tocaia. Mas que era a vida diante de tanta fartura? Na cidade de Antônio Vítor a vida era pobre e sem possibilidades.<sup>69</sup>

No fragmento acima, o narrador relata os pensamentos da personagem, que reflete sobre as atitudes que decidiu tomar, ou seja, ir embora de seu local de origem. Antônio Vítor poderia sobreviver com suas roças de milho, pois era suficiente para sustentar-se e ser feliz ao lado de Ivone. Mas havia a promessa de algo valioso, de fartura e riqueza. Muitas pessoas contavam os seus êxitos quando voltavam de Ilhéus, a terra do cacau, mas outros morriam antes de conquistar seus objetivos. *O que era a vida diante de tanta fartura?* Para Antônio Vítor, valia a pena arriscar-se para conseguir enriquecer. Valia a pena ficar longe de sua amada, arriscando-se a perdê-la, convicto na promessa de poder dar-lhe uma vida de rainha. Seria mesmo necessidade ou simplesmente uma ilusão, um deslumbramento decorrente das maravilhas que contavam sobre Ilhéus?

Ir em busca de melhores condições de vida em uma grande cidade, ter esperança em dias melhores longe da terra natal é uma experiência pela qual muitas pessoas passam no Brasil. Onde o índice de desemprego é alto e as oportunidades são poucas, muitas pessoas optam por sair de seu lugar de origem. Poucos são os que têm muito dinheiro, e muitos aqueles que precisam fazer milagres com o pequeno salário que recebem para sua sobrevivência. Esse fato pode parecer distante para muitos, mas o povo brasileiro sabe bem o que é isso: acreditar num futuro melhor, pensar que as grandes cidades são a solução para todos os problemas. Algumas pessoas conseguem realmente melhorar de vida, outras, não. Algumas possuem a real necessidade de melhores condições, pois ganham pouco e o lugar onde vivem não oferece muitos recursos.

Mas há também aqueles que, sedentos por riqueza e poder, resolvem buscar mais e mais maneiras de enriquecer. Qual é o limite entre necessidade e ganância, entre não haver outra opção além de sair do seu local de origem e entre nunca se dar por satisfeito com a vida que leva? Algumas pessoas saem de sua cidade em busca de sonhos pessoais, outras, por terem dificuldades em saber o que esperar da vida.

---

<sup>69</sup> AMADO, Jorge. **Terras do sem-fim**. São Paulo: Círculo do livro, 1998. p. 24-25

Muitos são os fatores que levam alguém a se decidir por abandonar a terra natal e as pessoas que ama, entre os fatos mencionados acima. Em sala de aula, é possível discutir, portanto, a partir de fragmentos como o acima apresentado, questões relativas à busca de ascensão social. Os alunos podem manifestar sua opinião sobre o assunto, bem como citar exemplos vividos ou até mesmo citar obras lidas ou filmes assistidos nos quais tenham percebido situações semelhantes de discussão.

Ao ler o romance, ao mesmo tempo em que o leitor começa a conhecer características de Antônio Vítor, passa também a compreender que a busca de dinheiro e poder é um desejo não só da personagem, mas também de outras personagens que já passaram pela mesma situação. Cartas eram escritas para contar as vantagens das terras de Ilhéus e também suas desgraças. A idéia de partir, ao mesmo tempo em que é atraente, causa medo:

Não há vento frio que venha do mar. Distante está o mar de verdes ondas. Não há vento frio nessa noite de chuva e relâmpagos. Mas, ainda assim, os homens estão arrepiados e tremem, se apertam os seus corações. A mata-deus na sua frente. O medo de dentro deles.<sup>70</sup>

Os fenômenos da natureza são mencionados para retratar o sentimento de medo que habita o coração dos viajantes. Não há temporal, mas os homens sentem o frio e o arrepio do temor do que os espera. A *mata-deus* é a mata do Sequeiro Grande, temida pelos fantasmas que o imaginário do povo criou para ela, temida pelas doenças que tomam conta de alguns homens quando estes vão até ela atrás de seus desejos humanos de dominação. Os elementos fantasiosos da imaginação popular atormentam os viajantes, como mostra o fragmento abaixo:

Os raios iluminavam por um minuto a mata, mas os homens não viam nada mais que o verde-escuro das árvores, os sentidos todos presos aos ouvidos que ouviam, juntamente com o silvo das cobras em fuga e com o das onças aterrorizadas, as vozes terríveis das assombrações soltas na mata. Aquele fogo que corria sobre os mais altos galhos saía sem dúvida das narinas do boitatá. E o tropel que se ouvia que era senão a corrida através da floresta da mula-de-padre, antes linda donzela que se entregou, numa ânsia de amor, aos braços sacrílegos de um sacerdote? Não ouviam mais o miado das onças. Agora era o grito desgraçado do lobisomem, meio homem, meio lobo, de unhas imensas, desvairado pela maldição da mãe. Sinistro

---

<sup>70</sup> AMADO, Jorge. **Terras do sem-fim**. São Paulo: Círculo do livro, 1998. p.44

bailado da caipora na sua única perna, com seu único braço, rindo com sua face pela metade. O medo no coração dos homens.<sup>71</sup>

O medo que os homens sentem faz com que suas mentes sejam povoadas pela imaginação. Ouvem e vêem na mata não só o seu perigo real, mas também o perigo das figuras lendárias tantas vezes descritas por aqueles que já conheciam os mistérios do lugar. O medo no coração dos homens é forte, mas não os impede de ir adiante em seus propósitos.

Inúmeras vezes o ser humano passa por momentos de angústia diante de situações difíceis. O medo faz com que tudo pareça pior, pois a mente cria imagens aterrorizantes. Em sala de aula, é possível dialogar a respeito disso, sobre fatos que causam pavor e que fazem com que a imaginação crie elementos fantasiosos. A mudança de cidade, o encontro com o desconhecido, são exemplos de situações que geram expectativas e que causam desconforto. Seria possível realizar uma atividade de debate, no qual cada aluno contaria uma situação vivenciada e, a partir disso, fazer relações entre a obra **Terras do sem-fim** e a realidade apresentada, destacando semelhanças entre o texto e os exemplos dados pelos estudantes, que também procurariam fazer essas relações.

Além disso, é interessante explorar a questão da consciência em relação às ações do ser humano. Ao praticar algo ilícito ou fazer mal a alguém, a mente cria o medo; os pensamentos atormentam a pessoa que fez algo prejudicial. Mas há também o exemplo dos justos, que procuram agir de forma correta e que, por isso, conseguem “dormir com a consciência tranqüila”. O debate pode girar em torno de fatos que fazem “pensar a consciência”, podendo ser abordada a questão de agir desonestamente para conseguir enriquecer ou conquistar um posto importante na sociedade, tal como fez a personagem Horácio da Silveira na obra.

Giroux considera a necessidade de encarar as escolas como esferas públicas democráticas fundamental para uma pedagogia crítica realizável. De acordo com o autor, essas escolas são construídas em torno de formas de investigação crítica que dignificam o

---

<sup>71</sup> AMADO, Jorge. **Terras do sem-fim**. São Paulo: Círculo do livro, 1998.p.43

diálogo significativo e a atividade humana. Dessa forma, os estudantes aprendem o discurso da responsabilidade social. Este discurso busca recuperar a idéia da democracia crítica como um movimento social que apóia a liberdade individual e a justiça social.<sup>72</sup>

Muitas pessoas são honestas e, por isso, permanecem pobres ou não conseguem um emprego que proporcione *status* social, mas essas pessoas possuem a consciência tranqüila e conseguem ser felizes com a certeza de conquistar seus objetivos pelos próprios méritos. Em nossa sociedade, afinal, as pessoas conseguem vencer as dificuldades com seu próprio esforço? Quais seriam os exemplos de pessoas desonestas que possuem boas condições financeiras e que parecem não possuir escrúpulos? E mais: vale a pena estudar para obter sucesso profissional? Qual é a diferença entre quem estuda e quem não estuda na hora de conseguir entrar no mercado de trabalho? Possuir um diploma universitário seria uma maneira de vencer na vida sem precisar agir desonestamente? Essas e outras questões podem instigar os alunos a refletir sobre a sociedade da qual fazem parte e os mecanismos que regem o comportamento dos indivíduos dentro desse contexto.

Paviani valoriza a discussão das obras lidas em aula com o intuito de partilhar diferentes percepções sobre os textos:

O ensino crítico da leitura deve mostrar que os livros nada mais são do que a expressão de pensamentos sujeitos a erros, passíveis de serem aprofundados e questionados. Por outro lado, deve existir uma horizontalidade no trabalho de interpretação dos textos, com a abertura de espaço para a discussão daquilo que foi lido de modo que seja efetivamente construído um circuito de comunicação e partilha em torno desses textos.<sup>73</sup>

Aprofundar a discussão acerca da obra literária faz com que os alunos percebam que podem questionar o que lêem e, principalmente, faz com que se desenvolva a capacidade de argumentação, permitindo a troca de experiências entre colegas. A obra literária passa a adquirir mais vida a partir do momento em que existe um diálogo sobre a leitura.

---

<sup>72</sup> GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997. p. 28

<sup>73</sup> PAVIANI, Jaime. **Estética mínima**: Notas sobre arte e literatura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 22-23

No fragmento abaixo, o narrador expressa a ameaça causada à natureza pelos homens ambiciosos que invadem a mata do Sequeiro Grande:

A mata do Sequeiro Grande dormia, em torno dela os homens ávidos de dinheiro e de poder concertavam planos para conquistá-la. E, no coração da mata, no mais fechado da floresta, iluminado somente pela luz incerta e inconstante dos vagalumes, dorme Jeremias, o feiticeiro. Como as árvores e os animais também ele não deu ainda conta de que a mata está ameaçada, de que a ambição dos homens a cercou, de que os dias das grandes árvores, dos animais ferozes e suas assombrações chegaram ao fim. Na sua cabana miserável ele dorme junto com as árvores e os animais.<sup>74</sup>

Na obra **Terras do sem-fim**, o feiticeiro Jeremias habita a mata e zela por ela, mas quando chegam os homens sedentos por riqueza e dispostos a desmatar todo o verde daquele local, sofre junto com as árvores e os animais a tristeza de ver seu lar sendo destruído. Os dias dos animais ferozes e das assombrações haviam chegado ao fim. Tudo porque o homem insiste em dominar a natureza em favor de sua ganância. Preservar a natureza é algo necessário para a própria sobrevivência do homem, e isso já faz parte do senso comum. No entanto, a ganância também faz com que a preservação do meio-ambiente seja deixada de lado. Atualmente, existem muitas campanhas de valorização da natureza, pois o descaso é grande, principalmente nas grandes cidades, onde a industrialização ocupa um espaço cada vez maior e, assim como os homens ambiciosos da obra de Jorge Amado, as grandes empresas também destroem a natureza, se isso for necessário para obter lucros. Um aspecto importante a ser destacado em sala de aula é a importância que tem sido atribuída ao meio ambiente na sociedade, tanto no que se refere às grandes empresas quanto ao comportamento individual de cada cidadão no cuidado com a natureza.

Os recursos naturais um dia podem acabar, e por isso é possível despertar a consciência crítica dos estudantes para essa questão fazendo ligações com a disciplina de geografia, pois todos partilham do mesmo espaço geográfico e a preservação do meio-ambiente é tarefa de toda a humanidade. A literatura consegue, muitas vezes, fazer relações entre diversas áreas do conhecimento, e destacar essas aproximações enriquece a aula de Literatura Brasileira.

---

<sup>74</sup> AMADO, Jorge. **Terras do sem-fim**. São Paulo: Círculo do livro, 1998. p. 26



Entre os exemplos de destruição da natureza visando à obtenção de lucros em **Terras do sem-fim**, estão Horácio da Silveira e a família Badaró, que disputam o poder na região. Quanto mais terras possuem, tanto mais respeitados politicamente eles se tornam. Uma das professoras entrevistadas relata sua experiência de trabalho com a obra, no qual ela focaliza as relações de poder:

Na obra **Terras do sem-fim** eu trabalho a ideologia, porque o Sequeiro Grande é uma mata, e houve um tempo em que os machados, as machadadas de um lado eram ouvidas pelo outro lado, e isso na obra não entra em discussão, mas eu faço com que eles discutam isso em aula. Até para que ela tenha um sentido para eles. Também as relações de poder, porque na verdade são dois grupos: os Badarós de um lado, o Horácio de outro lado e os mecanismos que eles utilizam para manter esse poder. Eles são totalmente ilícitos. Eu divido a turma em dois grupos: tudo o que mantém os Badarós e todos os que são ligados aos Badarós: quem é, porque, normalmente é interesse econômico, o que vai determinar quem fica com um pedaço da mata. Porque existem questões de honra, e alguma espécie de rixa antiga. Com o Horácio, faço a mesma coisa, quem faz parte do grupo do Horácio, quais as relações...

(Entrevista professora D – Escola particular)

A professora menciona o fato de que, no início, no romance, era possível ouvir as machadadas de ambos os lados, na derrubada da mata do Sequeiro Grande. É importante destacar esse aspecto da obra para que os alunos entendam que houve destruição para que pudessem ser plantadas as lavouras de cacau. Na obra, o narrador destaca a importância do cacau na cidade de Ilhéus e o quanto as pessoas viviam sempre em relação com o “fruto que traz prosperidade”. Mesmo que ainda não houvesse cacauzeiros espalhados por Ilhéus, a idéia de riqueza proveniente do cultivo do cacau povoava as mentes:

A árvore que influía em Ilhéus era a árvore do cacau, se bem não se visse nenhuma em toda a cidade. Mas era ela que estava por detrás de toda a vida de São Jorge dos Ilhéus. Por detrás de cada negócio que era feito, de cada casa construída, de cada armazém, de cada loja que era aberta, de cada caso de amor, de cada tiro trocado na rua. Não havia conversação em que a palavra cacau não entrasse como elemento primordial. E sobre a cidade pairava, vindo dos armazéns de depósito, dos vagões da estrada de ferro, dos porões do navio, das carroças e da gente, um cheiro de chocolate que é o cheiro do cacau seco.<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup> AMADO, Jorge. **Terras do sem-fim**. São Paulo: Círculo do livro, 1998. p. 186

Na busca de poder, muitas vezes, eliminam-se os obstáculos sem pensar duas vezes. Não importa o quanto preservar a natureza é importante, importa conseguir plantar o cacau e vendê-lo por um preço bom. Em sala de aula, os alunos são divididos em grupos por essa professora, que pede um posicionamento dos estudantes. O grupo responsável pela família Badaró, no caso, deve inteirar-se de toda a trama referente às personagens, e vice-versa com o grupo responsável pelo personagem Horácio. Em seguida, é feito um debate com a turma, no qual é discutida a obra. A professora ilustra com exemplos da realidade:

A questão da hipocrisia é das nossas relações sociais hoje. O Horácio vence em todos os níveis: ele fica com a mata do Sequeiro Grande, ele é inocentado da tocaia do Juca Badaró, ele vence em todas as áreas e inclusive ele não morre. A esposa dele morre. Ele mata o Virgílio e fica bem. E ele ainda lembra no discurso, quando o local se torna uma cidade, ele mesmo diz: “ao meu tão amigo Virgílio, à minha tão abnegada esposa”. E, no entanto, quem lê a obra sabe que ele está mentindo, sabe que aquilo ali é pura hipocrisia, porque ele sabe o que realmente aconteceu, então o que eu faço é não deixar essa obra na obra. Eu tento dizer que aquelas relações de hipocrisia, essas relações de poder, de usar mecanismos ilícitos, acontecem ainda hoje. Existe uma relação assim na obra, aquela questão de que, naquela terra, quem é covarde não tem espaço. Por quê? Porque lá é uma terra de jagunços, assassinos que matam, e por interesses realmente, então não tem muita lei, essa coisa judicial não tem muita força lá, então eles dizem que todo o covarde lá não vai ter espaço.

(Entrevista professora D – Escola particular)

Nesse fragmento, a professora cita a personagem Horácio da Silveira, que consegue o que quer em todos os níveis. Ele é de má índole, hipócrita, e usa de formas ilícitas para enriquecer. Ao descobrir que foi traído pela esposa, Horácio manda matar Virgílio, o homem com o qual ela mantinha relações extraconjugais. Ester já havia morrido, mas, mesmo assim, por questões de honra, ele decide vingar-se. Houve também a tentativa de matar Juca Badaró, seu opositor, para obter mais terras, mas Juca sobreviveu, e Horácio acabou sendo inocentado do crime. E, apesar de todas as atitudes desprezíveis, Horácio mantém sua imagem política. Durante um evento social na região, faz um brinde à sua falecida esposa diante de todos e lembra o *amigo* Virgílio. O leitor sabe que Horácio está agindo de maneira hipócrita. Os interesses naquela “terra de jagunços” eram defendidos acima de tudo. Não era tolerada a covardia e não havia a valorização da vida humana, pois os interesses materiais vinham em primeiro lugar.

Contrastando esses fatos da obra com a realidade, existe o exemplo de alguns políticos atuais, que agem de maneira ilícita e, mesmo assim, conseguem manter-se no poder. Muitas vezes seus atos inescrupulosos são descobertos, mas nada é feito quanto a isso, pois a própria justiça pode estar a favor de quem está no poder. A professora lembrou-se de alguns acontecimentos que podem servir de exemplo para ilustrar a questão de que alguns poderosos decidem matar para não correr o risco de perder sua posição:

São relações bem duras, mas que em alguns lugares é uma questão às vezes de sobrevivência você estar do lado de alguém. Eu aproveito até para trazer algumas coisas reais. Existe o caso de uma freira que foi morta. O que aconteceu com ela: foi dito pra ela parar com o trabalho social que ela fazia, ela não parou, e mataram. Também tem um outro, ele é bem mais antigo, o Chico Mendes. Foi a mesma coisa, ele começou a defender uma minoria, avisaram para ele, mandaram cartas ameaçando, ele avisou a polícia que ele ia morrer, que ele precisava de proteção, e não deu em nada. Ele acabou sendo morto. Essas coisas não foram ontem só não, na realidade você vê essas coisas acontecerem. Teve essa história da freira, e agora por último aquele que era petista. Eu agora não lembro o nome. Mas então, primeiro eu problematizo isso: relações de poder, como é que se norteia isso, até o Paulo César Farias. Foi queima de arquivo aquilo tudo, e até depois, são vários exemplos da realidade que a gente tem, o juiz Nicolau, que foi acusado e mandou um recado pra todo mundo em *off*, o que ele dizia, “eu não vou falar nada, eu não lembro de nada, como se dissesse “fiquem bem, eu não sou uma ameaça, eu não vou abrir o jogo”, e para quê? Para que ele se mantivesse vivo. Então, dependendo do que é mais atual, política eu gosto muito, eu problematizo, falo das relações de poder e peço que à medida que eles forem lendo a obra, eu quero que percebam esse tipo de relação.

(Entrevista professora D – Escola particular)

Os fatos mencionados pela entrevistada ocorreram no Brasil há algum tempo e ilustram bem as relações de poder em **Terras do sem-fim**. Embora não aconteçam de maneira declarada, os crimes relacionados a inimigos políticos estão presentes no cenário atual, a hipocrisia, a busca acirrada pelo poder, a valorização de bens materiais acima do ser humano, todos esses assuntos podem ser trazidos à tona a partir da obra literária. Giroux salienta que os estudos em sala de aula não devem apenas ser relacionados com o estudo mais amplo da sociedade, como também com uma noção de justiça, a qual seja capaz de articular como

certas estruturas sociais injustas podem ser identificadas e substituídas.<sup>76</sup> A discussão em sala de aula pode levar à percepção de que a hipocrisia permite o estabelecimento de relações de poder e, assim, permite que se mantenham as condições de um estado autoritário.

Não permitir que a obra permaneça somente na obra. eis o que a professora entrevistada para esse estudo tem como objetivo em suas aulas de Literatura, e o que deveria motivar os demais educadores da área. Não se pode esquecer dos aspectos estéticos, como salienta Paviani, mas tampouco a função política da leitura deve ser esquecida.

A professora continua relatando sua experiência em sala de aula, ainda com ênfase nas relações de poder:

Também, por exemplo, a queima do cartório é uma outra relação de poder, de suborno. Primeiro subornar o escrivão para dizer que a terra do Sequeiro Grande tinha uma antiga escritura para dar para o Horácio. O outro fica sabendo, manda queimar, então todo esse processo judicial. Toda essa trama, primeiro eu trabalho em relação ao que a gente tem hoje, digo que eles vão encontrar isso na obra e que eu quero saber como, quem faz o que e para que lado, e com que intenções. Porque, por exemplo, o Firmo, ele está com as terras que atrapalham os Badarós, e ele tá do lado do Horácio. Hoje em dia a gente tem isso também, ou seja, quando uma empresa quer comprar um espaço e não consegue, dá um jeito de ir por algum viés ou outro, então de certa maneira tem alguma semelhança.

(Entrevista professora D - Escola particular)

A professora D consegue explorar diversos aspectos da atualidade em seu trabalho, o que é digno de mérito. Isso nos leva a refletir sobre as possíveis diferenças entre as redes de ensino. A escola na qual a professora leciona é particular e bastante voltada para os processos seletivos da UFSM. Talvez o grande esforço em realizar uma análise bastante aprofundada da obra em questão se deva às possíveis exigências da direção da escola e dos alunos de que seja feito o melhor possível, além da insegurança gerada pela instabilidade empregatícia nas redes privadas. Na rede pública, mesmo que existam exigências no cumprimento dos conteúdos, há estabilidade para os professores, que garantem sua permanência na escola através da aprovação em concurso público. Isso pode gerar certo comodismo na rede pública, o que não

---

<sup>76</sup> GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997. p. 60

acontece na rede particular. Talvez esse seja um aspecto a ser considerado quando pensamos no trabalho das professoras, pois é preciso mostrar eficiência e dedicação constantes na rede privada.

No fragmento que se segue, o narrador da obra **Terras do sem-fim** define a cidade de Ilhéus e seus moradores:

De todo o norte do Brasil descia gente para essas terras do sul da Bahia. A fama corria longe, diziam que dinheiro rodava na rua, que ninguém fazia caso, em Ilhéus, de prata de dois mil-réis. Os navios chegavam entupidos de emigrantes, vinham aventureiros de toda a espécie, mulheres de toda idade, para quem Ilhéus era a primeira ou a última esperança. Na cidade todos se misturavam, o pobre de hoje podia ser o rico de amanhã, o tropeiro de agora podia ter amanhã uma grande fazenda de cacau, o trabalhador que sabia ler podia ser um dia chefe político respeitado. Citavam-se os exemplos e citava-se sempre a Horácio que começara tropeiro e agora era dos maiores fazendeiros da zona. E o rico de hoje poderia ser o pobre de amanhã se um mais rico, junto com um advogado, fizesse um caxixe bem feito e tomasse sua terra. E todos os vivos de hoje poderiam amanhã estar mortos na rua, com uma bala no peito. Por cima da justiça, do juiz e do promotor, do júri de cidadãos, estava a lei do gatilho, última instância da justiça de Ilhéus.<sup>77</sup>

Em Ilhéus, a condição social do indivíduo poderia mudar em um curto espaço de tempo. “O pobre de hoje podia ser o rico de amanhã”, destaca o narrador. Negociações ilícitas, mulheres que alimentavam esperanças de encontrar um amor, a incerteza da vida diante das lutas pelo poder, todas essas relações são apresentadas no romance.

Antonio Candido afirma que “as camadas profundas de nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar”.<sup>78</sup> Assim sendo, porque não explorar os impactos causados pela leitura?

Cabe ao professor conduzir seu trabalho de maneira a destacar o impacto da obra literária na vida humana, pois, muitas vezes, existe a identificação do leitor com os fatos narrados. Assim como no fragmento de **Terras do sem-fim** citado acima, muitas pessoas passam pela experiência de “ficar pobre” de um momento para outro, por não conseguir pagar dívidas. Na compra de um imóvel a prazo, por exemplo, o comprador pode perder o emprego

---

<sup>77</sup> AMADO, Jorge. **Terras do sem-fim**. São Paulo: Círculo do livro, 1998. p.137

<sup>78</sup> CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: \_\_\_\_\_. **Textos de intervenção**. Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002. p. 82

durante o período de pagamento e não conseguir saldar a dívida. Com certeza, muitos alunos conhecem alguém que já tenha passado por esse tipo de experiência, podendo relatar o fato em sala de aula.

A professora A descreve a maneira pela qual trabalha com **Terras do sem-fim**:

Eu trabalho com Terras do sem-fim mais pro final, em agosto. É bem interessante porque eles trabalham com teatro, ou eles podem fazer uma criação, partindo do texto original, ou eles podem escrever um texto. A turma é dividida em grupos e eles têm liberdade total. A única coisa que eu não aceito assim é que eles me apresentem um trabalho bem informal, porque eles podem copiar, tirar da internet, de polígrafos de cursinho. Para a avaliação eu cobro muito, ou eles fazem teatro, eles podem também criar um jornal partindo do texto. E como às vezes têm alunos que não gostam de trabalhar dessa forma, aí então eu peço pra eles uma análise da obra, mas não com tempo, espaço, esse tipo de coisa não, apenas uma produção de texto sobre a obra enfocando um tema com algumas questões.

(Entrevista professora A – Escola pública)

Não são priorizados, no caso, os aspectos estruturais da narrativa, mas a professora pede que os alunos produzam o texto enfocando algumas questões essenciais. A liberdade de escolha pode estimular a criatividade, e focar questões do romance na produção textual pode desenvolver o pensamento crítico dos alunos. No entanto, talvez a professora esteja centrando o trabalho somente na produção dos estudantes, sem desenvolver um diálogo mais aprofundado sobre o livro em sala de aula. Existe a preocupação com o fato de os alunos não lerem o romance e basearem-se apenas em resumos para as avaliações. Por isso a professora salienta que na avaliação ela cobra muito. Essa preocupação é recorrente, pois a professora da escola técnica também menciona os resumos como um obstáculo na leitura das obras:

Quanto aos obstáculos, eu considero os resumos que os cursinhos pré-vestibulares e a internet fazem das obras indicadas. Por que o aluno já não lê, então, se ele tem um resumo, se ele pode simplesmente ligar o computador na casa dele e copiar e colar, aí sim que a leitura vai ser algo cada vez mais difícil.

(Entrevista professora C – Escola técnica)

Por mais que se faça um trabalho diferenciado em aula, não existe a certeza de que os alunos realmente lêem o texto integral, e por isso são feitas diversas experiências didáticas. Ao ser indagada sobre a leitura dos alunos, a professora da escola particular responde:

Pela discussão, eu acho que dá para perceber se eles leram. Até porque eles vão ter que saber um lado, vão ter que saber o outro, não basta só saber linhas gerais. Eu quero saber quem fez o que exatamente, então, pelo menos nessa obra, acho que funciona. Nessa obra é dessa maneira que eu trabalho. Então eu peço para o aluno falar sobre o cartório, por exemplo. Todo mundo sabia do que eu estava falando.

(Entrevista professora D – Escola particular)

Talvez realmente seja possível perceber o envolvimento dos estudantes a partir da discussão, mas a professora deve estar atenta, conduzir o diálogo de maneira a não deixar que os assuntos se diversifiquem muito, para que não se perca o fio condutor da discussão. É importante também contar o enredo para a turma, ao menos em linhas gerais, pois juntamente com a trama, é necessário enfatizar a reflexão a partir dos fatos narrados. É interessante notar que existe a preocupação de trabalhar questões dentro da obra que se aplicam no contexto atual, mas as avaliações são mais voltadas para os aspectos estruturais:

Eu não posso esquecer que a instituição é voltada para o vestibular, então o que eu faço, todo esse aspecto, a contextualização com a realidade, tudo é para incitar o meu aluno a ler aquilo ali. Mas depois na hora de cobrar, eu sou mais estrutural mesmo.

(Entrevista professora D – Escola particular)

O vestibular é levado em conta no momento de avaliar o aluno, de perceber se ele leu o texto realmente. De certa maneira, todo o esforço da professora em contextualizar a obra com a realidade atual acaba ficando suprimido por uma avaliação completamente conservadora, centrada em aspectos que não foram discutidos nos encontros em aula. Os vestibulares já estão fazendo relações entre os livros e a realidade, mas ainda existe uma grande preocupação com detalhes do enredo por parte do professor, tudo porque a incerteza de que os alunos lêem é uma constante. A professora afirma no depoimento que através da discussão oral é possível saber se o romance foi lido em sua totalidade. Se isso se comprova, se a professora confia no trabalho por ela desenvolvido, então por que ser tão estrutural na avaliação?

De acordo com Silva, a busca do conhecimento pode e deve ser mediada pela leitura de determinados textos, porém, o ato pedagógico vai exigir muito mais do que isso. Entre as exigências básicas, coloca-se o estabelecimento de relações dialógicas para a aproximação de pessoas, para a organização do avanço cognitivo sobre determinadas questões e para as decisões a serem tomadas a respeito das necessidades de aprendizagem do grupo. Sem a prática dessas relações, sem que os textos selecionados sejam devidamente discutidos, sem que se organizem os conteúdos do conhecimento, teremos a abordagem livresca no processo educativo. Essa abordagem, por sua vez, será autoritária e geradora de medo ou de individualismo, movido por conveniências oriundas da própria situação.<sup>79</sup>

A partir do momento em que o leitor passa a apreciar o texto literário, e isso ocorre depois de vivenciar o contato com a leitura prazerosa, motivada por interesses pessoais, cobrar detalhes dos enredos poderá ficar em segundo plano, pois esses serão assimilados de forma natural e questões reflexivas poderão ser mais bem trabalhadas. Mas o processo de formação do leitor não ocorre de maneira rápida, e por isso os professores tentam utilizar diferentes maneiras de atrair o aluno, mas ao mesmo tempo não conseguem desprender-se da compreensão do texto em si mesmo, perguntando sobre nomes de personagens ou fatos da leitura.

O romance **Terras do sem-fim** sofre uma certa resistência por parte dos alunos de acordo com as professoras entrevistadas, se comparado com **Contos gauchescos**, obra que traz em si aspectos do Rio Grande do Sul. Uma das professoras comenta:

Eles não têm uma resistência explícita, mas eu observo que eles se identificam muito mais quando eu trabalho *Contos gauchescos*. Sem dúvida, o interesse pela obra, a aceitação é muito maior. A colocação dos alunos é sempre uma crítica à UFSM, por não privilegiar a Literatura sul-rio-grandense. Eu noto que é *bairrismo* mesmo. Acho que todo o gaúcho tem a questão de que o Rio Grande é melhor. E eu senti uma identificação muito maior deles nesse texto.

(Entrevista professora A - Escola Pública)

A preferência pela literatura gaúcha por parte de professores e alunos foi comentada anteriormente, porém, volta-se a esse aspecto uma vez que esse estudo refere-se a uma obra

---

<sup>79</sup> SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 6.



gaúcha e outra que não é da região, mas ambas fazem parte das leituras trabalhadas em Literatura Brasileira. **Terras do sem-fim**, apesar de não ser do Rio Grande do Sul, parece possuir uma linguagem mais acessível, enquanto que **Contos gauchescos**, apesar de trazer uma série de aspectos da cultura local, possui um vocabulário mais complexo, por ser regionalista ao extremo e também por ser mais antiga. A obra data de 1912 e as edições mais recentes trazem um glossário para facilitar a leitura.

## 2.2- Contos gauchescos

**Contos gauchescos** é uma reunião de vários contos que retratam aspectos da vida no Rio Grande do Sul, entre esses a linguagem típica e o folclore do estado. Inicialmente, há um narrador que apresenta Blau Nunes, o vaqueano<sup>80</sup>, que vai assumir a posição de narrador em breve. Blau Nunes narra as histórias de maneira comprometida, pois, por ser um nativo da região, conhece sua terra como ninguém. Algumas vezes ele apenas conta um *causo* que ouviu de outras pessoas, ou que presenciou, e outras vezes ele participa da história, atuando como narrador-personagem.

As histórias são contadas por Blau, mas como existe um interlocutor, a forma de diálogo é atrativa, pois, ao mesmo tempo em que os fatos são contados para um suposto ouvinte que acompanha o vaqueano em sua jornada por diferentes lugares, o leitor também pode partilhar dessas narrativas e tomar para si o tratamento cordial do narrador.

Blau Nunes, de avançada idade e inúmeras experiências vividas, narra os fatos para o seu acompanhante e também para o leitor, usando tratamentos como “amigo” e “conterrâneo”. A relação de proximidade existente em **Contos gauchescos** é um fator positivo na recepção da obra, pois como Antônio Candido afirma:

O leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua e, deste modo, pronto para incorporar

---

<sup>80</sup> Vaqueano: trabalhador de estância; peão; o mesmo que *guia*.

à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade.<sup>81</sup>

O leitor gaúcho possui grandes possibilidades de apreciar a narrativa devido a uma identificação com os contos, pois os lugares descritos são da região, vários aspectos da cultura gaúcha são mencionados, além da linguagem, que aproxima a obra literária da “experiência humana”, pois, conforme as idéias de Antonio Candido no fragmento acima, a visão da realidade proposta pelo narrador vai propiciar um enriquecimento das percepções de quem lê o texto. O narrador conversa com alguém, como já explicitado, mas as chances de tomar as falas de Blau Nunes como se fossem direcionadas para si faz com que o leitor se sinta ao nível de uma personagem, que também acompanha o trajeto de Blau e seu companheiro, igualmente ouvindo as experiências de outra época, tão diversa da sua, no caso do adolescente.

No fragmento abaixo, o ato de narrar do vaqueano é comparado com ato de “estender ao sol, para arejar, roupas guardadas ao fundo de uma arca”:

E, do trotar sobre tantíssimos rumos, das pousadas pelas estâncias, dos fogões a que se aqueceu; dos ranchos em que cantou, dos povoados que atravessou; das cousas que ele compreendia e das que lhe eram vedadas ao singelo entendimento; do pêlo a pêlo com os homens, das erosões da morte e das eclosões da vida, entre o Blau -o moço, militar- e o Blau -velho, paisano, ficou estendida uma longa estrada semeada de recordações - casos, dizia, - que, de vez em quando o vaqueano recontava, como quem estende ao sol, para arejar, roupas guardadas ao fundo de uma arca.<sup>82</sup>

A oralidade expressa nas falas de Blau Nunes pode remeter à lembrança do ato de contar histórias, cultivado entre amigos e familiares. De acordo com Walter Benjamin, o hábito de contar histórias, nos dias atuais, está sendo aos poucos substituído pela informação, que chega diariamente aos lares:

Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos

---

<sup>81</sup> CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: \_\_\_\_\_. **Textos de intervenção**. Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002. p. 92

<sup>82</sup> Idem. Ibidem. p. 35

chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação.<sup>83</sup>

Segundo Benjamin, a informação está cada vez mais presente na vida das pessoas e, com o pouco tempo livre que resta em meio à agitação nas grandes cidades, é rara a prática de contar histórias. Conversa-se sobre os fatos cotidianos, mas não há tempo para recordações. Talvez por isso seja tão interessante a obra **Contos gauchescos**, pois ela recupera essa tradição quase esquecida. E o entusiasmo de alguns alunos vem da lembrança dos avós, que viveram em uma época tão diferente da atual. A professora B conta sua experiência em sala de aula:

A Literatura Gaúcha eu acho que, já por ser identificatória com o próprio público, ela é divertida para eles porque existe toda essa questão da lembrança: “ah, isso a minha avó tinha”, que é a cadeira de balanço, que é o ferro. Eles passaram a comentar sobre as coisas que tinha na casa das suas avós.

(Entrevista professora B - Escola pública)

O diálogo sobre as experiências de cada um foi propiciado em aula, o que seria, para Silva, um grande passo na formação do leitor. O autor defende que, “um primeiro princípio para a construção de uma nova pedagogia da leitura diz respeito ao conhecimento, pelo professor, das circunstâncias de vida dos alunos e à recuperação, como ponto de partida, das suas experiências vividas”.<sup>84</sup>

A obra de Simões Lopes Neto é muito representativa em nossa Literatura, pois recupera o ato de narrar que ficou quase esquecido. Na definição de Félix, a memória é um dos suportes essenciais para a definição dos laços de identidade.<sup>85</sup> Portanto, a valorização da memória do passado é um fator importante para a construção de valores que servirão como base das relações sociais. Sem que se perceba a importância da experiência daqueles que possuem uma vivência maior, o patrimônio cultural de um povo se perde com o passar dos anos. Benjamin constata que a pobreza de experiências gera uma desvalorização da cultura,

---

<sup>83</sup> BENJAMIN, Walter. O narrador. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 203.

<sup>84</sup> Silva, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de Pedagogia da Leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 22

<sup>85</sup> FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Universitária, 2004. p. 33.

pois, se a experiência não vincula mais o patrimônio cultural aos indivíduos, este perde a razão de ser<sup>86</sup>.

Os contos de Blau Nunes refletem o valor das experiências de vida e através deles surge a possibilidade de reflexão acerca de alguns valores humanos que, assim como a tradição das narrativas orais, não são mais levados em conta no mundo capitalista atual. É o que ocorre nos contos privilegiados para o presente estudo: *Trezentas onças* e *O boi velho*.

*Trezentas onças* permite uma reflexão a respeito dos valores ligados ao mito do gaúcho, valores esses que alicerçam a cultura rio-grandense até os dias atuais. Através da narrativa, o leitor pode realizar uma análise do modo de vida gaúcho e, assim constatar que certos valores são muitos presentes na constituição do homem e de sua história em sociedade.

De acordo com Arendt, Simões Lopes Neto resgata em sua obra, através do vaqueano Blau Nunes, a figura do gaúcho mítico exaltando seus atributos, mesmo tendo consciência das condições de exploração e de marginalização do peão de estância, derivadas de um longo processo econômico centrado na atividade pastoril. Com isso, Lopes Neto pretendia reconstruir a identidade cultural do gaúcho.<sup>87</sup> O conto *O boi velho* serve como ponto de partida para uma análise das relações dos seres humanos com o mundo que os cerca.

Partindo desses dois contos, pode-se realizar um trabalho em sala de aula com todo o livro **Contos gauchescos**, fazendo pontes de ligação entre os temas abordados em cada narrativa e destacando os aspectos que fazem parte do cotidiano, tanto no que se refere aos costumes do gaúcho quanto aos fatos que nos cercam no dia-a-dia e que constantemente surgem como temas em obras literárias.

---

<sup>86</sup> BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_ . **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.7.ed p. 115.

<sup>87</sup> ARENDT, João Cláudio. Um moderno encantado pela tradição. In: **Revista Discutindo literatura**. São Paulo: Escala Educacional, Ano I, n. 5, 2006. p. 40

## 2. 2.1 Os valores do gaúcho no conto *Trezentas onças*

*Trezentas onças*, assim como **Terras do sem-fim**, tematiza as relações de poder e a questão do dinheiro, porém, ao contrário do romance, no qual as personagens são inescrupulosas, no conto, existe uma relação de fidelidade entre patrão e empregado. Uma das questões de destaque é o comportamento do gaúcho, sua conduta diante de situações difíceis.

Nesse conto, Blau Nunes caracteriza-se como narrador-personagem, pois tem papel atuante na história. O tropeiro Blau Nunes havia sido encarregado pelo seu patrão de efetuar o pagamento de alguns gados. Vinha com a “guaiaca empanzinada de onças de ouro”<sup>88</sup>, como ele mesmo conta. No caminho, entretanto, resolve tomar um banho de rio, deixando suas roupas próximas dali. Blau anda em companhia de um cãozinho muito esperto, que às vezes resolvia segui-lo em suas viagens. Depois de vestir-se, Blau continua seu trajeto, e repara que seu companheiro, o cãozinho, seguidamente late e corre para trás.

Não dando atenção ao fato, segue em frente. Porém, ao chegar em frente à casa do homem que ele deve pagar, Blau percebe que não está com as trezentas onças que guardava. Sendo muito pobre, valoriza o trabalho e, por uns instantes, sente-se apavorado, pois seu patrão é muito rigoroso com seus empregados. Ao ser indagado por um patrício<sup>89</sup> sobre o motivo de sua preocupação, Blau relata o ocorrido e diz que era preferível morrer do que decepcionar o patrão. Mas em seguida, o cãozinho começa a pular, tentando lambe o focinho do cavalo, e corre para a estrada latindo.

De repente, Blau começa a lembrar-se de tudo, de como havia deixado seus pertences perto do rio, e também que havia pendurado a guaiaca em uma árvore no mesmo local. Parte então a cavalo com lágrimas nos olhos em busca das trezentas onças, mas elas não estão mais lá. Blau teve então vontade de matar-se, pois não queria ser acusado de ladrão; isso era a pior humilhação para um homem honesto como ele. No entanto, ao olhar para as estrelas no céu e

---

<sup>88</sup> Blau Nunes levava consigo várias moedas de ouro, as chamadas *onças* na época. Trazia o dinheiro em um cinto largo de couro com bolsos, a *guaiaca*.

<sup>89</sup> Patrício: conterrâneo

para os animais que o acompanhavam, além de um grilo que cantava, lembrou-se da amizade de sua gente, e o canto do grilo lhe devolveu a esperança. Blau considera isso um sinal de Deus para que não cometesse uma loucura, e desiste então de atirar contra a própria cabeça. Foi então para a casa do estancieiro que ele deveria pagar para explicar-se sobre o ocorrido, mas, ao chegar, encontrou seus companheiros que haviam achado seu dinheiro e entregue ao patrão. Blau Nunes então achou graça do susto que levava, e sentou-se para tomar um “amargo”<sup>90</sup> com os amigos.

Pode-se perceber no conto *Trezentas onças* a importância da honestidade para o trabalhador, que prefere morrer a ser considerado um ladrão. Ao contrário de Horácio da Silveira na obra **Terras do sem-fim**, Blau Nunes não tira vantagem de uma situação na qual poderia se apossar de algo que não é seu e, ao pensar que havia perdido as Trezentas onças, preocupa-se em recuperá-las para entregar à pessoa que o espera.

Em *Trezentas onças*, Blau Nunes chora ao pensar nas moedas perdidas, fato que pode oportunizar uma reflexão acerca da concepção machista do gaúcho, que considera vergonha um homem chorar. Percebemos no conto que o narrador não se importa em contar sobre o desespero em que se achava, tanto que as lágrimas também foram descritas em detalhes:

- Há quantos tempos eu não chorava!...-Pois me vieram lágrimas, devagarinho, como gateando<sup>91</sup>, subiram...tremiam sobre as pestanas, luziam um tempinho...e ainda quentes, no arranco do galope lá caíam elas na polvadeira da estrada como um pingo d'água perdido, que nem mosca nem formiga daria com ele!...<sup>92</sup>

Blau Nunes descreve a emoção sentida ao pensar que havia decepcionado seu patrão. A aflição é descrita em pormenores, o que mostra a importância da lealdade para o gaúcho. “Homem não chora” é uma frase muito conhecida e essa idéia é muitas vezes passada de pai para filho. Apenas as mulheres podem expressar seus sentimentos com mais liberdade, segundo o ponto de vista do “gaúcho macho” de que o homem deve manter-se forte em todas

---

<sup>90</sup> Amargo: chimarrão

<sup>91</sup> Gateando: rastejar em busca da caça; mover-se como um gato. No contexto, as lágrimas desciam de maneira furtiva.

<sup>92</sup> LOPES NETO, Simões. **Contos gauchescos**. Introdução e notas de Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998. p. 40

as circunstâncias. A idéia do homem valente, que não chora, existe no Rio Grande do Sul propagada pelo senso comum, mas os contos de Simões Lopes Neto vêm de encontro a esse pensamento, como se pode perceber.

No trabalho em sala de aula, essa questão pode ser bem trabalhada, pois se pode verificar se existe a resistência em demonstrar as emoções através das lágrimas para muitos meninos, ao ser oportunizado um diálogo a esse respeito. Pode parecer uma questão superficial, mas é sempre importante a quebra de preconceitos na escola, pois assim como o fato de o “homem não poder chorar”, existe o preconceito em relação às mulheres, que são frágeis, e é preciso evitar situações discriminatórias nas relações sociais. Ainda que não existam casos e que não seja recorrente, a discussão sobre o preconceito é sempre válida. É uma forma de despertar a consciência crítica do aluno pois, muitas vezes, algumas idéias, por já estarem fortemente enraizadas nas concepções do ser humano, acabam escapando à reflexão.

É possível discutir também a questão da honestidade, indagando aos alunos sobre como eles agiriam diante de uma situação semelhante à de Blau Nunes, que julgou ter perdido um dinheiro que não era seu. Para Blau, melhor seria morrer do que ser considerado ladrão, como se pode constatar no fragmento abaixo:

Desci, dei-me com o lugar onde havia estado; tentei os galhos do sarandi; achei a pedra onde tinha posto a guaiaca e as armas, corri as mãos por todos os lados, mais pra lá, mais pra cá... nada!... nada!Então, senti um frio dentro da alma... O meu patrão ia dizer que eu havia roubado!... roubado... pois então eu ia lá perder as onças! Qual! Ladrão, ladrão, é que eu era! E logo uma tenção ruim entrou-me nos miolos; eu devia matar-me, para não sofrer a vergonha daquela suposição.<sup>93</sup>

As reações podem ser diversas, dependendo dos valores de cada um. Blau Nunes tinha a honestidade como um valor maior, tendo inclusive a idéia de matar-se para não ser acusado de ladrão. Quais seriam os valores dos alunos? Pode-se dialogar a respeito das concepções de cada um.

---

<sup>93</sup> LOPES NETO, Simões. **Contos gauchescos**. Introdução e notas de Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998. p. 41

Uma questão interessante a ser abordada é também o fato de encontrar algo perdido. Os companheiros de Blau que acharam as trezentas onças as devolveram para ele. Atualmente, como se procede ao encontrar dinheiro, objetos ou documentos perdidos? Os alunos podem responder das mais diversas maneiras. Alguns podem considerar importante devolver; outros podem desejar aproveitar-se da situação, citando aquele velho ditado de que “achado não é roubado”. Pode-se, assim, trabalhar com o resgate de alguns valores, tais como agir honestamente e ser leal com as pessoas. A cidadania pode ser bem desenvolvida na escola também nas aulas de Literatura, na interpretação das obras literárias.

Ao ser entrevistada quanto ao trabalho com **Contos gauchescos**, a professora D relata:

*Contos gauchescos* são contos, então eu parto do pressuposto de que todos tenham lido todos, e daí eu trabalho muito com o conceito de narrador, porque a gente vê isso de maneira diferente, porque o Simões Lopes Neto elege o Blau Nunes. É uma questão de verossimilhança, para dar mais credibilidade para aquilo que está sendo contado, e o Blau Nunes coloca de maneira diferente. Há contos em que o protagonista é o personagem-narrador. Há outros que ele só ouviu falar, então quer dizer, ele não estava presente, ele não viu, ele só ouviu falar, e há outros em que ele está presente, mas ele não é o protagonista, ele está mais na condição de observador e às vezes de participante, mas de maneira muito secundária, não é o principal, então eu tento mostrar que acontecem essas relações assim, e depois começo a analisar isso em outras obras, mas eu parto dessa, o narrador nessa obra eu acho ótimo.

(Entrevista professora D – Escola particular)

Sem dúvida, a obra **Contos gauchescos** é um bom modelo para trabalhar a questão do narrador, pois, como já mencionado, Blau Nunes se posiciona de diversas maneiras ao contar suas histórias. De forma simples, mas ao mesmo tempo muito bem elaborada, a obra pode ser um ponto de partida para o estudo dos diferentes tipos de narrador. Contudo, não basta ensinar os diferentes tipos de narrador sem partir de seu uso. É importante que o aluno visualize sempre uma situação que exemplifique, que justifique o emprego dos diferentes focos narrativos. Assim, o leitor terá mais facilidade em identificar o foco narrativo empregado em diversas situações de leitura. Antônio Candido elogia o trabalho lingüístico do autor Simões Lopes Neto:



Simões Lopes Neto começa por assegurar uma identificação máxima com o universo da cultura rústica, adotando como enfoque narrativo a primeira pessoa de um narrador rústico, o velho cabo Blau Nunes, que se situa *dentro* da matéria narrada, e não raro do próprio enredo. (...) Essa mediação (...) atenua ao máximo o hiato entre criador e criatura, dissolvendo de certo modo o homem culto no homem rústico. Este deixa de ser um ente separado e estranho, que o homem culto contempla, para tornar-se um homem realmente humano, cujo contato humaniza o leitor.<sup>94</sup>

Ao mesmo tempo em que o autor coloca a “fala rústica” do homem do campo na obra, não deixa de privilegiar a maneira culta de contar histórias. Blau Nunes é um homem do campo, mas nem por isso é inculto. A questão da linguagem rústica pode ser discutida no trabalho com os alunos, pois muitas vezes existe o preconceito em relação à maneira de falar de pessoas mais idosas ou mesmo de pessoas de origem rural.

A diversidade lingüística é muito interessante no Brasil, pois, de um estado para outro, a forma de expressão oral varia muito. Blau Nunes, devido à sua idade avançada, conhece mais expressões típicas da região. Por isso, muitos alunos podem jamais ter ouvido falar em certos termos utilizados na obra, o que pode oportunizar um interessante resgate cultural. É importante salientar, fazendo ligações com o estudo de Língua Portuguesa, que há uma norma culta e uma linguagem coloquial, as quais coexistem em muitos lugares e que a segunda modalidade de expressão oral não é errada, mas apenas possui traços da cultura e da região do falante. Assim, desperta-se a consciência de que os mais velhos devem ser respeitados e que a cultura de cada região deve ser valorizada.

A busca identitária, na concepção de Zilá Bernd, é vista como processo em permanente movimento de construção/desconstrução. Para a autora, o conceito de identidade se revela extremamente útil para iluminar a leitura de textos que procuram reencontrar ou redefinir seu território.<sup>95</sup> O conto *Trezentas onças* vem trazer ao leitor gaúcho, portanto, a oportunidade de identificação com os textos e a possibilidade de refletir sobre certos valores que alicerçam a cultura sul-rio-grandense até os dias atuais.

---

<sup>94</sup> CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002. p. 92

<sup>95</sup> BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: UFRGS, 1992. p. 16.

A professora B relata uma de suas aulas sobre **Contos gauchescos**:

Eu trabalhei *Contos gauchescos* com os terceiros anos, e a gente passou à questão da identidade. Eu trabalhei o conto do Simões Lopes Neto, *No manantial, Trezentas onças* e mais um conto, que eu não lembro. Mas o que eu fiz então? Falamos da questão da identidade e reconhecimento dos próprios alunos, de como eles liam os contos, quais eram as formas de identidade ainda hoje com os atos, com a questão da linguagem, a estranheza com relação ao narrador, ao Blau Nunes. Falamos sobre o Simões, depois falamos do contexto social, falamos sobre questões históricas que ele aborda. A questão que era bem temática de todo o trabalho, de falar sobre o gaúcho, nós fizemos um trabalho de interpretação mesmo, bem do nível pedido pelo PEIES, das leituras obrigatórias, eu até acho que era do vestibular, e depois nós fizemos um tipo de recital, não bem trova, porque a trova não deu certo, eles não conseguiam fazer, mas houve o trabalho de um poema, a construção de um poema com os nossos dizeres. Utilizamos o dicionário do Luís Augusto Fischer, que tinha muitas palavras típicas daqui. Depois disso a gente fez uma lista daqueles dados que tinham do livro: o mate, os causos, a questão da solidão, a necessidade de conversar com outros, e hoje, como era, ou como está a questão do gaúcho.

(Entrevista professora B – Escola pública)

A linguagem típica é um fator de identificação para muitas pessoas, pois, apesar de muitos termos empregados nos contos não serem utilizados diariamente, existe o conhecimento passado de geração para geração, de avós para netos, de pais para filhos. Assim como anteriormente foi citado o exemplo dos objetos antigos, pertencentes aos avós, existem também os costumes e a forma de se expressar. O dicionário de expressões regionais é um recurso bastante interessante, tanto para reavivar a memória acerca das palavras que alguma vez já foram ouvidas, porém esquecidas, bem como para conhecer vocábulos até então nunca usados pelos alunos.

Quanto à produção de texto, ela é sempre válida para o desenvolvimento intelectual dos estudantes, e formas pouco usuais, como poemas típicos e "trovas", levam à busca de uma habilidade pouco praticada e por isso atrativa, que é o fato de trabalhar com a linguagem regional. É uma maneira de resgatar um pouco da cultura do estado.

O trabalho proposto pela professora B parece bastante envolvente para os alunos e é perceptível a ligação existente entre a obra literária e o contexto atual. A outra professora da rede pública conta que também trabalha com seminários de discussão, porém, não são delimitados os contos que serão discutidos:

Com os contos geralmente a gente faz um seminário em sala de aula, cada dupla lê um conto, a gente faz um círculo e discute o texto, cada uma conta a história. Depois nós vamos discutir a questão do gaúcho.

(Entrevista professora A – Escola pública)

Os alunos são divididos em duplas, ficando cada uma com uma narrativa para comentar com os demais. Talvez a professora tenha a intenção de abordar o maior número de contos possíveis, a fim de que a obra seja discutida como um todo. Porém, a aula pode se tornar um pouco exaustiva devido à quantidade de histórias apresentadas, ou então, caso se estenda para mais de uma aula, o trabalho pode tornar-se bastante longo.

É importante considerar também que, apesar de todos os contos retratarem aspectos da cultura sul-rio-grandense, os temas tratados são muito diversos. Parece que existe uma grande ênfase na questão da valorização do gaúcho sem levar em conta, no entanto, os valores universais, tais como a honestidade e a crítica à violência, por exemplo.

Na entrevista, as professoras foram questionadas sobre uma possível resistência dos alunos em relação à linguagem de **Contos gauchescos**. Foi constatado que a identificação cultural dos alunos os leva a aceitar com mais facilidade os obstáculos em relação ao vocabulário:

O interessante é que eles não reclamam disso. Já quando eu trabalho Augusto dos Anjos, eles reclamam da linguagem, ou se eu tô trabalhando Guimarães Rosa também, eles odeiam Guimarães Rosa, até porque eu acho que, o programa dos vestibulares não foi feliz também na escolha dos textos, tem alguns que são mais acessíveis pra eles. Engraçado que se tem palavras estranhas em Guimarães Rosa, eles reclamam. Agora, se é num texto aqui do Rio Grande, aí não tem problema.

(Entrevista professora A – Escola pública)

Talvez a identificação cultural seja um fator realmente decisivo para a aceitação de uma produção literária, como se pode perceber. Essa receptividade maior por parte dos alunos é um ponto favorável para o professor, que pode utilizar essa proximidade do texto com aspectos valorizados pelo aluno para tornar a aula mais produtiva. Os adolescentes possuem curiosidade quanto à linguagem regional, o que faz com que a leitura ocorra de forma mais

espontânea. O trabalho de interpretação pode priorizar os elementos que mais atraem o leitor, como os costumes e valores culturais da região.

Um aspecto interessante pode ser dar início ao trabalho na disciplina de Literatura pelos livros gaúchos e, a partir destes, inserir outras obras de outros estados do país, fazendo um trabalho contrastivo, pois uma vez que o aluno percebe que a sua cultura está sendo valorizada no início da disciplina, a resistência em aceitar outros textos tende a ser bem menor, pois o professor estará enfatizando a necessidade de conhecer culturas diferentes. O Brasil é muito grande e a diversidade é evidente. O professor em seu papel de incentivador da aprendizagem deve, sim, demonstrar seu entusiasmo em trabalhar com autores gaúchos, porém sem demonstrar aversão ao trabalho com outros autores, pois isso pode influenciar o aluno negativamente. Para que ocorra um processo de recepção de maneira satisfatória, o professor deve ser o primeiro leitor a entusiasmar-se com a leitura.

### 2.2.2 Experiência e memória no conto *O boi velho*, de Simões Lopes Neto

O conto *O boi velho* inicia com a seguinte exclamação do vaqueano Blau Nunes:

“- Cuê-pucha!<sup>96</sup>... é bicho mau, o homem!”<sup>97</sup>

O narrador expressa, já de início, seu espanto diante do comportamento humano, sua desaprovação referente a algum fato que será contado a seguir. Quando Blau Nunes classifica o homem como um “bicho mau”, nesse caso, infere-se que esteja sendo realizada uma comparação do ser humano com os animais, da perspectiva de que o homem é também um animal, ainda que considerado superior entre todos por sua capacidade de raciocínio.

*O boi velho* é a história de dois bois, Dourado e Cabiúna, que viveram numa estância por muitos anos, servindo a toda a família, divertindo as crianças quando as levavam para

---

<sup>96</sup> *Cuê - pucha* é uma interjeição de espanto e indignação, de acordo com Luís Augusto Fischer, Organizador da edição de Contos gauchescos utilizada nesse trabalho.

<sup>97</sup> LOPES NETO, Simões. **Contos gauchescos**. Introdução e notas de Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998. p. 82

passaios no campo e para banhos no rio. Porém, certo dia, Dourado aparece morto, picado por uma cobra.

Cabiúna então se entristece e começa a emagrecer, de acordo com Blau, “tal como pessoa penarosa” que sente dor pela morte de um companheiro. Foram comprados novos bois para o trabalho na estância, mas o boi velho foi ficando. Cabiúna aparece um dia no terreiro, e todos vêm para observá-lo. O tempo havia passado e as crianças, que antes brincavam com o boi velho, cresceram e tiveram filhos. Essas crianças, agora adultas, passaram então a observar o comportamento de Cabiúna. Alguém notou que ele estava muito magro, outra pessoa disse que ele não agüentaria os ventos frios do inverno sulino, o chamado *minuano*, e entre as discussões sobre o boi, surgiu a idéia de que era melhor matar Cabiúna, uma vez que não estava mais engordando e acabaria por trazer prejuízos. Pensavam no couro que deveria ser aproveitado.

Chamou-se então um peão, que deveria laçar o boi e matá-lo. Assim se fez, e Cabiúna, segundo Blau, entendendo o ferimento no coração como um castigo, dirigiu-se ao seu lugar na canga, esperando que o arrumassem para o trabalho. Em seguida, é morto. Cães vêm lambe o sangue do animal ferido enquanto o peão prepara-se para “carnear”, ou seja, para preparar a carne para ser consumida.

Uma das crianças da família aproxima-se do animal morto e coloca-lhe na boca um pedaço de batata doce, dizendo para o boi comer, em sua fala infantil. O menino ri, certamente sem entender com exatidão o que se passa, enquanto os outros, de acordo com o narrador, provavelmente sentem remorsos por sua atitude. A cena é narrada no fragmento abaixo:

Os cuscos pegaram a lambe o sangue, por cima dos capins... um alçou a perna e verteu em cima... e enquanto o peão chairava a faca para carnear, um gurizinho, gordote, claro, de cabelos cacheados, que estava comendo uma munhata, chegou-se para o boi e meteu-lhe a fatia na boca, batia-lhe na aspa e dizia-lhe na sua língua de trapos:

-Tome, tabiúna!Nó te... Nô fá bila, tabiúna!

E ria-se o inocente, para os grandes, que estavam ali, calados, os diabos, cá pra mim, com remorsos por aquela judiaria com o boi velho, que os havia carregado a todos, tantas vezes, para a alegria do banho e das guabirobas, dos araçás, das pitangas, dos guabijus!

- Veja vancê, que desgraçados; tão ricos... e por um mixe couro do boi velho!...<sup>98</sup>

Blau Nunes narra esse episódio salientando sua opinião de que os homens agem muitas vezes de forma cruel. Através do adjetivo *desgraçados*, atribuído às pessoas daquela fazenda, percebe-se o ponto de vista do narrador. Eram ricos, mas sacrificavam o boi Cabiúna por um *mixe*, ou seja, um insignificante couro velho. Pessoas mesquinhas e sem coração, portanto, de acordo com o vaqueano. Não passavam necessidades, tinham tudo e, se matavam, era apenas por maldade.

A passagem abaixo também faz parte do conto, e nela o narrador se dirige ao seu interlocutor de maneira a que seu ouvinte partilhe de sua indignação acerca dos fatos:

Conte vancê as maldades que nós fizemos e diga se não é mesmo!...Olhe, nunca me esqueço dum caso que vi e que me ficou cá na lembrança, e ficará té eu morrer... como unheiro em lombo de matungo de mulher.<sup>99</sup>  
Foi na estância dos lagoões, duma gente Silva, uns Silvas mui políticos, sempre metidos em eleições e enredos de qualificações de votantes.<sup>100</sup>

A história do boi velho foi realmente marcante para Blau, que compara sua lembrança com um unheiro, ou seja, uma ferida. Foi um acontecimento marcante de forma negativa e que ficará para sempre, como uma cicatriz. Blau conta que a família Silva envolvia-se muito com a política. Pode-se relacionar esse fato com a maneira fria de pensar em negócios, pois apesar de o boi Cabiúna ter sido um grande companheiro e ajudante da família por muitos anos, o que interessava eram os lucros, a boa qualidade do couro e a utilidade dos animais no trabalho do campo.

No fragmento abaixo, Blau Nunes narra os comentários da família Silva em relação ao boi velho:

E vieram à porta as senhoras-donas, já casadas e mães de filhos, e que quando eram crianças tantas vezes foram levadas pelo Cabiúna; vieram os moços, já homens, e todos disseram:

---

<sup>98</sup> LOPES NETO, Simões. **Contos gauchescos**. Introdução e notas de Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998. p. 84

<sup>99</sup> De acordo com as notas de Luís Augusto Fischer, *unheiro* seria uma ferida no lombo do cavalo, provocada por uso de uma sela defeituosa.

<sup>100</sup> Op. Cit. p. 82

- Olha o Cabiúna! Oôch! Oôch!...

Então, um notou a magreza do boi; outro achou que sim; outro disse que ele não agüentava o primeiro minuano de maio; e conversa vai, conversa vem, o primeiro, que era mui golpeado, achou que era melhor matar-se aquele boi, que tinha caraca grossa nas aspas, que não engordava mais e que iria morrer atolado no fundo d'alguma sanga e... lá se ia então um prejuízo certo, no couro perdido...<sup>101</sup>

O narrador salienta que aqueles homens e mulheres que falavam em livrar-se do boi velho eram as mesmas crianças que tantas vezes foram levadas no lombo dele. Percebe-se, portanto, a ausência do sentimento de gratidão e de respeito. O homem utiliza-se do animal em benefício próprio e, quando este não serve mais para seus propósitos, mata-o para obter lucros com sua carne e couro. Por saber-se mais forte e julgar-se superior, o ser humano não respeita os animais que tanto lhe auxiliam. É possível transpor essa constatação do narrador do conto para as situações de abuso de poder existentes na sociedade. Além do fato de o homem julgar-se superior aos demais seres vivos resultar na destruição do meio ambiente, como já mencionado nos exemplos da obra **Terras do sem-fim** nesse trabalho, existe a questão do excessivo uso do poder, tanto na relação do homem com os animais quanto do homem com outros homens.

O pensamento capitalista voltado sempre à obtenção de lucros gera um senso de praticidade que exclui valores ligados aos sentimentos e ao respeito pela vida. O “livrar-se do velho para dar lugar ao novo” é uma constante tanto em relação a objetos e animais quanto ao próprio trabalho humano. Se um objeto não presta mais, joga-se fora. Assim, se uma pessoa não corresponde mais às expectativas do mercado de trabalho no mundo capitalista, ela é imediatamente excluída para dar lugar a alguém mais qualificado. Não importa o número de anos dedicados à determinada empresa quando não são obtidos os lucros esperados com o trabalho de uma pessoa de mais idade ou menos atualizada. Em geral, não existe o reconhecimento de padrões pela dedicação de seus empregados. O mundo dos negócios é puramente voltado para a obtenção de lucros.

Não se trata de valorizar somente o velho, pois se sabe que é necessária a presença do novo na vida do homem, que é sempre ávido por mudanças. Mas é interessante chamar a atenção para alguns fatos, pois a busca pelo poder e pela riqueza faz muitas vezes com que

---

<sup>101</sup> LOPES NETO, Simões. **Contos gauchescos**. Introdução e notas de Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998. p. 83

aspectos importantes sejam deixados de lado, como o próprio ser humano como um todo em suas atitudes, sentimentos e valores morais.

Quanto às relações interpessoais, será que não existe a exclusão de pessoas na vida uma das outras por não satisfazerem mais suas expectativas? Em sala de aula, é possível refletir sobre essas questões. Até que ponto são levados em conta os afetos e as lembranças na hora de reconhecer o valor de algo ou alguém na vida? Muitos filhos esquecem-se da dedicação dos pais e insultam-nos a cada vez que não satisfazem as suas vontades. Alguns senhores e senhoras que educaram seus filhos com amor muitas vezes vão parar em asilos, abandonados no completo esquecimento de sua dedicação. São inúmeros os exemplos de situações em que existe a desvalorização de algo que já foi útil ou trouxe felicidade na busca de algo novo ou na expectativa de obtenção de lucros.

O conto *O boi velho* se encerra com a mesma expressão de descontentamento empregada por Blau no início da narrativa, porém com uma ênfase maior: “Cuê-pucha!... é *mesmo* bicho-mau, o homem!”

Após toda a narração, Blau Nunes conclui que seu julgamento é verdadeiro. O homem é *mesmo* um bicho-mau. Uma atitude, sem dúvida, covarde, matar o boi Cabiúna, pois o animal não teria como se defender. Além de ser também mesquinha, vinda de pessoas que tinham dinheiro e certamente não dependiam do couro do boi velho para sobreviver. O ser humano pode ser muito cruel, e muitas vezes pelo simples desejo de tê-lo. Uma questão muito interessante a ser discutida com os alunos, pois há muitos exemplos reais sobre a maldade que guia os atos das pessoas. Pais que espancam filhos, filhos que assassinam os próprios pais, fatos chocantes, com certeza, mas que infelizmente ocorrem e não é possível fechar os olhos diante de tudo.

Theodor Adorno afirma que, mesmo estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontram atrasadas de um modo disforme em relação a sua própria civilização - não apenas por não terem em sua maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia



culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás, uma tendência imanente que a caracteriza<sup>102</sup>.

A tese de Adorno vem ao encontro da discussão acerca do comportamento agressivo do ser humano. Nos dias atuais, a agressividade dita *primitiva* pelo autor está muito presente, pois episódios de violência são noticiados pelos meios de comunicação com tanta frequência que as pessoas não se surpreendem, não se revoltam mais com os fatos. A tendência imanente de barbárie que ameaça o futuro da humanidade é algo que, infelizmente, não pode ser desconsiderada, pois cada vez mais existem exemplos de desrespeito à vida, entre esses a desvalorização da experiência e da memória do passado. É preciso resgatar a sensibilidade das pessoas para que atos cruéis não sejam aceitos como naturais na sociedade.

Partindo da constatação de que o ato de contar histórias é resgatado na obra **Contos gauchescos** através do narrador-personagem Blau Nunes e estendendo a análise para o conto *O boi velho*, podemos perceber que existe uma preocupação em preservar certos valores, em especial a questão da memória do passado e da experiência, que muitas vezes não são levados em conta na sociedade moderna. O passado pode ser um elemento importante na identificação cultural de um povo. O indivíduo que percebe o valor da experiência e que passa a zelar pelo respeito daquilo que é anterior a si próprio, com certeza poderá perceber que atos de barbárie destroem valores que, embora pareçam pouco significativos no momento presente, representam muito para um futuro sem violência.

---

<sup>102</sup> ADORNO, Theodor. A educação contra a barbárie. Revista **Educação e Sociedade** n. 56, v. 17, 1996. p. 4

### **3. A LITERATURA BRASILEIRA NO ENSINO MÉDIO: UMA REFLEXÃO ACERCA DOS PROPÓSITOS DA DISCIPLINA**

Através de uma aproximação com as escolas, do contato com professoras e alunos, tanto da rede particular quanto da rede pública, buscou-se alcançar um pouco da dimensão do conhecimento que só pode ser adquirido através da prática educativa. Sem tomar conhecimento da realidade atual do ensino de Literatura Brasileira, ao menos em âmbito local, o trabalho de reflexão sobre os problemas educacionais da disciplina ficaria deixando a desejar.

Apesar de muitos trabalhos acadêmicos buscarem analisar questões de grande importância no contexto educacional, somente os profissionais que trabalham diariamente nas escolas podem contribuir com sua experiência, que muitas vezes não corresponde aos ideais construídos ao longo de uma formação universitária. As professoras de Ensino Médio participantes dessa pesquisa enfrentam dificuldades, tais como cargas horárias excessivas e baixos salários na rede pública. Na rede privada, apesar de uma valorização maior em termos financeiros, existe a constante pressão da sociedade para que os professores cumpram seus deveres da melhor forma possível. E isso envolve desde uma preparação qualificada para os vestibulares até o desenvolvimento das habilidades intelectuais e humanas dos educandos. O depoimento da professora D pertencente à escola da rede privada foi muito significativo por apresentar uma análise bastante aprofundada das obras *Terras do sem-fim* e *Contos Gauchescos*. Por esse motivo, suas falas foram mais comentadas que as das demais professoras, que enfatizaram mais as metodologias empregadas em suas aulas do que propriamente a interpretação dos textos mais voltada para questões de importância social.

Ao longo da pesquisa, constatou-se o quanto é difícil muitas vezes realizar uma abordagem dos conteúdos que privilegie, ao mesmo tempo, a formação crítica, o desenvolvimento do prazer de leitura por parte dos alunos e a preparação para os vestibulares. Por essa razão, duas obras pertencentes às leituras indicadas da UFSM foram escolhidas para análise do ponto de vista pedagógico. Buscar formas de trabalhar a interpretação dessas leituras privilegiando todos esses aspectos foi um desafio, considerando que apesar de muitas leituras referentes à educação e à Literatura Brasileira terem sido realizadas e do esforço

constante para compreender a realidade do ensino atual, ainda existem as lacunas que não foram preenchidas pela prática educativa.

No relato das professoras acerca de seu trabalho em sala de aula, especificamente em relação às obras **Terras do sem-fim** e **Contos gauchescos**, alguns aspectos positivos foram encontrados, assim como alguns pontos mereceram uma reflexão quanto à eficácia das propostas apresentadas para que o potencial crítico dos alunos fosse desenvolvido. As tentativas de análise acadêmica de obras literárias são passivas de erros, assim como o trabalho do professor em sala de aula pode deixar de lado muitas vezes certos aspectos de grande relevância social na interpretação dos textos.

No entanto, o que se revela de fundamental importância é a reflexão teórica aliada à prática. Isso significa que o empenho da universidade em buscar alternativas de melhorias para o ensino escolar pode ser muito significativo, mas torna-se necessário que exista uma aproximação entre universidade e escola, para que o discurso teórico não caia no vazio. Muitas vezes, a idéia de que não existe uma aproximação dos estudos acadêmicos com realidade escolar difunde-se entre os professores, como podemos constatar no depoimento abaixo:

Eu acho que a universidade está muito distante da realidade. As escolas de Ensino Médio e Ensino Fundamental são outra realidade. É muito fácil para eles, com uma carga horária bem menor, dedicação exclusiva, ficar pensando, teorizando. Agora vai para uma escola. Pega nove turmas, dez, doze turmas de quarenta alunos para ver.

(Entrevista professora A - Escola pública)

Assim como pode existir no contexto universitário a idéia de que os problemas de aprendizagem não são resolvidos de forma satisfatória pelos professores nas redes de ensino, nas escolas ocorre uma certa resistência dos professores em falar sobre seu trabalho, por medo de serem criticados. As professoras entrevistadas falaram a respeito dos problemas enfrentados, e entre eles está a quantidade de turmas que precisam atender. Precisamos

desenvolver dentro da comunidade acadêmica o respeito às realidades que não conhecemos em sua totalidade. Precisamos de uma aproximação, e por isso o diálogo é necessário.

Sem que as dificuldades pelas quais os educadores passam sejam conhecidas torna-se complicado propor mudanças. Os obstáculos enfrentados constantemente pelas professoras podem fazer com que elas se sintam desmotivadas e incapazes, e é por isso que a proposta de reflexão acerca da realidade atual do ensino de Literatura Brasileira é importante não só por parte dos professores, como também de alunos e da comunidade em geral, sobretudo a comunidade acadêmica.

Este estudo foi motivado pela ausência de experiência em sala de aula por parte da autora, bem como pela preocupação com as dificuldades que possam surgir no trabalho com os estudantes. Nos cursos de Letras, muitas vezes entramos em contato com grandes obras literárias e aprendemos a pensar criticamente sobre essas obras, atribuindo assim um grande valor à Literatura. Mas a certeza de que nos formaremos professores traz uma dúvida para a qual não dispomos de resposta. Como seremos capazes de transmitir aos alunos de Ensino Médio, que são em sua maioria adolescentes, essa grande importância que aprendemos a dedicar ao estudo das obras literárias, sabendo que os interesses dessa faixa etária são muitas vezes tão distantes do hábito da leitura?

Ao longo deste estudo, constatou-se que a influência da mídia é em grande parte responsável pelo desinteresse em relação à leitura que muitos adolescentes manifestam em sala de aula. Jameson afirma que a expansão da cultura problematizou a noção de obra-de-arte individual e tornou a premissa de um julgamento estético uma designação duvidosa. A crise da leitura é o centro dessas novas incertezas e dos argumentos que elas geram. O retorno ao estético pode encontrar sua explicação na expansão da cultura, particularmente na cultura da imagem, e sua enorme difusão em todo o campo social<sup>103</sup>.

---

<sup>103</sup> JAMESON, Frederic. **A cultura do dinheiro**: ensaios sobre a globalização. Trad. Marcos César Soares e Maria Elisa Cevalco. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. p. 102.

Assim sendo, conclui-se que não só é válido utilizar recursos audiovisuais em sala de aula como também é possível promover discussão acerca dos programas veiculados pela mídia. É possível fazer ligações entre a cultura visual e a cultura impressa com vistas a desenvolver a capacidade crítica do aluno. A influência dos meios de comunicação sobre os adolescentes é um fato que não deve ser desconsiderado pela escola, sendo esta uma instituição responsável por oportunizar o desenvolvimento do potencial reflexivo dos estudantes.

Costa destaca a importante questão de que o desenvolvimento da linguagem diferenciada entre os diversos meios de comunicação à distância, sua ação na sociedade e influência na formação cultural decorrem de processos históricos que compreendem, fundamentalmente, os aspectos da industrialização, urbanização e universalização do ensino. A comunicação de massa se relaciona também com os estágios de evolução técnico-científica da humanidade. Através das novas tecnologias de comunicação, que dispõem de imagem, som, movimento, amplia-se a capacidade de representação que o homem faz do mundo. Signos, códigos, a ubiqüidade das mensagens transmitidas artificialmente a distância agem no sentido de *deslocamento*. Hoje, o homem se relaciona de forma mais intensa com realidades com que não convive diretamente, o que sugere a ampliação de sua capacidade de interlocução, apreensão de sentidos em busca de uma alteridade cultural e de abstração.<sup>104</sup>

No contexto moderno, a cultura impressa antecede à cultura da imagem e de forma alguma perdeu a sua capacidade de transmissão de conhecimento em relação a outras formas de comunicação. Apenas o acesso à cultura visual possui um alcance de público muito maior, há mais rapidez na transmissão das informações e por isso não exige grande esforço de reflexão crítica por parte dos telespectadores.

Cabe à escola desenvolver a capacidade reflexiva dos alunos para que o livro não seja esquecido como fonte de conhecimento e para que as pessoas possam se tornar seletivas

---

<sup>104</sup> COSTA, Belarmino César Guimarães da. Comunicação mediática no processo de mundialização da cultura. In: ZUIN, Antonio Álvaro; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. **A educação danificada - contribuições à Teoria crítica da educação**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 184

quanto às informações que recebem através da mídia. Se ignorarmos o fato de que outras formas de comunicação estão de certa forma substituindo a cultura impressa, cada vez mais estaremos contribuindo para que as obras literárias fiquem em segundo plano na concepção dos jovens. Justamente porque existem tantas e variadas formas de comunicação é que não se torna mais possível restringir as discussões em aula apenas aos livros. A disciplina de Literatura Brasileira enfrenta questionamentos por parte dos estudantes no que se refere às leituras indicadas. A percepção da validade do estudo de determinadas obras remete ao fato de que o nível de interpretação dos textos literários não está contribuindo em sua totalidade para que os alunos percebam a função social da literatura.

Este é um ponto que merece atenção, pois como podemos perceber neste estudo, quando uma obra é bem trabalhada, levando em conta questões de importância universal, não importa em que época ela foi escrita. O valor atemporal das questões tematizadas faz com que qualquer produção possa ser bem recebida na escola, desde que a interpretação seja feita de forma a buscar sentidos no texto e não apenas constatar informações acerca de locais e personagens. De acordo com Freire, “pensar certo demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e na interpretação dos fatos”<sup>105</sup>.

Vimos que o respeito às demais culturas é um grande passo para que se conheça melhor aspectos da própria cultura, por isso existem obras literárias de regiões diversas do Brasil dentro da disciplina de Literatura. Sidekun define a cultura como o principal mecanismo adaptativo da espécie humana frente à sua enorme indeterminação genética no que se refere às formas de vida, sistemas de relações e organização da experiência e do pensamento. Cada cultura deve ser entendida como uma proposta de ordem frente ao caos, como complexa e transformadora<sup>106</sup>. Por isso, aceitar a existência de diferenças entre aspectos regionais nos livros estudados pode ser uma atitude de quebrar barreiras, pois, quando se extingue o preconceito em relação às diferenças será mais fácil perceber as lições de vida que podem estar presentes em textos que, inicialmente, parecem não ter ligação com o nosso modo de vida no Rio Grande do Sul.

---

<sup>105</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. p. 37

<sup>106</sup> SIDEKUN, Antonio. Cultura e Alteridade. In: TREVISAN, Amarildo Luiz. TOMAZETTI, Maria Elisete. (Orgs). **Cultura e Alteridade: confluências**. Ijuí, UNIJUI, 2006. p. 106

As leituras indicadas para o PEIES e vestibular da UFSM são tidas como obstáculos para algumas professoras, sobretudo pelo fato de que textos regionais não são privilegiados em relação a outros. Talvez os vestibulares ainda possam vir a privilegiar mais a literatura sul – rio-grandense, mas já existe a preocupação em inserir obras gaúchas na UFSM, tanto que autores como Moacir Scliar, Luís Antônio de Assis Brasil e Ciro Martins integram as leituras indicadas para o PEIES, além de Erico Verissimo.

São várias as obras regionais em que aspectos bastante significativos do Rio Grande do Sul podem ser explorados pelas professoras. A universidade a cada ano parece repensar suas propostas, pois alguns textos contemporâneos foram indicados para o Ensino Médio. Isso leva a crer que o enfoque dado em sala de aula pode estar muito centrado em questões estruturais e deixando de trabalhar outros aspectos importantes, tanto que apesar de as obras gaúchas estarem inseridas nos conteúdos propostos da UFSM as professoras ainda reclamam da ausência da literatura regional. Será que a presença constante de textos clássicos da Literatura Brasileira na listagem da UFSM faz com que as demais leituras passem despercebidas?

Algumas produções, devido à sua importância dentro da Literatura Brasileira, permanecem entre as leituras indicadas ao longo dos anos. Mas ocorreram transformações, e isso deve ser levado em conta. A literatura gaúcha não está sendo excluída, bem pelo contrário. Talvez a questão seja a forma pela qual as leituras são trabalhadas, a ênfase dada a cada uma delas. Há muito tempo que a presença das indicações dos vestibulares inibe a autonomia do professor pela preocupação em cumprir os conteúdos em tempo hábil.

Um enfoque mais voltado para a formação de um leitor crítico utilizando as obras indicadas em contraste com outras pode fazer com que esse caráter de cobrança dos vestibulares seja minimizado. Afinal, se existem leituras indicadas pelas universidades é porque se espera que os alunos ingressem no Ensino Superior com habilidades de interpretação desenvolvidas pelo Ensino Médio. Se o professor conseguir despertar o gosto pela leitura no debate em sala de aula, é possível que a leitura integral dos textos seja feita por alguns estudantes.

A Literatura Brasileira é uma disciplina que merece mais atenção da universidade, sobretudo porque, ao longo do processo de aprendizagem para a formação em cursos de Letras, são realizados inúmeros trabalhos de análise literária, além da compreensão de conceitos relacionados à teoria da literatura. No entanto, ao chegar às escolas, muitos professores não conseguem aliar os conhecimentos obtidos em sua formação acadêmica com a prática educativa.

É preciso repensar certos valores e, sobretudo, perceber obstáculos entre a realidade do ensino brasileiro e às expectativas quanto ao trabalho com os alunos. A ausência de uma Didática da Literatura Brasileira na universidade pode contribuir para que muitos profissionais se sintam desorientados em seu trabalho na escola, afinal, a percepção das diferenças entre o contexto escolar e o contexto acadêmico gera conflitos. Ser um bom pesquisador não significa necessariamente tornar-se um bom professor. E a preocupação com aspectos metodológicos do ensino de Literatura não deve ser só uma preocupação dos cursos de pós-graduação em Educação, pois, por mais conhecimentos pedagógicos que esses cursos possam oferecer, lhes falta o conhecimento literário, que é próprio dos cursos de Letras.

É importante salientar que a realização dessa pesquisa acarretou dificuldades em aliar as duas áreas do conhecimento, Educação e Literatura, pois muitas referências são específicas de cada área e poucas obras tratam de metodologias referentes ao ensino de Literatura, sobretudo no Ensino Médio. Apesar do número reduzido, foram encontradas referências muito significativas que auxiliaram na realização desse trabalho, como os estudos das autoras Bordini, Aguiar e Zilberman, as quais realizaram pesquisas quanto ao ensino de literatura no Rio Grande do Sul.

Infelizmente, ainda existem poucos estudos pedagógicos referentes à Literatura Brasileira no Ensino Médio, o que se constitui numa grande barreira na realização dessa pesquisa. Por isso, este trabalho visa contribuir como uma tentativa de reflexão sobre o objeto de trabalho dos professores da área de Letras, que é a disciplina de Literatura no Ensino Médio. Precisamos dar mais atenção ao que nos diz respeito, se quisermos uma qualificação do trabalho em sala de aula. Através da realização deste estudo, pôde-se perceber uma série de aspectos, tais como a possibilidade de realizar um trabalho de reflexão sobre questões da atualidade utilizando leituras indicadas para o vestibular, pois assim não é



preciso desvincular os objetivos da LDB para o Ensino Médio de uma preparação para o ingresso na universidade. O problema da falta de identificação com as obras literárias pode estar mais diretamente relacionado com as metodologias empregadas do que com a necessidade de inserção de textos contemporâneos na disciplina.

O aspecto da identidade cultural foi bastante debatido e chega-se à conclusão de que depende muito do trabalho do professor permitir uma ênfase em obras regionais, pois já existem autores gaúchos na listagem da UFSM. Talvez as professoras entrevistadas devam dar mais importância às produções de outras regiões, deixando de lado o “bairrismo” por elas citado. Percebemos que muitas questões de importância universal podem ser trabalhadas nos mais diferentes textos, e isso deve vir em primeiro lugar, antes mesmo da necessidade de identificação de aspectos regionais presentes nas obras.

O contato com as redes de ensino foi fundamental para a realização deste estudo, pois permitiu uma visão mais ampla acerca da realidade, dos recursos que cada escola possui e do que é considerado importante pelas professoras. As sugestões apresentadas em contraste com os depoimentos nas obras **Terras do sem-fim** e **Contos gauchescos** foram construídas a partir de uma reflexão voltada para aspectos da atualidade, o que permitiu a consciência de que é possível relacionar texto e contexto de forma muito significativa.

Conhecer as metodologias empregadas pelas professoras foi um grande aprendizado, pois permitiu uma análise dos resultados de cada uma, encontrando aspectos positivos e negativos, que possam servir de reflexão para que novas metodologias sejam construídas por professores de Literatura. Muitas vezes não temos a vivência necessária para criar formas de interpretação em sala de aula, mas a observação de trabalhos já realizados pode permitir uma ampliação de conhecimentos, permitindo a criação de novas possibilidades a partir das falhas e acertos de outros profissionais.

Giroux afirma que “os intelectuais transformadores precisam desenvolver um discurso que una a linguagem da crítica e a linguagem da possibilidade, de forma que os educadores sociais reconheçam que podem promover mudanças”.<sup>107</sup>

Os professores podem realizar o seu trabalho de forma muito mais autônoma, se considerarem que é possível atrelar os conteúdos propostos com o desenvolvimento de atividades que consideram importantes. Que este estudo possa ser uma forma de instigar a reflexão sobre questões que envolvem o ensino de Literatura tanto para professores atuantes nas escolas como para futuros profissionais que possuem muitos questionamentos sobre a prática educativa.

Giroux chama a atenção para a importância de uma formação dos alunos não só voltada para o mercado de trabalho, mas também para o desenvolvimento humano:

Os professores enquanto intelectuais, combinarão reflexão e ação no interesse de fortalecerem os estudantes com as habilidades e conhecimentos necessários para abordarem as injustiças e de serem atuantes críticos comprometidos com o desenvolvimento de um mundo livre da opressão e exploração. Intelectuais desse tipo não estão meramente preocupados com a promoção de realizações individuais ou progresso dos alunos nas carreiras, e sim com a autorização dos alunos para que possam interpretar o mundo criticamente e mudá-lo quando necessário<sup>108</sup>.

O fato de existirem questionamentos nos leva a buscar respostas, que nem sempre são satisfatórias e tampouco definitivas. O trabalho do professor é uma constante busca de novas soluções, assim como a pesquisa acadêmica busca apontar novos caminhos. Que os professores possam ser pesquisadores, sempre desenvolvendo seu potencial investigativo e que os pesquisadores possam se conscientizar, cada vez mais, de que também são professores, procurando, além do conhecimento cada vez mais aprofundado da literatura, obter respostas quanto aos obstáculos que se apresentam no âmbito educacional.

---

<sup>107</sup> GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997. p. 123

<sup>108</sup> GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997. p. 29

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. A educação contra a barbárie. Revista **Educação e Sociedade** v. 17 n. 56, 1996.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural; o iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa (Org.) **Teoria da cultura de massa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

AMADO, Jorge. **Terras do sem-fim**. São Paulo: Círculo do Livro, 1998.

ARENDT, João Cláudio. Um moderno encantado pela tradição. **Revista Discutindo Literatura**, São Paulo: Escala Educacional, v. I , n. 5, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais I: bases legais**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 1999.

BRASIL. Ministério da educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais II: Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 1999.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In:\_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor:** alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BOSI, Alfredo. Uma definição de cultura hoje. **Revista de Cultura e Expressão**, São Paulo: USP. Disponível em <http://www.usp.br/prc/revista/html>. Acesso em 28 de março de 2007.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1980.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. In: \_\_\_\_\_. **Textos de intervenção**. Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

COSTA, Belarmino César Guimarães da. *Comunicação mediática no processo de mundialização da cultura*. In: ZUIN, Antônio Álvaro; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. **A Educação danificada:** contribuições à teoria crítica da educação. Petrópolis: Vozes, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999..

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória:** a problemática da pesquisa. Passo Fundo: Universitária, 2004.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais:** Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GIROUX, Henry. **Teoria crítica e resistência em educação**. Trad. Ângela Maria M. Baggio. Petrópolis: Vozes, 1983.

HABERMAS, Jurgen. O caos da esfera pública. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 ago., 2006. Caderno Mais!

HERMENEGILDO FABIANO, Luiz. Indústria cultural e educação estética: reeducar os sentidos e o gesto histórico. In: ZUIN, Antônio Álvaro; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. **A Educação danificada**: contribuições à teoria crítica da educação. Petrópolis: Vozes, 1997.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (Org). **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAMESON, Frederic. Transformações da imagem na pós-modernidade. In: \_\_\_\_\_. **A cultura do dinheiro**: Ensaio sobre a globalização. Trad. Marcos César Soares e Maria Elisa Cevasco. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. Tradução e notas de Luis Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. 18.ed. São Paulo: Nacional, 1990.

LOPES NETO, Simões. **Contos gauchescos**. Introdução e notas de Luís Augusto Fischer Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.

OLIVEIRA, Sílvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica**. São Paulo: Pioneira, 1999.

PAVIANI, Jaime. **Estética mínima**: Notas sobre arte e literatura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

POPPER, Karl R. A lógica da investigação científica. In: SCHILICK, Morit; CARNAP, Rudolf; POPPER, Karl. **Coletânea de textos**. São Paulo: Abril Cultural, 1975. Coleção *Os pensadores*.

SIDEKUN, Antônio. Cultura e Alteridade. In: TREVISAN, Amarildo Luiz. TOMAZETTI, Maria Elisete. (orgs). **Cultura e alteridade: confluências**. Ijuí, UNIJUI: 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TREVISAN, Amarildo Luiz. Hermenêutica da alteridade educativa. In: TREVISAN, Amarildo Luiz; TOMAZETTI, Maria Elisete (Org). **Cultura e alteridade: confluências**. Ijuí, UNIJUI, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Relação das obras indicadas para o PEIES e vestibular da UFSM** - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005. Disponível em [www.ufsm.br/coperves](http://www.ufsm.br/coperves).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Relação das obras indicadas para o PEIES e vestibular da UFSM-Universidade Federal de Santa Maria.Santa Maria, 2006. Disponível em [www.ufsm.br/coperves](http://www.ufsm.br/coperves).

WARNIER, Jean - Pierre. **A mundialização da cultura**. Tradução de Viviane Ribeiro. São Paulo, EDUSC, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 5.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

ZILBERMAN, Regina. Quem se importa com os gêneros de massa? In: ZILBERMAN, Regina (Org). **Os preferidos do público**. Petrópolis: Vozes, 1987.

## **ANEXOS**

## Anexo 1

### Questionário (professor)

- 1- Como professor, você se sente satisfeito com a abordagem histórica que tem sido feita dos conteúdos de Literatura Brasileira no Ensino Médio? Ou seja, concorda com o estudo dos períodos literários privilegiando suas características e autores?
- 2- Você sente a necessidade de inserir autores contemporâneos em suas aulas? Em caso afirmativo, você poderia citar alguns desses autores cujas obras você costuma trabalhar?
- 3- Em sua opinião, quais são as principais necessidades dos alunos no que se refere ao ensino de Literatura Brasileira? Você leva em consideração o gosto literário dos estudantes na elaboração das aulas?
- 4- Quais são os principais obstáculos que você enfrenta ao lecionar Literatura Brasileira? Você considera sua formação acadêmica satisfatória em relação aos saberes necessários à disciplina?
- 5- Você julga ter autonomia na escolha dos conteúdos a serem trabalhados?
- 6- Você privilegia o programa da escola e dos vestibulares em suas aulas de Literatura Brasileira? Qual a sua opinião a respeito dos vestibulares? Você os considera satisfatórios?
- 7- Você se sente motivado ao trabalho com a disciplina de Literatura Brasileira no Ensino Médio no que diz respeito ao retorno dos alunos em relação aos conteúdos?
- 8- Fale um pouco a respeito de sua experiência em sala de aula, sobre o que é mais gratificante no ensino de Literatura Brasileira, o que algumas vezes o desencoraja a trabalhar com a disciplina e, se há algo que você pensa que precisa mudar na abordagem dos conteúdos a fim de resgatar o interesse dos alunos pela leitura.
- 9- De que maneira você realiza o trabalho com a obra *Terras do Sem - Fim* no terceiro ano (metodologia, questões abordadas na interpretação, enredo)? Como é a recepção dos alunos em relação a essa obra?
- 10- De que maneira você realiza o trabalho com a obra *Contos Gauchescos* no terceiro ano (metodologia, questões abordadas na interpretação, enredo)? Como é a recepção dos alunos em relação a essa obra?



## Anexo 2

### Questionário (alunos)

#### 1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

#### 2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)

#### 3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?

#### 4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

#### 5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?

### Anexo 3

#### Listagem das obras indicadas para o PEIES e vestibular da UFSM <sup>109</sup>

As leituras obrigatórias para o PEIES-2005/2006 no terceiro ano do Ensino Médio foram:

1. **Eu**, de Augusto dos Anjos
2. **Contos Gauchescos**, de Simões Lopes Neto
3. **A rosa do povo**, de Carlos Drummond de Andrade
4. **Concerto campestre**, de Luís Antônio de Assis Brasil
5. **Morte e Vida Severina**, de João Cabral de Melo Neto
6. **O continente**, de Érico Veríssimo
7. **Porteira fechada**, de Ciro Martins
8. **Poemas** de Manuel Bandeira
9. **Poemas líricos** de Mário Quintana
10. **Terras do Sem –fim**, de Jorge Amado
11. **O centauro no jardim**, de Moacyr Scliar
12. **Vidas secas**, de Graciliano Ramos

Já para o vestibular, a listagem das obras indicadas segue abaixo:

- 1 - Antônio Vieira – **Sermões escolhidos**:
  - **Sermão da sexagésima ou do evangelho**
  - **Sermão de Santo Antônio ou dos peixes**
  - **Sermão do bom ladrão ou da audácia**
- 2 - **Grandes poemas do romantismo brasileiro** (Org. Alexei Bueno)
- 3 - Machado de Assis – **Contos**:
  - **O Alienista**
  - **Missa do galo**
  - **A cartomante**
  - **Pai contra mãe**
  - **Uns braços**
  - **O enfermeiro**
- 4 - Manuel Bandeira – **Libertinagem & Estrela da manhã**
- 5 - Jorge Amado – **Terras do Sem-Fim**
- 6 - Guimarães Rosa – **Primeiras estórias**
- 7 - Clarice Lispector – **Laços de família**
- 8 - Osman Lins – **Melhores contos de Osman Lins**
- 9 - Rubem Fonseca – **Feliz ano novo**
- 10 - Carlos Heitor Cony – **Quase memória, quase romance**
- 11 - Milton Hatoun – **Relato de um certo Oriente**

---

<sup>109</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. *Relação das obras indicadas para o PEIES e vestibular da UFSM*- Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2005. Disponível em [www.ufsm.br/coperves](http://www.ufsm.br/coperves).

12 - Manuel de Barros – **O guardador de águas**

A mesma listagem se manteve entre 2005 e 2006, tanto no PEIES quanto no vestibular da UFSM.

## Anexo 4

### Entrevistas

## PROFESSORA A – ESCOLA PÚBLICA

### Questões 1 a 8 (Anexo 1)

**Professora** - Assim ó, a dificuldade que eu observo, a maior dificuldade, é que a gurizada não tem o hábito de leitura e o vocabulário é cada vez mais pobre. Quer dizer, pobre no sentido de ser, ãhn, cada vez, ou melhor, um tanto quanto distanciado, né? Mais distanciado impossível da língua padrão, então eles encontram uma dificuldade muito grande de interpretar, justamente pela falta de leitura e pelo vocabulário limitado. Então quando eles pegam, por exemplo, ãhn, Macunaíma pra ler, eles têm uma dificuldade enorme, porque falta o conhecimento teórico. E ainda a leitura, eles se perdem na leitura, e, e eles não gostam. Guimarães Rosa é muito difícil pra eles, pra eles entenderem até porque é distanciado da realidade deles. Agora, eu observo que quando, ãhn, quando eu trabalho *Ana Terra*, de *O Continente*, é bem diferente a receptividade...

**Entrevistadora** - É mais próximo da realidade deles..

**P** - Mais próximo, exato. Aí eles gostam e, e o que eu sinto, ãhn, mais do que inserir autores contemporâneos, o que eu acho assim que falta muito é a, é a Literatura Sul- Riograndense. Sabe, eu acho um absurdo, ãhn, a Universidade não privilegiar, né, a nossa literatura daqui do Rio Grande. Esse eu acho o ponto mais, ãhn, mais triste, né? Quer dizer, as obras que são pedidas, ãhn, eu acho que falta muito e, e os alunos sentem isso. Porque quando eles perguntam onde nasceu, né, quando a gente tá trabalhando Érico Veríssimo, onde nasceu Érico Veríssimo, eu disse “Rio Grande é coisa nossa, gente”, pronto, eles se interessaram, foi a obra mais bem trabalhada que eu tive com eles, foi a obra do Érico Veríssimo. Então eu acho que, nesse sentido, falta. E em relação aqui aos obstáculos, é, é justamente essa questão, a falta de leitura deles, né? Aquela falta do hábito de leitura, de ler um bom livro, eles ãhn, o maior obstáculo pra mim são os resumos dos cursinhos e a Internet. Então...

**E** - Porque já tem tudo pronto, né? Então...

**P** - É, exato. Então eu sempre tenho que fazer um trabalho diferenciado com os alunos. Eu não, eu tenho que cobrar geralmente a produção deles, né? Adaptações, algo assim que eles realmente tenham que ler, faço em seminário, mas sempre tentando fugir do padrão, que aí eles não encontram disponível na internet, e, eu considero assim, ãhn, que em relação à formação acadêmica, eu considero, eu acho que, acho que é satisfatória, pelo menos eu me formei pela Federal e, não sei como tá agora, mas quando eu fiz, o curso era muito bom. É, é, foi ótimo. E eu faço o que eu gosto, né, porque eu me formei primeiro em Administração...

**E** - Ah, é?

**P** - Áhan... aí comecei a lecionar então, quando eu voltei pra Universidade pra fazer Letras, eu já estava mais madura, já sabia realmente o que eu queria, né, e foi assim um “entregar-se” bem maior, né, do que se fosse em Administração. Eu acho que essa questão do currículo vai muito do aluno, né, o aluno que busca, que gosta, né, é aquela história que eu digo pra minha filha, se a gente faz o que gosta, a gente busca o conhecimento. Então aí é complicado... ãhn, em relação aqui à autonomia na escolha dos conteúdos, é uma autonomia relativa..

**E** - Áhan..

**P** - Porque existe um programa, né, pro PEIES, pro vestibular, que não tem como fugir, né, então eu tenho autonomia no sentido de incluir ãhn..

**E** - Essas obras...

**P** - É...né..exato, e colocar, ãhn, recheiar, então tem aquele conteúdo mínimo, que eu não posso fugir dele, que seria uma inseqüência minha, mas posso colocar, ãhn, outros conteúdos, o que eu acho interessante. Nem sempre dá tempo, né...porque se fosse trabalhar de uma forma bem, bem tradicional, aí seria com, ãhn, bem mais fácil, levaria menos tempo em sala de aula. Mas como eu gosto muito da produção, né, ãhn, faço muito seminário em relação às obras, procuro trazer muito pra realidade, então quando eles trabalham, quando eles lêem *Vidas Secas* eles acham que é um horror, né, então, quando eu começo a puxar se têm Fabianos aqui no Sul, né, que tipos de Fabianos, aí demora mais..

**E** - Sim, porque tem que fazer todo um resgate cultural...

**P** - Exato. Então daí fica mais difícil, né, de ver outros conteúdos, né...Acho que já respondi, né, o programa da escola e dos vestibulares...não dá pra fugir disso, né? E torno a dizer que, né, “qual a sua opinião à respeito dos programas dos vestibulares?”, ãhn, eu acho que não, não tenho nada contra ao programa, eu só acho que tem que privilegiar mais a nossa Literatura Sul- r iograndense..

**E** - É que tem muita Literatura do Nordeste, né?

**P** - Exato. Porque se já se está trabalhando Jorge Amado..

**E** - É, não teria porque colocar *Vidas Secas*...

**P** - Exato, né, ou então, né, dar umas pinceladas...ãhn, a abordagem histórica dos conteúdos...

**E** - Seria aquela periodização...

**P** - Tem que ter.

**E** - Por essa ordem assim...

**P** - Eu acho que tem que ter porque facilita. Se o aluno, ele tem um conhecimento teórico daquele período, muitas vezes ajuda na interpretação, porque como ele tem muita dificuldade pra interpretar, por algum lugar ele tem que puxar, né, então eu acho que , parto sempre pelo cuidado de dizer, e colocar que a Literatura não é fragmentada, ela não é estanque, ela não condiz, que é só um recurso, né, pra se trabalhar as obras.

**E** - E os alunos chegam a fazer pedidos, assim, de trabalhar alguma obra?

**P** - Não...

**E** - Ou reclamam?

**P** - Pedido é não trabalhar nenhuma, né?(risos!) É não trabalhar nenhuma. A não ser Paulo Coelho, que eles falam bastante de Paulo Coelho. Então eu procuro, quando eu trabalho, por exemplo, quando eu trabalho Guimarães Rosa, alguns textos, ãhn, cuja temática é a loucura, daí eu procuro fazer um gancho com Paulo Coelho, né, que algumas obras do Paulo Coelho, né, quando é trabalhada a questão da loucura, daí, aí eles gostam.

**E** - É, dá pra fazer os dois, né, em função da ligação entre os conteúdos.

**P** - É, ãhan, isso eles gostam, exato. Embora, né, a gente faça sempre aquele comentário que o Paulo Coelho não é considerado...aí eles dizem “ai, grande bobagem, né, professora, o que interessa é que ele ganha muito dinheiro!” E eu digo “é, realmente!”

**E** - E o que a senhora pensa assim, sobre essa questão dos autores contemporâneos, de eles não serem estudados, né, que eles deveriam ser estudados ou, de certa forma, os autores que estão sendo estudados eles já são, por si só, uma representação?

**P** - Não, eu acho que tem que ter muito cuidado com os autores contemporâneos tem, sabe, eu acho que não é, ãhn, esquecer, tu não pode perder a trajetória, né, eu acho assim, a nossa cultura muito imediata, e muito imediatista, né e isso é natural, tudo bem, tem que estudar o

hoje, mas não dá pra esquecer o ontem, né? Então acho assim ó, tem que ter cuidado na seleção dessas obras porque, ãhn, até, né, não sou nenhuma crítica literária, mas...

E - Nem todas são de qualidade...

P - Entende? Nem todas são de qualidade. A gente vê muita publicação assim muito pobre, né? Então tem que ter um cuidado muito grande nesse sentido, né? Mas tem, tem horrores que a gente trabalha, né, contemporâneos..

E - Em geral, a senhora se sente satisfeita então com o trabalho na escola?

P - Me sinto tão satisfeita que eu tô na vice-direção, eu não era pra ter turma, e não consigo ficar sem.

E - Quantas turmas a senhora tem?

P - Eu tenho duas turmas, né? Mesmo contrariando a diretora, que eu não poderia ter nenhuma, foi a condição que eu impus, né, que eu só ficaria na vice-direção se eu continuasse com ,pelo menos, uma turma. Porque é o que eu gosto de fazer, me realiza.

E - Que bom, né? Porque muitas vezes as pessoas têm a idéia de que, na escola estadual, os professores são desmotivados. E essa pesquisa até é justamente para ver, né, o quanto que também existe o trabalho bom nas escolas públicas, que não são só as particulares, né, que tem essa preocupação...

P - É, eu já trabalhei em cursinho, mas tive que largar o cursinho em função da minha filha, né, que eu não tinha tempo pra ela...eu já lecionei em escola particular, mas eu acho que o trabalho é, pra mim, sempre foi o mesmo. Tanto no cursinho quanto aqui no Maneco quanto quando eu dava aula no Constantino e coincidia o horário, eu privilegiei sempre a escola pública, porque eu acho que o comprometimento nosso com a escola pública é muito maior, né, e eu acho que o aluno, o aluno da escola pública paga mais caro ainda, né, que o aluno da particular, então, eles merecem, né? Acho que, não vou dizer que eu seja o supra-sumo, não é isso, né? Mas tenho muito, adoro, adoro minha sala de aula com eles, adoro, me divirto muito, tá, procuro trabalhar a Literatura de uma forma bem, né, eu não sei te dizer o que que eu amo mais, se a Literatura ou o Português, né, ou a Língua, então, eu até gosto de trabalhar com as duas, um tempo eu trabalho com a Língua, outro com a Literatura, né, mas na língua eu trabalho de uma forma mais tradicional assim de, sabe, eu não me estresso com a questão das produções de texto e tudo mais, e a Literatura eu procuro trabalhar de uma forma mais lúdica, pra tentar fazê-los gostar porque, ãhn, eu procuro embasar o meu trabalho com a antítese de uma professora que eu tive no Centenário na Primeira Série, que era um horror aquela professora, ela era tudo o que eu abomino em alguém, ela chegava na sala de aula com uma má vontade, abria aquele livro-texto que eu não agüentava, em função de que eu não tenho, né, um livro assim a ser seguido, e ela abria e ficava lendo pra gente. Aí eu me lembro que ela marcou uma prova sobre *Dom Casmurro*, e eu comecei a ler e aí, achei horrível, ignorei, não li mais, e fiz a prova e tirei Zero, porque eu respondi toda a prova como se a Capitu fosse um homem! Aí quando eu tirei Zero eu me senti muito mais medíocre que a professora. Daí que eu fui ler, ãhn, *Dom Casmurro* e li toda a obra do Machado de Assis e me apaixonei. Então eu disse que isso é algo que eu nunca quero ser. Então eu posso estar com dor- de- barriga, dor-de- cabeça, tudo o que for. Eu entrei na sala-de-aula, eu não posso ser aquela professora que eu tinha!

E - É, às vezes, os exemplos que não são bons ajudam a gente a ir por um caminho melhor.

P - É, exato!

E - Que bom! Então tá, professora, muito obrigada!

## Questões 9 e 10 (Anexo 1)

**P** - Eu trabalho com Terras do Sem Fim mais pro final, em agosto. E aí é bem interessante porque eles trabalham com teatro, né? Ou eles podem fazer uma criação, partindo do texto original, né, ou eles podem escrever o texto e aí a turma é dividida em grupos e eles têm liberdade total. A única coisa que eu não aceito assim é que eles me apresentem um trabalho bem informal. Porque isso aí eles podem copiar, tirar da internet, de polígrafos de cursinho, então eu nunca cobro, só comento em sala de aula com eles. Para a avaliação eu cobro muito, é, ou eles fazem teatro, eles podem criar jornal partindo do texto. E como às vezes têm os alunos que não gostam de trabalhar dessa forma, aí então eu peço pra eles uma análise da obra, né, mas não com tempo, espaço, esse tipo de coisa não, daí é mais assim ó, uma produção de texto sobre a obra enfocando um tema com algumas questões...

**E** - E no caso, existe alguma resistência por parte dos alunos pelo fato da obra não ser da região, a questão do cacau...

**P** - É, eles não têm uma resistência explícita, mas eu observo uma... que eles se identificam muito mais quando eu trabalho *O Continente*. Sem dúvida, o interesse pela obra, a aceitação é muito maior. *Ana Terra* eles amam.

**E** - Existe aquela coisa de de repente considerar que "ah, não tem nada a ver comigo", de Terras do Sem Fim ser uma obra mais distante...

**P** - É. É. A colocação dos alunos é sempre uma crítica à UFSM, por não privilegiar a Literatura sul-rio-grandense. Eu noto assim que é bem uma coisa de bairrismo mesmo. Acho que todo o gaúcho tem, né? A questão de que o Rio Grande é melhor. E eu senti uma identificação muito maior deles nesse texto.

**E** - É, é uma questão bem recorrente, né? O fato de preferir a Literatura sul-riograndense. Que fosse prioridade nos vestibulares...

**P** - É, exato. Inclusive eles comentam, principalmente na época quando alguns fazem o vestibular na universidade de Santa Catarina, tem gente que faz em Santa Catarina, aí eles sentem quando pegam o programa, né, aí aquela reclamação de que como Santa Catarina, privilegia autores de lá e que nós aqui não, o que é isso. Acho assim que trabalhar *Contos Gauchescos*, trabalhar *O Continente* com eles é bem melhor.

**E** - E *Contos Gauchescos* então, a senhora ainda não trabalhou...

**P** - Não, eu faço, depende da turma, né? Tem turmas que tem no início do ano, então tem turmas assim que são mais descontraídas, daí eles preferem, ahn, mas assim, com contos geralmente a gente faz um seminário em sala de aula, aí cada dupla lê um conto, aí a gente faz um círculo e daí nós vamos discutir o texto, né, cada uma conta a história, aí nós vamos discutir a questão do gaúcho.

**E** - E o vocabulário dessa obra, ele também é bem difícil, né, apesar de ser regional tem todas aquelas expressões, né, então, se não é uma edição que tenha um glossário...

**P** - É, mas o interessante é que eles não reclamam disso. Já quando eu coloco, eu tô agora trabalhando Augusto dos Anjos, daí eles reclamam da linguagem, ou se eu tô trabalhando Guimarães Rosa também, eles odeiam Guimarães Rosa, até porque eu acho que, o programa dos vestibulares não foi feliz também na escolha dos textos, tem alguns que são mais, que são mais acessíveis pra eles. Engraçado que se tem palavras estranhas em Guimarães Rosa, eles enchem o saco reclamando. Agora se tem num texto aqui do Rio Grande, aí não tem problema.

**E** - Então pode-se dizer que a senhora teve boas experiências, tanto com a obra *Terras do Sem Fim* quanto com *Contos Gauchescos*?

**P** - São boas experiências...

**E** - Sem muitos problemas?

**P** - É que eu acho assim que a gente tem que procurar é cativar o aluno na questão da leitura. Eu sempre conto pra eles a minha experiência...eu já te contei, né?

**E** - Sobre a professora que...

**P** - Que era horrível,né? Pois é. Aí eu sempre conto pra eles e digo, “você não vão esperar acontecer isso,né, pra vocês tirarem um zero, pra vocês aprenderem a gostar, né”? Aí eles dão risada, eles vão se desarmando.O melhor é que agora não tem Macunaíma também, né?

**E** - Macunaíma também é bem, “reclamado” assim...

**P** - É, é bem reclamado.Então, assim, antes de trabalhar Macunaíma, eu sempre procurava colocar muito a questão do perfil do Macunaíma, de ele ser “pegador”, como eles gostam de dizer!Daí eles já gostam mais, tanto que eu tenho um aluno,que disse assim “eu não gostava desse cara, mas acho que ele até é parecido comigo.” São jeitinhos de chamar a atenção deles, né?

**E** - E no caso, o que a senhora acha dos vestibulares, das questões propostas sobre essas obras, seriam questões que privilegiam o pensamento crítico ou elas são bem pontuais assim, perguntas sobre personagens, espaço..?

**P** - É, eu acho uma diferença bem grande entre a Federal daqui e a UFRGS, por exemplo.Eu acho que a UFRGS trabalha mais com a questão da criticidade, mas acho que tem, tem havido uma mudança aqui...

**E** - Agora nas últimas provas houve a tentativa da interdisciplinaridade, né, entre as matérias, mas mesmo assim não sei se chega-se a privilegiar a criticidade...

**P** - É, eu acho que a interdisciplinaridade é muito modismo.Não que não seja interessante, mas acho que não é o centro de tudo, não, como colocam. Eu acho que a interdisciplinaridade ocorre dentro da cabeça de cada um, né, e não...então, claro, por exemplo, numa escola trabalhar, assim se fosse possível, organizar os conteúdos, de repente eu tô trabalhando ãhn, tô trabalhando o Pré- Modernismo e a História pegasse o mesmo período, mas mesmo assim é difícil a gente conseguir conciliar isso nas escolas. Então, né, se na escola nós não temos como conciliar, né?Porque é complicado, toda uma estrutura que teriam que mudar, para trabalhar. Então eu acho que eles estão sozinhos.

**E** - É , muitas vezes a maneira como é feita a interdisciplinaridade, não parece.

**P** - Se você vai ver hoje a competência lingüística dos alunos para produzir textos, nem se compara com a da minha época. Pelo amor de Deus, na minha época, né (eu tô com 44 anos) era muito diferente. A gente estudava, não tinha essa história de tornar mais bonito, ou mais lúdico ou mais isso. Claro que, podendo privilegiar em torno do texto para fazer um trabalho, abordando justamente essa questão de que o conhecimento implica dedicação, implica disciplina,né?Baixar a cabeça, perder horas ali estudando e entendendo, né? Hoje não, hoje parece que a culpa, a culpa toda, toda tá no professor e não é assim.A gente vê que a gurizada hoje tem tantos outros atrativos. Então tem coisas assim, a interdisciplinaridade é uma coisa que eu não gosto, porque como que um professor na escola vai ter tempo se cada vez mais há um enxugamento,né? E eu acho assim que o pessoal da universidade está muito distante da realidade.As escolas de Ensino Médio e Ensino Fundamental são outra realidade.É muito fácil eles, com uma carga horária bem menor, dedicação exclusiva, ficar pensando, teorizando. Agora vai para uma escola, vem aqui para o Maneco.Pega nove turmas, dez, doze turmas de quarenta alunos para ver, né?

**E** - É, e uma coisa que eu noto assim é que os próprios cursos de Letras ,né, que existe uma distância entre aquilo que é privilegiado no curso mas e depois, né?Parece que os professores não se preocupam com a questão de assim, “ah, nós estamos formando professores”. Não, estamos formando estudiosos de Literatura, quando na verdade são pessoas que vão, a



maioria, né, para as escolas. Mesmo no caso se, nós, que fazemos Mestrado, futuramente, nosso trabalho é com alunos, né?Então como ignorar a questão do aluno, né?Essas questões de como essas obras influenciam ou não na aprendizagem desses alunos. Porque é muito bonito fazer um estudo sobre a obra, né, no caso, mas qual seria a aplicação disso na escola?Então, acho que deveria existir uma preocupação maior dos cursos de Letras nesse sentido.

**P** - A faculdade, o curso de Letras serviu muito assim, apenas se eu pensar em alguns professores, que realmente me acrescentaram.

**E** - Existe uma exigência do vestibular em relação aos professores das escolas, quando na verdade a formação desses professores também está deficiente na universidade.

**P** - Eu acho, pelo amor de Deus, o que chegam de professores aqui na escola que não sabem nem o Português direito. Isso é algo que, como diz a minha mãe, ao invés de ficar “enchendo lingüiça” com tanta coisa que não tem sentido. Até o professor universitário não se dá conta do aluno que ele está largando no mercado de trabalho.

## **PROFESSORA B - ESCOLA PÚBLICA**

### **Questões 1 a 8 (Anexo 1)**

**Professora** - Em relação à abordagem dos conteúdos de Literatura Brasileira no Ensino Médio,ãhn, bem como à questão, ãhn, dessa aqui que fala sobre a autonomia, né, tanto a um quanto a 5 sobre a autonomia da escolha, eu me sinto completamente amarrada com a escola, uma vez que a escola, ela é credenciada no PEIES e a Universidade Federal de Santa Maria está muito ligada na Literatura Portuguesa.E a Literatura Portuguesa, ela não é abordada no vestibular em outras universidades.Então, isso eu me sinto extremamente amarrada.E eu acredito que nós temos que ter, ãhn, e eu gosto muito da questão dos autores contemporâneos em sala de aula, os quais, ãhn, não são abordados pelo gosto do aluno. Então eu tento sempre colocar, pelo menos o que eu considero, né, os símbolos da Literatura Gaúcha e como, exemplificando,né, Luís Antônio de Assis Brasil, Moacir Scliar, ãhn, que acho extremamente, ãhn, interessante.Não consigo passar para os alunos, ãhn, já que tá muito fechado na questão da literatura Brasileira. Eu não posso colocar por exemplo, eu faço até referência,a, ao, qualquer outro, até mesmo ãhn, Eduardo Galeano com as crônicas e, e há um estranhamento. E, mesmo assim, como a Literatura ela, pra mim, ela tem uma linguagem universal,porque ela tá falando do ser humano, para o ser humano, eu não consigo abordar porque eu tô muito fechada. Me sinto extremamente amarrada na questão dos conteúdos, tanto ao PEIES quanto ao vestibular.Ãhn, com relação a, a esses ãhn, são pra mim, pra mim são esses,né, a questão dos obstáculos que eu enfrento, uma cobrança desse aluno que está com esse programa do PEIES me colocando, acho difícilimo,ãhn, essa abordagem do PEIES, acho que deveria ser o inverso. Acho que nós deveríamos começar no Primeiro Ano com uma Literatura Contemporânea, pra quando eles têm mais maturidade, maior conhecimento, ãhn, do que é Literatura,falar então de Literatura, ãhn, informativa, de Literatura, ãhn, Portuguesa,no Terceiro Ano.Acredito que, se não fizer o inverso, cada vez a gente tá distanciando mais eles.No Primeiro Ano tu tem a idade,né, na minha sala, entre 14 e 16 anos, que nunca tiveram Literatura, que pra eles, eles acham que Literatura é ler livros...

**Entrevistadora** - Sim...

**P** - E ler, e ler o que eles querem apenas, dentro do gosto deles. Âhn, eu acho completamente natural, ãhn, a rejeição que eles têm dessa Literatura!

**E** - Eles já não gosto de ler, né? Imagina se é algo é não faz parte da realidade deles...

**P** - É, já não gostam de ler, não faz parte do mundo deles, o estranhamento quanto a linguagem principalmente, né, dentro do Trovadorismo, as canções.Eles não entendem a questão dramática, não entendem a questão lírica, não entendem a sátira, porque não tá ao alcance deles, eles não têm um conhecimento, uma base.E, e eles vêm também muito despreparados para o Ensino Médio. Como eles têm uma leitura focada apenas no Best-Seller, claro que Danielle Still,ãhn, qual é o outro que eles gostam esse ãhn, Anjos e Demônios..

**E** - É, dos novos agora...tem o Código da Vinci...

**P** - Isso, o Código da Vinci,isso, daí eles adoram!Mas se tu vai a, a, ao processo também muito bairrista, eu acho que a gente gosta de consumir a nossa própria Literatura Gaúcha.Ãhn, eu me vejo muito fechada nisso. Acredito que se as Universidades não abrangerem, claro, tirando, ãhn a questão da necessidade de se conhecer, a questão, não bem dos períodos, não coloca-los em caixinhas, mas saber o contexto histórico.Eles acham muito estranho quando eu digo assim “não, mas também tem alguém aqui que já escreve assim como lá no Barroco”. Eles acham que são caixinhas, que nunca mais ninguém vai fazer esse

tipo de Literatura. Eu me sinto amarrada pelo conteúdo, isso é uma das coisas que eu reclamo bastante na escola, mas, ãhn, uma das, também das tratativas com a supervisão é, que se a escola é credenciada pelo PEIES, eu sou obrigada a seguir este conteúdo. Também vejo que a gente trabalha muito pouco, ãhn, a questão da, da poesia, que a poesia tem pra eles todo um...um sentido de romantismo, de ser, ãhn, ligados, né, apenas à temática do amor, é, é difícil. É difícil trabalhar com o adolescente com a poesia. Essa ruptura que ocorre, que eu acho que ela ocorre a partir assim de Quinta Série, parece que é uma ruptura com a Literatura. Não sei o que que ocorre da Quinta para a Sétima série que é uma ruptura. E principalmente com relação à Poesia. Não sei se eu te respondi tudo...

**E** - Tinha uma questão quanto à formação acadêmica...

**P** - Tá, o que que era, só um pouquinho, ãhn, você considera sua formação... eu não senti segurança na minha formação acadêmica de graduação. Eu precisei fazer um Pós em ensino de Literatura para me sentir um pouco mais segura. No entanto, há um distanciamento com os alunos. A tua leitura, o teu prazer de ler, em saber da necessidade do silêncio e do isolamento é incompreensível para eles, totalmente incompreensível que pra ler tu tens que estar ãhn num momento centrado. Porque é um momento teu, um momento individual, e é um momento também assim ó, de reflexão. Porque não é só discutir as letras, né, tu tens que entender o que está além do que está escrito. E realmente assim, a obrigatoriedade da leitura, eu utilizo como um recurso, avaliando, porque eu não consigo fazer-los, né, trinta e poucos alunos, trinta e seis alunos, fazer com que eles gostem..

**E** - Sim...

**P** - E eu lembro que quando eu conversava com um dos meus professores ele dizia “se tu tens trinta e seis, trinta e oito e tu tens dois que gostam te dá por satisfeita, já tá bom.” Porque senão é difícil, nem todos gostam . Eu sempre digo “vão até a página cinquenta. Se na cinquenta vocês não conseguiram entrar na história, então larguem’ . E o estranho é o seguinte, se eu conto a história oral, eles gostam.

**E** - A linguagem é outra, né...eles não tem aquele trabalho, né, do vocabulário..

**P** - É, mas outra, na nossa semana literária, nós lemos pra eles. Eu li pra eles, pra todas as turmas, alguns capítulos eu iniciava, capítulo 1, capítulo 2, eles acompanhavam e parece que a leitura alta, a leitura em voz alta, prende mais a atenção deles. Mas eu acho que só uma formação acadêmica, apenas uma graduação, eu senti muitas lacunas. Muitas lacunas, né, porque sem curso ou sem estar dentro, né, do meio acadêmico, até tu perdes um pouco essa vontade de ensinar.

**E** - Até esse trabalho eu estou fazendo justamente por essa questão da falta de segurança, porque o curso em si ele não prepara completamente para o trabalho na escola, e as vezes a gente tem muito presente essa questão de os alunos não gostarem daquilo que a gente é obrigado a trabalhar, então a minha grande questão é até que ponto a autonomia do professor, né? Até que ponto tu consegues fazer um trabalho satisfatório em questão de formação do leitor mesmo, e em questão do próprio vestibular, né? O que acaba sendo priorizado e até que ponto tu consegues fazer aquilo que tu gostarias.

**P** - É, mas eu não consigo fazer o que eu gosto porque eu gosto de Literatura Comparada, e eu tenho que conhecer determinados conteúdos, né? Por exemplo, pegar o mesmo texto e ver com a mesma temática ver as formas de cada um , de cada olhar, ou até mesmo um livro com um filme, né? São duas linguagens diferentes...

**E** - É isso é muito bom..

**P** - Sim, mas é que não dá porque a gente é atrelada, a gente é amarrada a um sistema. Na verdade é um sistema tanto escolar quanto do vestibular, que não nos deixam, que nos amarra.

**E** - E a escola aqui é também credenciada ao PEIES, né?

**P** - Ela é credenciada e é obrigatório seguir o programa, os professores são obrigados a seguir o programa, porque como eles fazem a prova no fim do ano tu tens que ter dado conta do conteúdo.

**E** - E aí não sobra tempo, né, pra trabalhar outras obras...

**P** - É, e eu pra mim assim, ó, soa um pouco como absurdo o primeiro ano ter que ler Camões!Então o que que tu vai fazer, né, qual a estratégia. Aí tu pega o resumo dos cantos, e eu fiz com que eles fizessem uma representação gráfica daquilo ali. Na verdade eu sei que cada um ganha um canto, mas pelo menos eles estão sabendo!Mas é bastante frustrante. ..

**E** - Ok, professora, muito obrigada.

### **Questões 9 e 10 (Anexo 1)**

**P** - Eu trabalhei o poema *Canto do Gaúcho* e depois *Contos Gauchescos* com os terceiros anos, e a gente passou à questão da identidade.Eu trabalhei o conto do Simões Lopes Neto, *No manantial,Trezentas onças* e mais um conto, que eu não lembro. Mas o que eu fiz então?Falamos da questão da identidade e reconhecimento dos próprios alunos, de como eles liam o canto, quais eram as formas de identidade ainda hoje com os atos, com a questão da linguagem, a estranheza com relação ao narrador, ao Blau Nunes.Falamos sobre o Simões, depois falamos do contexto social, falamos sobre questões históricas que ele aborda. A questão que era assim bem temática de todo o trabalho, de falar sobre o gaúcho, nós fizemos um trabalho de interpretação mesmo, bem do nível pedido pelo PEIES, das leituras obrigatórias, eu até acho que era do vestibular, e depois nós fizemos um tipo de recital, não bem trova, porque a trova não deu certo, eles não conseguiam fazer, mas houve o trabalho de um poema, a construção de um poema com os nossos dizeres. Aproveitando o trabalho do dicionário do Luís Augusto Fischer, que tinha muitas palavras típicas daqui...

**E** - O dicionário porto-alegrense?

**P** - Não, o gauchês aquele.

**E** - ãhan.

**P** - E depois disso a gente fez uma lista daqueles dados que tinham do livro: o mate, os causos, a questão da solidão, a necessidade de conversar com outros, e hoje, como era, ou como está a questão do gaúcho.Foi basicamente isso que foi feito em aula.

**E** - E o que a senhora sentiu em relação à turma? Eles gostaram?

**P** - Gostaram. A Literatura Gaúcha eu acho que já por ser identificatória com o próprio público, ela é divertida para eles porque existe toda essa questão de ser , de “ah, isso a minha avó tinha”, que é a cadeira de balanço, que é o ferro, aí eles passaram a comentar sobre as coisas que tinha na casa das suas avós.Eles adoraram!Se divertiram muito!

**E** - Nenhum protesto quanto à linguagem da obra?

**P** - Nenhum protesto. Nada, nada, nada. Pelo contrário, eles gostaram, ficaram muito tranquilos, contentes, muito melhor do que trabalhar Barroco ou então Arcadismo.

## **PROFESSORA C - ESCOLA TÉCNICA**

### **Questões 1 a 8 (Anexo 1)**

**Professora** - Então, respondendo a tua primeira questão sobre como a Literatura Brasileira tem sido abordada no Ensino Médio, eu considero importante que foi mantido no currículo de Ensino Médio a Literatura, e considero fundamental o trabalho, o bom trabalho, né, em função de ela envolver esse lado humano, acho que é a única disciplina no Ensino Médio que fica mais responsável por isso. Tem a Filosofia também e eu acho isso muito importante, tudo o que foi mantido na grade curricular, e eu acho que os professores tem feito um bom trabalho.

Bom, em relação à questão 2, sobre os autores contemporâneos, que eu trabalho, eu gosto muito de trabalhar com os autores gaúchos, como Luís Antônio de Assis Brasil, Veríssimo, eu gosto é de trabalhar com os gaúchos. Eu acho que primeiro a gente precisa conhecer o que nós fizemos, para depois conhecer que os outros fizeram. Não acho que isso é ser bairrista...

**Entrevistadora** - Mas é o que está mais próximo, né?

**P** - É, eu acho que tem que começar por aí, eles tem que ler autores que têm algo de mais parecido com eles, e por isso mesmo que eu gosto de trabalhar com autores gaúchos, tem um autor muito bom que surgiu agora recentemente, o Alcir Cheuiche, muito bom escritor, mora aqui perto, em Caçapava do Sul, então a gente tem que valorizar o que é nosso, e tem os escritores aqui de Santa Maria também.

Em relação à questão 3, eu acho fundamental a Literatura permitir, respeitar o gosto do aluno. Ele tem que ler. Não adianta fazer com que os alunos decorem, ahn, características, nomes de autores, se eles não lêem o mínimo que seria necessário. Então eu tento, na medida do possível, me inteirar do que os alunos andam lendo, para poder pelo menos tentar aproximar a minha aula um pouco daquilo que faz parte da realidade deles. Mas nem sempre é possível, na maioria das vezes a gente acaba tendo que trabalhar obras que não são agradáveis para eles, em função do vestibular mesmo.

Bom, e quanto aos obstáculos, eu considero os resumos que os cursinho pré-vestibulares e a internet fazem das obras indicadas. Por que o aluno já não lê, então, se ele tem um resumo, se ele pode simplesmente ligar o computador na casa dele e copiar e colar, aí sim que a leitura vai ser algo cada vez mais difícil. Eles apertam Control C, Control D e pronto, eles tem o resumo das obras que caem nas nossas avaliações. OS meus filhos mesmo fazem isso, e com a Internet aí, que é uma ferramenta poderosa, é muito difícil lutar contra isso aí, porque é onde se tem tudo pronto.

E quanto à autonomia, bom, a gente sempre tenta fazer uma aula de acordo com aquilo que a gente considera interessante, mas é complicado conseguir trabalhar tudo, porque tem que dar conta do PEIES, e infelizmente o restante acaba ficando em segundo plano, né, se dá tempo a gente trabalha, mas é difícil. E já respondendo, né, a tua próxima questão sobre o vestibular e o programa da escola, né?

**E** - Isso...

**P** - É como eu tava te dizendo, eu tenho que privilegiar o programa da escola, que por sua vez privilegia o vestibular e o PEIES, e com isso eu acabo não conseguindo trabalhar tudo o que gostaria. Mas sempre se tem um jeito de tentar aproximar a obra da realidade do aluno, fazer alguns ganchos e tal...

**E** - E a senhora se sente muito frustrada por não conseguir inserir mais obras nas aulas?

**P** - Olha, os autores gaúchos , como eu acho fundamental, eu sempre dou um jeito de, pelo menos, falar um pouco a respeito das obras e dos autores em aula. Mas eu gostaria de dar uma ênfase maior para a nossa Literatura, e nesse sentido eu me sinto um pouco frustrada.

E sobre a motivação com o trabalho com a disciplina de Literatura Brasileira, bom, eu acho que, como eu gosto bastante de Literatura eu acabo me motivando mais, embora muitas vezes não dê para fazer um trabalho como eu gostaria, e também o que desanima muito a gente é o desinteresse dos alunos, né, porque o que seria mais importante, pra mim, é que eles lesem, mas a gente sabe, é raro um aluno de Ensino Médio ler uma obra inteira. Ainda mais se é uma leitura que não condiz com a realidade deles.

**E** - Existe algo que a senhora considera necessário que mude dentro da abordagem dos conteúdos para que se possa resgatar o interesse dos alunos?

**P** - Olha, a gente faz o que pode, mas eu acredito que, como eu já te falei, se houvessem mais obras gaúchas na lista das obras indicadas para o PEIES, com certeza seria mais fácil ir, aos poucos, resgatando o prazer da leitura dessa gurizada, porque a verdade é que o que eles não conhecem, não desperta o menor interesse, e eu vejo isso quando trabalho obras como *Vidas Secas* , que trata de uma realidade completamente diferente. E o que move o trabalho com a disciplina na escola são as obras indicadas, porque a gente não tem como fugir delas, né? E além, disso, eu acho que, assim, o quanto for possível trabalhar com o próprio texto das obras, melhor. E em sala de aula, porque, o que se deixa pro aluno ler em casa, com certeza, em sua grande maioria, né? Eles procuram o resumo, procuram o resumo porque é mais fácil, então é muito importante o trabalho em sala de aula, principalmente. Ler com eles, conversar com eles, e tentar mostrar que ler é muito importante na formação intelectual, e humana também, né? É o que eu acho, não sei se respondi tudo?

**E** - Sim, professora, agradeço muito a sua atenção, muito obrigada.

## PROFESSORA D - ESCOLA PRIVADA

### Questões 1 a 8 (Anexo 1)

**Professora** - Bom, em relação à primeira questão, se eu me sinto satisfeita com a abordagem que tem sido feita dos conteúdos de Literatura Brasileira no Ensino Médio, ãhn, eu posso abordar propriamente o PEIES?

**Entrevistadora** - Sim...

**P** - Olha, eu até agora fiquei mais contente com essa mudança de 2004, que está incluindo crônicas, né, autores como Cecília Meirelles e Vinicius de Moraes já no primeiro ano. Eu acho que é por aí mesmo. Acho que as cartas do Pero Vaz de Caminha, aquela Literatura do Anchieta, mesmo as do Vieira, elas na verdade são bastante cansativas e elas afastavam os alunos, com certeza, da Literatura. Quando a Literatura começava a ficar interessante, que era no Terceiro Ano, eles estavam indo embora. Exato. Então eu acho que essa inversão, até essa sugestão de nomes já no Primeiro Ano é fundamental. Eu até diria assim, uma inversão quase que total assim dos autores porque os autores modernistas, principalmente as crônicas são mais próximas dos alunos. E a partir daí pra gente os levar pra Poesia, né, que a Poesia também é bastante interessante. Por exemplo, o Drummond, ele parece ser bastante “profundo” e tudo, mas o aluno de Primeiro Ano, se bem trabalhado, eu acredito que ele tem condições de acompanhar. Então eu considero essas mudanças que o PEIES sofreu agora bastante boas, sugestivas, e espero que continue.

Em relação aos autores contemporâneos, eu, como eu gosto bastante de crônica, porque eu acho que ela é um incentivo para obras mais longas, eu acho que ela é um bom começo, e realmente eu já trabalho, por exemplo, com o PEIES agora eu tô fazendo isso, com a Martha Medeiros, né, Luís Fernando Veríssimo, até não autores tão contemporâneos, mas dentro da área da crônica, m Rubem Braga, Fernando Sabino. São curtos, interessantes, e incentivam a ler o todo da obra. Até o Manuel Bandeira, por exemplo, eu trabalho algumas crônicas dele antes mesmo de entrar na Poesia. E depois é uma entrada, né, eu acho que nesse sentido assim, eu gosto desses autores contemporâneos, principalmente na área da crônica.

**E** - É um incentivo, né?

**P** - É um incentivo. Até agora a Lya Luft, entrando também no aspecto da Poesia, são autores que fazem parte da realidade do aluno que vai ler de qualquer forma. Bom, em relação às necessidades dos alunos, eu acho fundamental a teoria da Literatura. Até pra ele entender que ler Literatura não é ler qualquer outro texto. Por mais que eu parta da crônica, é lógico que há todo um embasamento teórico de linguagem, a questão do conotativo, denotativo, a questão do sujeito lírico, fazer essas distinções, que ele não é o poeta em si, necessariamente. E aquela diferença também entre os diferentes focos narrativos, né? Aí até o Cony, né, foi trabalhado também justamente porque ele vai trabalhando, correndo, digamos assim, dentro da obra dele *Quase memória, quase romance*, e também a própria questão da Clarice Lispector, que muitos não gostam, mas tem alguns contos dela que eu acho que são bem, dá pra trabalhar com eles, são curtos, e dá pra trabalhar essa questão da sondagem psicológica, trabalhar esses elementos estruturais, que eles são da linguagem literária dentro da Literatura. Fundamental então essa Teoria da Literatura do Primeiro Ano trabalhando já com autores modernos. Essa é a questão. A poesia narrativa também, né como *Relato de um certo Oriente*, quando eles lêem, é uma incompreensão, eles criticam, acham horrível, porque na verdade eles não são habituados com aquilo ali. Então depois que você explica, olha, lê assim, faz assim, eles dizem “ah, professora, agora tá fazendo sentido!” Então eu acho que eles precisam disso aí, de enfrentar a linguagem literária, os procedimentos daquilo que é característico da Literatura.

O que mais...obstáculos? É ver a Literatura Brasileira como um texto fechado, obrigatório, que eles não querem, que eles não gostam. Então isso aí, sim. Mas daí à medida que eu vou mostrando que os autores têm vida própria, que eles existem, que eles têm carne e osso, né, só que são diferentes pontos de vista e enfoques sobre a mesma realidade, até na questão d' *Os Sertões*, sobre Canudos, então tem essa inserção também na área da História, mostrando que na verdade, às vezes a própria Literatura conta muito mais. E também trabalhando a questão da universalidade. Que na verdade você está vivendo vidas, né, experiências que você pode adquirir através dos livros sem que você tenha que se expor a elas. Então eu sempre digo que uma pessoa que lê muito, ela é mais madura. Então nesse sentido.

E bom, “você julga ter autonomia nos conteúdos a serem trabalhados”? Bom, nós temos o PEIES, né? Mas dentro disso, né, a gente sempre traz os textos que a gente gosta mais! Então eu procuro adequar. Se “você privilegia o programa da escola e do vestibular em suas aulas de Literatura”, com certeza. Com certeza porque é a própria filosofia da escola, a orientação nossa da escola. Mas não que a gente...que seja estanque. Até inclusive nós tivemos ótimos cronistas na sala de aula. Então a gente incentiva isso, a que eles possam fazer também Literatura.

**E** - E qual a sua opinião a respeito dos programas dos vestibulares?

**P** - Bom, como eu falei pra você essa inversão é fundamental. Na Literatura, é fundamental. Exato, não começar pelos autores antigos. De jeito nenhum. Eu acho que é porque é um texto muito fechado, a linguagem é arcaica, né, então eu acredito que dá para inverter muito bem.

**E** - E o que você pensa a respeito da abordagem histórica dos conteúdos, ou seja do estudo de características de obras e autores?

**P** - Bom, eu deixo bem claro que isso aí é meramente didático. Eu digo assim, ó, tudo tem que ter uma linha de estudo, por onde começar. Mas eu sempre deixo bem claro que isso aí é bastante até arbitrário.

**E** - E a senhora segue, na aula, assim?

**P** - Olha, na verdade, não muito.

**E** - A senhora trabalha com os três anos ou só com os terceiros?

**P** - Só com os terceiros. Mas eu também trabalho no PEIES com o Primeiro, tá, no Pré-Vestibular, e eu sempre mostro a antiguidade clássica, aquela retomada à Antiguidade Clássica, depois a Idade Média, depois o Renascimento, para que então a gente entre na História, uma Literatura no Brasil e não do Brasil, faço toda essa retomada pra mostrar que o Barroco não tem nada de nosso, sabe aquela lei de Lavoisier de que “na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma?” Então eu tento mostrar que na Literatura não é diferente, que na verdade são pensamentos às vezes mais objetivos, depois mais subjetivos, mas que há essa oscilação e que a Literatura vai refletir isso. Então, é claro, eu situo, mas eu não fico trabalhando sempre em cima.

**E** - E chega a dar tempo de inserir alguma coisa que tu gostarias nas aulas?

**P** - Com certeza! Olha só, fizemos o “Riachuelo na praça”, eles apresentaram a Clarice Lispector, os contos da Clarice Lispector na praça, tá, a gente faz um poema dadaísta em sala de aula, essas coisas, então eu gosto de tentar fazer-los experimentar isso aí. Porque eu sou uma apaixonada pela Literatura, dentro do tempo que eu posso, e é claro, não é o meu carro-chefe, eu vou ser bem sincera, eu trabalho muito mais com o Português, né, mas quando eu trabalho com o Português, por exemplo, eu já exploro aqueles recursos que foram explorados por diversos autores, até aquela questão da verossimilhança, com o Graciliano Ramos, uma linguagem mais descarnada, mais objetiva, mais direta, então eu já vou mostrando isso aí até



no próprio Arcadismo, a ordem direta, porque ela é mais clara, com mais harmonia e simplicidade. Então eu faço esses ganchos aí dentro do que eu posso.

**E** - Só mais uma coisinha....a senhora acha que a sua formação acadêmica dentro da Universidade foi satisfatória, ou foi se acrescentando mais conhecimento com o passar do tempo, com a experiência?

**P** - Olha, ela foi satisfatória porque eu participei de um projeto PIBIC com a professora Sílvia Carneiro Lobato Paraense, e eu posso dizer pra você assim que é antes e pós, entendeu? Eu acredito assim que se eu tivesse passado só com a graduação teriam ficado lacunas muito grandes. Muito, muito grandes. Com certeza. Até em relação ao próprio Português.

**E** - Chegaste a fazer Pós na UFSM?

**P** - Eu fiz a seleção de Mestrado, eu passei, também fiz na PUC,né, mas infelizmente eu não pude dar seqüência justamente porque eu tenho filhos, tenho minha profissão ,e ainda equacionar isso com o Mestrado foi impossível. Mas eu ainda pretendo quando os meus filhos crescerem um pouquinho, né, por essa paixão, com certeza. E outra que eu estava fazendo em Literatura Portuguesa e eu trabalho com Português, e com Literatura Brasileira, então estava...

**E** - Muita coisa...

**P** - É, estava pulverizando demais e daí não ia dar certo. Então eu tive que parar um pouquinho, redimensionar, fazer algum esforço, né, porque eu acho que faz parte, porque no momento em que você faz alguma coisa só em função do título, ela perde um pouquinho do sentido.

**E** - Tá bom, professora, muito obrigada.

### **Questões 9 e 10 (Anexo 1)**

Na obra Terras do Sem-fim eu trabalho a ideologia, porque o Sequeiro Grande é uma mata,e houve um tempo em que os machados, as machadadas de um lado eram ouvidas pelo outro lado e então, e isso aí na obra não entra em discussão, mas eu faço com que eles discutam isso em aula, entendeu? Até para que ela tenha um sentido para eles, né? Também as relações de poder, né? Porque na verdade são dois grupos: os Badarós de um lado, o Horácio de outro lado e os mecanismos que eles utilizam para manter esse poder. Eles são totalmente ilícitos. Eu divido a turma em dois grupos: tudo o que mantém os Badaró e todos os que são ligados aos Badaró: quem é, porque, normalmente é interesse econômico, que vai ficar com um pedaço da mata. Porque tem alguma honra, alguma espécie de rixa antiga. Com o Horácio, a mesma coisa, quem faz parte do grupo do Horácio, quais as relações... Outra coisa que eu faço também com que eles discutam, também aquela relação, dos cruzamentos assim, como que eles acontecem, como por exemplo no Horácio, ali a esposa dele que não se identifica de jeito nenhum com ele, né?E nem com os mecanismos que ele utiliza, né? Então ela logo se identifica com o Virgílio, que estudou, que é advogado, que tem um pouquinho de cultura, coisa que o Horácio não tem...

**E** - Ele se identifica mais com ela..

**P** - Claro, e tanto é que ali os dois têm essa relação e que formam esse trio, né, esse trio amoroso aí. E o fato também, por exemplo, de quando ela, o próprio Horácio, ele é acometido pelo tifo, né, então, que todo mundo acha que ele vai perder, aquela coisa toda, ela o trata bem, mas depois é ela, e ela sucumbe, né, então toda essa quebra de expectativa porque quando ela morre, aí o aluno já vai pensar “não, então tá tudo ok”, aquele aspecto da honra, que todo mundo achava que mais cedo ou mais tarde ele descobriria, né, a relação amorosa extra- conjugal..

**E** - E não descobre, né?

**P** - Na verdade não descobre ali, e quando ela morre todo mundo pensa: “agora acabou”, e a gente vê que não, que mesmo depois dela morta ele descobre através das cartas..

**E** - E aí ele vai lá e mata..

**P** - Exato, e essas coisas assim, por exemplo, o Maneca Dantas, que está do lado do Horácio, essa questão também ,por exemplo, o Maneca Dantas avisa o Virgílio, o que seria uma certa traição em relação ao Horácio, o Horácio diz “eu vou matar”, e ele avisa o Virgílio como se dissesse “foge, some daqui!” e aquela relação com o visgo do cacau. Em toda a obra tá mais ou menos dito assim, ó, “quem se envolve com cacau acaba não saindo mais”, né então mesmo o Virgílio, olha só, sabendo que seria morto se ficasse ali, ele mesmo diz, “a Éster já morreu mesmo”, né, quer dizer, se eu for embora ele vai me achar em qualquer outro lugar mesmo, então, quer dizer, eu vou ficar por aqui mesmo, e ele acaba sendo abatido, né? A questão da hipocrisia, que é das nossas relações sociais hoje, né? A hipocrisia depois porque quando ela chega a isso, né? E ele deixa em todos, todos os níveis, né, ele fica com a mata do Sequeiro Grande, ele é inocentado da tocaia do Juca Badaró, e ele vence em todas as áreas e inclusive ele não morre. A esposa dele morre. Ele mata o Virgílio e ele fica bem. E ele ainda lembra no discurso, né, quando o local se torna uma cidade, ele mesmo diz : “ao meu tão amigo Virgílio, à minha tão e abnegada esposa”, certo? E no entanto quem lê a obra sabe que ele tá mentindo, sabe que aquilo ali é pura hipocrisia porque ele sabe o que realmente aconteceu, então o que eu faço assim ó, é não deixar essa obra na obra, entendeu? Eu tento dizer assim ó, que aquelas relações de hipocrisia, essas relações de poder, de usar mecanismos ilícitos, por mais que hoje já se tenha, digamos, amenizado um pouquinho, não é tão dura, porque lá é bem claro, ou tu tem dinheiro... até tem uma relação assim na obra, aquela questão de que, naquela terra, quem é covarde não tem espaço. Por que? Porque lá é uma terra de jagunços, pessoas assim, assassinos que matam, e por interesses realmente, então não tem muita lei, né, essa coisa judicial assim não tem muita força lá, então eles dizem né, que todo o covarde lá, ele não vai ter espaço.

**E** - Tem uma parte na obra em que tem uma discussão...

**P** - Claro, o único que é medroso e que é respeitado ali é o médico, né?

**E** - Ele tem o direito, né?

**P** - Exatamente, os outros não, quer dizer, qualquer outro que seja “frouxo” morre, né? Ou não pode ficar por aquelas bandas, digamos assim. Então são relações bem duras, mas que em alguns lugares é uma questão às vezes de sobrevivência você estar do lado de alguém. Eu aproveito até para trazer algumas coisas reais, não se se tu lembra do caso de uma freira que foi morta..

**E** - Sim.

**P** - Pois é, o que que aconteceu, ela, foi dito pra ela parar, e ela não parou, e mataram, sabe? E daí também tem um outro, ele é bem mais antigo, o Chico Mendes. Lembra do Chico Mendes?

**E** - Sim.

**P** - Pois é, o Chico Mendes também foi a mesma coisa, ele começou a defender uma minoria lá, avisaram para ele, mandaram cartas dizendo “ó , você vai morrer”, ele avisou a polícia, né, que ele ia morrer, que não sei o quê, que ele precisa de proteção, e não deu em nada, ele acabou sendo morto, sabe, então essas coisas eu digo assim que isso aí não é ontem só não, na realidade você vê essas coisas acontecerem.

**E** - Isso que é o mais importante, como você consegue relacionar a obra com a realidade do aluno..

**P** - E tem que fazer isso, porque se não tem como. E eu até faço assim, uma vez eu pedia primeiro para eles lerem a obra para depois problematizar. Não, tem que problematizar

primeiro. Teve essa história da freira, agora por último aquele que era petista. Bom, eu agora não lembro o nome. Mas então, primeiro eu problematizo isso: relações de poder, como é que se norteia isso, até o Farias, lembra? Foi queima de arquivo aquilo tudo, até depois, olha só, são vários exemplos da realidade que a gente tem, o juiz Nicolau, Lalau, pois é, ele foi acusado e ele mandou um recado pra todo mundo em *off* assim, o que que ele dizia, “eu não vou falar nada, eu não lembro de nada, como se dissesse “fiquem bem, eu não sou uma ameaça, eu não vou abrir o jogo”, e para quê? Para que ele se mantivesse vivo. Então dependendo assim do que é mais atual, política eu gosto muito, eu problematizo, falo das relações de poder e digo que isso aí ,a medida que vocês forem lendo a obra, eu quero que vocês percebam esse tipo de relação.

**E** - E você conta o enredo antes ou depois dessa problematização?

**P** - Não, eu não conto o enredo. Eu só digo que tudo isso, essas situações que eu estou trazendo da realidade, eles vão encontrar na obra. E eu conto que há uma rixa pela posse da terra do Sequeiro Grande, mas eu não conto especificamente, porque se eu contar isso eu tiro o porquê de ler a obra, e ele vai ir para qualquer resumo e encontra.

**E** - E não tem aquela cobrança, por exemplo, em relação à questões do enredo, porque o vestibular cobra detalhes, eles não falam “ah, a professora não nos deu passo a passo”...

**P** - Não, mas depois eu dou. Não, não ,daí depois que eu faço tudo isso, que eles leram a obra, entendeu, que eles já são capazes de discutir, então por isso que eu digo ó, tal lado é responsável pelos Badarós, tal lado é responsável pelo Horácio. Só que para você ficar de um lado ou de outro, você precisa ter lido toda a obra. Então, quer dizer, eles têm um conhecimento geral, só que na hora de discutir, de eu apresentar o enredo, de quem está com quem, então eu tenho quem fala, e isso aí como é que acontece? Para eu poder já avaliar também, né?

**E** - Você trabalha então com os pontos de vista..

**P** - Sim, porque os Badarós são mais tradicionais, né, e tem todo aquele conflito, por exemplo, com o Juca Badaró que é muito a favor de que o Sinhô Badaró mate, que mande “atocaiar”, né, ele tem toda aquela relação de “ah, eu não queria envolver sangue, eu não queria isso, eu não queria aquilo”, mas ele acaba vendo as suas forças se esvaírem e tendo que lançar mão desse recurso, e até o negro que é encarregado de fazer isso, né, de executar, também enlouquece a consciência, né, aquela consciência que diz que não deve matar ,que não é certo matar, de que envolve uma questão ética e moral, e para eles saberem do que eu estou falando, para eles participarem da discussão, eles têm que ter lido. E já ter lido prestando a atenção, eu não contei a história toda, mas eu digo “vai ter isso, vai ter aquilo”, então vocês têm que saber como isso acontece dentro da obra. A própria questão da honra, que mesmo a mulher tendo sido morta, matar o Virgílio. É uma situação que ainda acontece no Mato Grosso, não só lá, mas lá ainda é bem cruel assim, bem crua, de que se lava a honra com sangue.

**E** - O fato de saber que foi traído e não fazer nada é visto como covardia...

**P** - Isso é uma afronta, imagina! Claro, e outra também, por exemplo, a queima do cartório, né, aí é uma outra relação já, de poder, de suborno. Primeiro subornar o escrivão para dizer que a terra do Sequeiro Grande tinha uma antiga escritura para dar para o Horácio. Daí o outro fica sabendo, daí manda queimar, olha só, então todo esse processo judicial. Toda essa trama, primeiro eu trabalho em relação ao que a gente tem hoje, digo que eles vão encontrar isso na obra e que eu quero saber como, quem faz o que e para que lado, e com que intenções. Porque, por exemplo, o Firmo, ele está com as terras que atrapalham os Badarós, né, e ele tá do lado de quem, do Horácio, então, quer dizer, “ah, ele tá atrapalhando? Ele não tá cedendo e a gente tá pressionando, pressionando”, e hoje em dia a gente tem isso também, né, ou seja,

quando uma empresa quer comprar um espaço e não consegue, né, dá um jeito de ir para algum viés ou outro, então de certa maneira tem alguma semelhança. E tem também aquela questão assim, de que “a terra foi adubada com sangue” então isso é muito horrível assim, e é verdade, muitas pessoas tiveram que morrer, muita coisa teve que acontecer para que o cacau fosse cultivado. E o cacau frutificou antes, né, um ano antes do que deveria, justamente porque lá era uma terra propícia, mas era mesmo uma terra adubada com sangue. E muitas coisas hoje, histórias que a gente tem, muitas datas que hoje a gente tem o Dia da Mulher, o Dia da Consciência Negra, pessoas tiveram que morrer. Nós comemoramos essas conquistas, mas não sabemos que foi bem sangrento o processo para conseguir.

**E** - Sim, foram lutas difíceis..

**P** - Outra coisa também, as relações das mulheres, porque a Éster, por exemplo, ela não se adapta àquele meio, né, é um ambiente inóspito, hostil para ela, já para Don´Ana Badaró não. E ela entra na luta, tanto é que depois que todos abandonam a casa, ela se esconde, né, quando está se dando o “xeque-mate” final, para dominar os Badarós, ela se esconde e ainda tenta atirar, né? Então quer dizer que são mulheres distintas, que se envolvem de maneiras distintas, né, e coisas que nós temos até hoje, então eu já peço, ó, vai ter uma relação da mulher, como é que uma se comporta, quero saber como é que a outra se comporta. A própria questão do Magalhães, né, ele acaba casando, se tornando um Badaró e até, digamos assim, assumindo aquela luta, ele que era tão “vivo”, né? Ia para um lado e para outro e não se importava com nada. Outra questão também é de a Don´Ana Badaró não ter sido executada, um dos poucos momentos de decência da obra, ou seja, não se atira em mulher, né? Essas coisas assim, e tudo eu tento fazer com que o aluno fique curioso, entendeu? Então ele sabe que todas essas tramas vão acontecer, que vai ter um trio amoroso, tá, que vai ter essa coisa da “tocaia”, né, que uns vão estar de um, lado, outros vão estar de outro e tudo isso mostra o que vai ter, eu só não digo como que vai ter. Depois que cada um leu a gente vai problematizar essa situação, então a gente discute, eu pergunto como que eles viram a questão da mulher, por exemplo..

**E** - Você percebe que eles se envolvem?

**P** - Acabam se envolvendo. E não tem como não se envolver, e acho que é muito por eu ser professora assim, eu não deixo ninguém quieto. Eles sabem, é grupo tal e grupo tal. Mas eles não sabem para quem que eu vou pedir para falar, eu costumo dizer assim “eu quero ouvir você um pouquinho” Eu nomeio, isso significa que se eles disserem “tá, professora, mas eu não gostaria de falar, eu digo “eu não quero que vocês falem muito, quero que vocês falem um pouquinho”. Eu também coloco para eles antes da avaliação que a avaliação não é só a prova, a descrição oral deles também está sendo avaliada, e um dia eles também vão ter que fazer explicações. Eles começam de “né, né, né”, são tímidos, são alunos que a gente nunca vê, nunca ouve, então é uma chance de ouvi-los também. E uma que eu sou bem categórica: se outro falar, eu passo a palavra pra ele. Então eu acho que é uma estratégia minha, assim, e eu gosto de ouvir, e até para saber se eles leram.

**E** - É, uma das coisas que alguns professores reclamam é isso, de como saber se os alunos leram ou não. Porque hoje em dia os resumos dos cursinhos são bons demais, eu li a obra Terras do Sem Fim e depois li o resumo de um cursinho pré-vestibular, e é bem detalhado o resumo, ele trouxe até questões de reflexão.

**P** - Claro, que talvez o aluno não enxergue lendo a obra. E por isso eu digo assim ó, o aluno diz, “o resumo ou o livro” e eu digo “os dois”.

**E** - Então como você percebe se ele leu só o resumo ou também a obra?

**P** - Pela discussão, eu acho que daí dá. Até porque eles vão ter que saber um lado, vão ter que saber o outro, não basta só saber linhas gerais, né? Eu quero saber quem fez o que exatamente, então por aí, nessa obra, que funciona. Nessa obra é dessa maneira que eu

trabalho. Então eu peço para o aluno falar sobre o cartório por exemplo. Todo mundo sabia do que eu estava falando.

**E** - E na avaliação você pede para eles explanarem mais essa questão de reflexão sobre essas questões incitadas pela obra? Ou mais sobre o enredo mesmo?

**P** - Aí eu não posso esquecer a instituição é voltada para o vestibular, então o que eu faço, todo esse aspecto, a contextualização com a realidade, tudo é para incitar o meu aluno a ler aquilo ali. Mas depois na hora de cobrar, aí eu sou mais estrutural mesmo. Só que claro, às vezes eu faço uma contextualização que a UFSM também faz, por exemplo, os Sem- Terra, já teve uma questão sobre o MST, então isso sim, então eu digo olha, aconteceu tal fato na realidade que muito se assemelha com o fragmento da obra, por exemplo, *Terras do Sem Fim*, e tal fragmento se adapta realmente a que trama? Daí eu começo: Horácio com Éster, não, do Sinhô com a Dona Ana, sabe? Essa coisa toda, para ver se ele consegue, se ele leu a obra, se ele sabe do que eu estou falando, ele sabe a que personagens eu estou me referindo. Então é só uma contextualização assim.

**E** - É ,mas só pelo fato de, na sua aula, você conseguir fazer essas ligações com a realidade já é importante.

**P** - O que eu mais focalizo nessa obra são as relações de poder, os instrumentos usados para manter isso aí. Bom e daí agora a obra *Contos Gauchescos*. O que eu trabalho bastante nessa obra *Terras do Sem - Fim* são as relações de poder e o comportamento das mulheres, tá, mais ou menos isso é o que eu gosto de trabalhar. Já *Contos Gauchescos* são contos, então eu parto do pressuposto de que todos tenham lido todos, e daí eu trabalho muito com o conceito de narrador, porque a gente vê isso de maneira diferente, porque o Simões Lopes Neto elege o Blau Nunes. É uma questão de verossimilhança, para dar mais credibilidade para aquilo que está sendo contado, e o Blau Nunes coloca de maneira diferente. Há contos em que o protagonista é o personagem- narrador, né? Há outros que ele só ouviu falar, então quer dizer, ele não estava presente, ele não viu, ele só ouviu falar, e há outros em que ele está presente, mas ele não é o protagonista, ele está mais na condição de observador e às vezes de participante, mas de maneira muito secundária, não é o principal, então mostrar que acontecem essas relações assim, e daí a partir disso dá para começo a analisar isso em outras obras, mas eu parto dessa, o narrador nessa obra eu acho ótimo.

**E** - Como que ele conduz a narrativa, né?

**P** - Exatamente, toda a história. Como que é o narrador- personagem, como que é o narrador-observador, como que é o narrador personagem que não é protagonista.

**E** - Eu estou pensando bastante as questões do narrador, e eu estou tentando comparar uma e outra, a questão de *Terras do Sem-Fim* também, porque o narrador, ao mesmo tempo que ele tem um comprometimento, parece que ele não tem, e no *Contos Gauchescos* há um comprometimento total porque o Blau Nunes é um nativo...

**P** - Não, e a descrição que ele faz no início, né, ele tem uma memória muito boa, ele tem 88 anos e faz toda aquela descrição sobre o tarumã verdejante, adoro, adoro essa parte de descrição do narrador porque dá credibilidade.

**E** - É muito bonita mesmo a descrição.

**P** - Não, e ele diz, ó, eu sou tosco, né, quer dizer, eu tenho uma absorção limitada da realidade porque eu não estudei, mas eu vivi isso, sabe? Então todo esse aspecto também do tarumã verdejante, que ele frondoso, que ele grandão, mas ao mesmo tempo ele é muito acolhedor, tem esse aspecto hospitaleiro do gaúcho ,então eu consigo trabalhar bem.

**E** - O narrador mostra um certo posicionamento em relação à história, no *Terras do Sem-Fim*, quando ele comenta o fato de as pessoas migrarem para Ilhéus em busca de dinheiro.

Algumas vezes é a voz das personagens, mas outras vezes é o narrador que apresenta um certo julgamento.

**P** - Ele está analisando a situação, exatamente. Ou as vezes até motivados por vingança, né, porque o Horácio, a maneira como ele conseguiu vencer, foi enganando. Então todos esses motivos são analisados pelo narrador. Mas ainda sobre *Contos Gauchescos*, também, eu trabalho como que é o gaúcho, eu comparo com a obra de José de Alencar, porque ele escreve *O gaúcho* de maneira totalmente artificial, sem ter vindo ao Rio Grande do Sul, né? Mas ele cria uma imagem que de certa maneira é verdadeira, que é o “centauro dos pampas”, isso é lá do Alencar, o centauro dos pampas, que é uma figura mitológica metade gente, metade cavalo, e isso se aplica ao nosso gaúcho.

**Anexo 5**

**Questionário aplicado aos alunos**

**ESCOLA A - REDE PÚBLICA**  
10 Questionários

## Questionário (alunos)

Anexo 2

### 1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

### 2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)

*Modernismo*

### 3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?

*Não já tem autor, obra demais*

### 4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

### 5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?

*Não, Ama Terra - Erico Veríssimo*



Questionário (alunos)

Anexo 2

1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta  
( ) Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular  
( ) Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes  
 Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida  
( ) Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)

ARCADISMO

3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?

4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

- ( ) possuem vocabulário difícil, palavras complicadas  
( ) possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos  
( ) são agradáveis de ler  
 são chatos e não despertam interesse  
( ) Outra opinião. Qual?.....

5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você

leu? Não leio muitos livros ultimo o qual li Foi Lopes de Fomplia

Questionário (alunos)

Anexo 2

1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta  
( ) Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular  
( ) Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes  
( ) Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida  
( ) Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)

Romantismo e Modernismo

3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?

Estudo os que gosto.

4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

- ( ) possuem vocabulário difícil, palavras complicadas  
( ) possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos  
( ) são agradáveis de ler  
( ) são chatos e não despertam interesse  
 Outra opinião. Qual? ... São interessantes, porém tem uma linguagem muito difícil.

5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu? Depende. O último livro foi O Alquimista

**Questionário (alunos)**

**Anexo 2**

**1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:**

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

**2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)**

*Modernismo*

**3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?**

*Não, já tem bastante.*

**4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?**

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

**5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?**

*Não. ~~A~~ A Rosa do Porto de Carlos D. de Andrade*

Questionário (alunos)

Anexo 2

1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- ( ) Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta  
( ) Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular  
( ) Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes  
( ) Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida  
*ops... errei*  
 Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)

Romantismo

3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?

Machado de Assis

4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas  
( ) possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos  
( ) são agradáveis de ler  
 são chatos e não despertam interesse  
( ) Outra opinião. Qual?.....

5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?

Sim. heio revistas e crônicas

Questionário (alunos)

Anexo 2

1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)

*Modernismo*

3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?

*Gostaria de estudar com um maior enfoque os autores poéticos, pois reletam a formação*

4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

*considero uma boa lista de livros, mas deveriam ter mais*

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas *obras de autores poéticos.*
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?

*Sim. Gosto ler jornais e revistas da atualidade, mas gosto de alguns autores. O último livro que li ~~foi~~ foi "Vidas Secas" de Graciliano Ramos.*

## Questionário (alunos)

Anexo 2

### 1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

### 2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)

### 3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê? NÃO

### 4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

### 5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu? NÃO, O ANALISTA DE BAGE

## Questionário (alunos)

Anexo 2

### 1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

### 2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)

Romantismo

### 3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?

Não

### 4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

### 5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?

Sim. Sidney Sheldon.

**Questionário (alunos)**

**Anexo 2**

**1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:**

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

**2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)** *Modernismo*

**3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?**

*Não*

**4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?**

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

**5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?**

*Sim, Macunaíma*



## Questionário (alunos)

Anexo 2

### 1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

### 2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)

*Barroco e Arcadismo*

### 3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê? *Não, os presentes são necessários.*

### 4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

### 5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu? *Não, Fortaleza digital*

**ESCOLA B - REDE PÚBLICA**  
10 Questionários

**Questionário (alunos)**

**Anexo 2**

**1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:**

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

**2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)** *Romantismo*

**3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?** *Não.*

**4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?**

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

**5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?** *For me. "Feliz e no Jove - Rubem Fonseca"*

Questionário (alunos)

Anexo 2

1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta  
 Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular  
 Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes  
 Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida  
 Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)

*Modernismo*

3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?

*Sim, os da literatura clássica, estrangeira*

4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas  
 possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos  
 são agradáveis de ler  
 são chatos e não despertam interesse  
 Outra opinião. Qual? *Tem livros mais velhos, já outros, como Macu-haima são difíceis e não despertam o meu interesse*

5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você

*leu? Eu costumo ler bastante, mas nesse ano não foi muito possível devido aos muitos conteúdos a serem estudados. O último livro lido foi "Os Ratos"*

**Questionário (alunos)**

**Anexo 2**

**1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:**

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

**2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)**

*Romantismo*

**3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?**

*Não*

**4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?**

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

**5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?**

*Não - o último livro foi "A Moreninha" de Joaquim José de Alencar*

**Questionário (alunos)**

**Anexo 2**

**1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:**

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

**2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)**

Romantismo

**3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?**

**4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?**

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

**5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?**

Não | feliz Ano Novo

**Questionário (alunos)**

**Anexo 2**

**1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:**

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

**2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)**

*Romantismo e Realismo.*

**3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?**

**4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?**

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual? *Alguns são bons mas outros são totalmente inúteis.*

**5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você**

**leu?** *Sim. Vidas Secas.*

Questionário (alunos)

Anexo 2

1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)

*Romantismo*

3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?

*Paulo Coelho,acho maravilhosos os livros dele.*

4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler *(feliz Ano novo)*
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?

*não vivo muito devido a falta de tempo deste ano de vestibular. O último foi Código da Vinci.*



**Questionário (alunos)**

**Anexo 2**

**1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:**

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

**2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)**

*Romantismo, Realismo e Vanguardas Europeias*

**3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?**

*Não.*

**4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?**

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual? *Alguns são chatos e difíceis de ler.*

**5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?**

*Sim. "A Metamorfose" de Franz Kafka.*

Questionário (alunos)

Anexo 2

1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex:

Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.) *Tropicalismo e Parnasianismo*

3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no

Ensino Médio? Qual(is) e por quê? *Sim. Tolkien, Douglas Adams e H.P. Lovecraft*

*pois suas obras se destacam no mundo atual.*

4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

*Resumo*

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você

leu?

*Sim. A Arte de Enganar de Kevin Mitnick*

## Questionário (alunos)

Anexo 2

### 1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

### 2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)

*Barroco, simbolismo e modernismo*

### 3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?

*Murilo Mendes, pois ele é muito bom.*

### 4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

### 5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?

*Sim. Quase memória quase romance de Carlos Heitor Cony.*

**Questionário (alunos)**

Anexo 2

**1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:**

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

**2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)**

**3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?** J.R.R. TOLKIEN, DOUGLAS ADAMS, PERRY RHODAN

**4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?**

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

**5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?** A base de operações - PERRY RHODAN

**ESCOLA C - REDE TÉCNICA**  
10 Questionários

**1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:**

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

**2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)**

*modernismo e romantismo*

**3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?**

**4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?**

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

**5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?**

*Não muito, onze minutos do Paulo Coelho*

Questionário (alunos)

Anexo 2

1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.) *Modernismo*

3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê? *Madame Bovary de Gustave Flaubert*

*pois é importante entender outros obras estrangeiras.*

4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

*Dev-se dar mais ênfase a autores mais interessantes, como o Tempo e o Espaço de Chico Veríssimo.*

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu? *Não, Dances de Família de Blaise Cendrars*

**Questionário (alunos)**

**Anexo 2**

**1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:**

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

**2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)**

*Modernismo*

**3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?**

**4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?**

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

**5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?**

*Não, ultimamente não tenho lido o livro de auto-ajuda.  
espírito.*



**Questionário (alunos)**

**Anexo 2**

**1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:**

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

**2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)**

*Barroco e Neoclássicismo*  
**3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?** *Sim, há uma literatura mais atual, por que se estuda Raimundo Quaresma.*

**4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?**

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

**5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você**

**leu?** *leia mais seu livro, se tem mais livros de que lê atualmente, e último livro que li foi um livro de pedro de alencar*

## Questionário (alunos)

Anexo 2

### 1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

### 2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)

*Romantismo*

### 3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?

*técico Veríssimo, acho interessante.*

### 4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

### 5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?

*Não, não lembro, mas fiz <sup>o</sup> um resumo de "Os Ratos".*

## Questionário (alunos)

### Anexo 2

#### 1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

#### 2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.) *Modernismo*

#### 3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê? *O tempo e o vento, porque fala da nossa história. É bom de ler.*

#### 4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual? *Alguns são ótimos, mas na maioria são chatos.*

#### 5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu? *Sim, adoro ler. Assassinos na Academia Brasileira de Letras. (João Soares).*

Nome: Guilherme Diniz Ribeiro

turma: 3ºG

**Questionário (alunos)**

**Anexo 2**

**1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:**

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

**2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)** *Romantismo*

**3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?** *Não tenho nenhuma sugestão, mas acho que deveria ter outros autores mais atuais*

**4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?**

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

**5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?** *Sim, O último que li foi "O código da Vinci"*



**Questionário (alunos)**

**Anexo 2**

**1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:**

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

**2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)**

*Romantismo*

**3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?**

*Não.*

**4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?**

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

**5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?**

*Não. Feliz ano novo, Rubem Fonseca.*

**Questionário (alunos)**

**Anexo 2**

**1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:**

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

**2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)**

*Modernismo*

**3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?**

*Os mais atuais.*

**4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?**

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

**5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?**

*Quando tenho tempo. Me ocupo muito c/ obras literárias e sobra pouco tempo p/ outras leituras.  
Amor é prosa, sexo é poesia. - Arnaldo Galvão.*

CTISM  
300

**Questionário (alunos)**

**Anexo 2**

**1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:**

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

**2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)**

MODERNISMO

**3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?**

LFV → PORQUE É MUITO INTERESSANTE E ATUAL

**4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?**

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

**5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?**

Feliz Ano Novo → RUBEN FONSECA.

**ESCOLA D - REDE PRIVADA**  
10 Questionários



**Questionário (alunos)**

*Exercícios Particulares*

**Anexo 2**

**1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:**

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

**2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)**

*Modernismo*

**3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?**

*Não*

**4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?**

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

**5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?**

*Não gosto de ler, não leio com muita frequência.  
O último que eu li foi "o continente" de Eric  
Verrill.*

1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.) *Romantismo e Modernismo.*

3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê? *Todos os importantes já se estudei.*

4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?

*Leio mais jornais e revistas. Livro o último foi a novela que dove dimbeiro.*

**Questionário (alunos)**

**Anexo 2**

**1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:**

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

**2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)**

ROMANTISMO E MODERNISMO

**3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?**

**4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?**

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

**5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?**

NÃO, ~~SENHOR DOS ANJOS~~ SACARANA

Questionário (alunos)

Anexo 2

1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)

Identifico-me muito com o ~~Ar~~ Romantismo, apesar de eu não ter estudado muito. Apenas agora despertei como leitor maduro, por isso, com certeza, retornarei às obras clássicas de nossa Literatura.

3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no

Ensino Médio? Qual(is) e por quê?

O estudo de ~~algumas~~ grandes obras estrangeiras seria benéfico para uma melhor compreensão da História mundial, mas, de qualquer forma, embarcamos no desinteresse dos alunos.

4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse

Outra opinião. Qual? São interessantíssimas, mas o que faltou para que eu me esmorecesse mais na sua leitura foi a aproximação delas da minha realidade e da realidade do país.

5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você

leu? Finalizei semana passada "Feliz Ano Velho" e "O Idiota" (M. Rubens Ponso e Dostoiévski). Não fico mais que três dias sem alguma página de Literatura.



Questionário (alunos)

Anexo 2

1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)

*Realismo*

3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?

4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler *Alguns*
- são chatos e não despertam interesse *Masoria*
- Outra opinião. Qual?.....

5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?

*Não muito. Ana Teófilo e Analista de Bage*

**Questionário (alunos)**

**Anexo 2**

**1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:**

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

**2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)**

*Simbolismo, Modernismo*

**3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?**

*Paulo Coelho, Fernando Pessoa*

**4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?**

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....*há...alms...interesses de se ler e outros chatos, devido o conteúdo, vocabulário*

**5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?**

*Não, uma parte de "Porque os homens mentem" (Rui Fernando Veríssimo), até hoje lendo.*

**Questionário (alunos)**

**Anexo 2**

**1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:**

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

**2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)**

*Romantismo e Modernismo*

**3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?**

*Fernando Pessoa.*

**4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?**

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

**5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?**

*Não. o último livro que li foi Feliz Ano Novo  
(Rubem Fonseca)*

Questionário (alunos)

Anexo 2

1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)

*Barroco, Arcadismo*

3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê? *NS*

4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual?.....

5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?

*Sim, o último livro que li foi Diários Secos  
(Graziano Ramos)*



**Questionário (alunos)**

*Flamora S.*

**Anexo 2**

**1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:**

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta
- Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular
- Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes
- Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida
- Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

**2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)**

*Modernismo*

**3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?**

*O Vestibular e o colégio deveriam dar mais ênfase a autores gaúchos.*

**4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?**

- possuem vocabulário difícil, palavras complicadas
- possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos
- são agradáveis de ler
- são chatos e não despertam interesse
- Outra opinião. Qual? *São bons, mas é necessário ter um bom vocabulário ou ter auxílio de um dicionário*

**5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você**

**leu?** *O Guardador de Rezas*

Questionário (alunos)

Anexo 2

1- Você considera a disciplina de Literatura Brasileira:

- Importante para a sua formação pessoal, para ser uma pessoa culta  
( ) Necessária apenas para decorar nomes de autores e obras para passar no vestibular  
( ) Desnecessária, pois os livros estudados não são atuais nem interessantes  
( ) Importante para o vestibular e também para aprender mais sobre o Brasil e ser uma pessoa bem-sucedida  
( ) Importante, mas seria melhor estudar outras obras e autores também, que fossem mais fáceis de ler e entender e que fossem mais atuais.

2-Quais são os períodos literários que você gostou mais de estudar? (Ex: Barroco, Romantismo, Arcadismo, Modernismo, etc.)

*Modernismo*

3-Existe algum autor ou obra que você acha que devia ser estudado no Ensino Médio? Qual(is) e por quê?

*Alguns autores ~~brasileiros~~ estrangeiros conhecidos como : Shakespeare, Desino Comédia*

4- Qual a sua opinião a respeito dos livros indicados para o vestibular?

- ( ) possuem vocabulário difícil, palavras complicadas  
( ) possuem muitas páginas, por isso é melhor ler resumos  
( ) são agradáveis de ler  
 são chatos e não despertam interesse  
( ) Outra opinião. Qual?.....

5-Você é uma pessoa que lê bastante? Qual foi o último livro que você leu?

*Mais ou menos. O Guia do Mochileiro das Galáxias*